

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, E. Miranda e S. Reis

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

NOVEMBRO 1956

N.º 122

SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO

(17 a 24 de Novembro de 1956)

Aproxima-se rapidamente o tempo para a Semana de Oração deste ano. Este é o tempo destinado pela Conferência Geral para os membros da família adventista de todo o Mundo se reunirem em grandes e pequenos grupos a fim de, unidos, obterem auxílio do Senhor.

O êxito desta Semana de Oração depende em grande parte dos pastores e anciãos locais. Muito depende da maneira como se relacionarem com este importante plano. Se desejamos que a Semana de Oração constitua um êxito, temos de fazer com antecedência planos bem amadurecidos. O tempo e o local para as reuniões têm de ser combinados. Deve combinar-se igualmente quem serão os dirigentes e leitores. Também devem fazer-se esforços adequados, com a devida antecedência, no sentido de se obter a cooperação de velhos e novos.

Quando as igrejas são grandes e os membros se encontram muito espalhados, talvez seja bom combinar reuniões para vários grupos em lugares mais convenientes. No passado tem-se feito isso bastantes vezes com bons resultados. É importante que se tomem as medidas para que todos possam assistir quer às reuniões regulares organizadas em casas de culto, quer às que se realizem noutra local.

Para que as reuniões de oração sejam interessantes e úteis é necessário que sejam dirigidas por ho-

UMA MENSAGEM DO CONSELHO DA CONFERÊNCIA GERAL PARA OS PASTORES E ANCIÃOS

mens ou mulheres que para elas tenham feito uma cuidadosa preparação. Mais do que uma vez temos visto escolher alguém para ler a lição da noite já depois da sua chegada ao local de reunião. Não deve ser assim. Quem lê deverá ser escolhido e avisado com tempo suficiente que lhe permita a necessária preparação. Além disso, os que são escolhidos para dirigir devem ser indivíduos cujos corações ardam com o amor de Deus e tenham especial interesse no bem estar espiritual da igreja.

Uns dois Sábados antes do início da Semana de Oração convém que o pastor ou ancião lembre aos membros da igreja que essa semana vai em breve começar; combine os planos para ela; peça a cooperação de todos e dedique algum tempo de oração pedindo a Deus que faça dessa semana um período de refrigério espiritual e de bênçãos para a igreja. Também se devem fazer planos para a oferta

que será levantada no último Sábado.

Esta não deve ser uma Semana de Oração vulgar. Vivemos em tempos perigosos. Os espíritos imundos de Apocalipse 16 estão trabalhando activamente para desencadear sobre o nosso mundo o maior e mais terrível conflito de todos os tempos. Importa que a igreja peça unânime e fervorosamente a Deus que faça os anjos reterem os ventos da destruição durante mais algum tempo ainda, a fim de que a igreja possa completar a sua tarefa. O próprio Senhor nos aconselha a fazer assim. «Uma grande responsabilidade», lemos nós, «repousa sobre homens e mulheres de oração em todas as terras para pedirem a Deus que detenha a nuvem do mal e dê mais alguns anos de graça durante os quais se possa trabalhar para o Mestre. Clamemos a Deus para que os anjos retenham os quatro ventos até que sejam enviados missionários a todas as partes do Mundo e proclamem a advertência contra a desobediência da lei de Jeová». — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 718.

Devemos também orar por um

Este número foi visado
pela
Comissão de Censura

(Leitura para Sábado, 17 de Novembro de 1956)

A Vida Santificada

por ELLEN G. WHITE

A santificação exposta nas Sagradas Escrituras tem que ver com o ser todo — as partes espiritual, física e moral. Eis a verdadeira ideia sobre a consagração perfeita. Paulo ora para que a igreja em Tessalónica possa gozar esta grande bênção: «É o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.» 1 Tess. 5:23 (1).

Muito mais do que o fazemos, necessitamos de compreender o que está em causa no conflito em que estamos empenhados. Necessitamos de compreender mais plenamente o valor das verdades que Deus transmitiu para este tempo e o perigo de permitir que as mentes sejam apartadas delas pelo grande enganador.

O infinito valor do sacrifício

reavivamento no nosso meio. Há anos foi-nos dito: «Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades». *Serviço Cristão*, pág. 41. Se isto era verdade nessa altura, todos nós concordaremos que é igualmente verdade hoje.

Outra coisa que devemos pedir a Deus é a conversão e salvação das crianças e jovens que crescem no nosso meio. De tudo quanto possuímos, apenas a eles poderemos levar connosco para o Reino. Devemos também orar para que um novo espírito de consagração e sacrifício se apodere do coração de cada adventista no Mundo inteiro. E, finalmente, mas não de menos importância, devemos unânimemente pedir a Deus um derramamento mais completo e rico do Seu Espírito Santo sobre nós. Necessitamos dele se queremos terminar a nossa tarefa.

Conselho da Conferência Geral

exigido para nossa redenção revela o facto de que o pecado é um mal tremendo. Por meio do pecado todo o organismo humano é transformado, a mente é pervertida, a imaginação corrompida. O pecado degradou as faculdades da alma. As tentações vindas do exterior encontram eco dentro do coração, e os pés voltam-se imperceptivelmente para o mal.

Assim como o sacrifício em nosso favor foi completo, assim também a nossa restauração da imundícia do pecado deve ser completa. Não há acto de maldade que a lei desculpe; não há injustiça que se furte à sua condenação. A vida de Cristo constituiu um cumprimento perfeito de todos os preceitos da lei. Disse Ele: «Tenho guardado os mandamentos de meu pai». João 15:10. A Sua vida é o nosso modelo de obediência e serviço.

Só Deus pode renovar o coração. «Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efectuar, segundo a Sua boa vontade.» Mas é-nos mandado: «Operai a vossa salvação». Filipenses 2:13, 12.

Os erros não podem ser corrigidos, nem podem operar-se reformas no carácter por meio de fracos e intermitentes esforços. A santificação é obra, não de um dia ou de um ano, mas de uma vida inteira. A luta pela vitória sobre o próprio eu, pela santidade e o Céu é uma luta que dura tanto como a vida. Sem esforço contínuo e constante actividade não pode haver avanço na vida divina, nem consecução da coroa de vencedor (2).

Pela Fé e Obediência

Lemos as biografias de cristãos, e pensamos que a sua experiência

e as suas consecuições ultrapassam inteiramente o nosso alcance. Estas, dizemos nós, são as histórias de alguns que foram especialmente favorecidos pela graça. No entanto, essas altas consecuições estão ao alcance de todos. Cristo morreu por cada alma, e Deus assegurou-nos na Sua palavra que está mais pronto a dar o Espírito Santo aos que Lh'O pedem, do que os pais a darem boas dádivas aos seus filhos. Talvez estejamos empenhados nos deveres comuns da vida cotidiana, mas podemos torná-los sagrados por uma fé simples e fervorosa, e pela oração perseverante e cheia de confiança. Deus é honrado pela firme integridade, pelo santo trato e conversação, do Seu povo, mesmo nos mais humildes caminhos da vida.

Os apóstolos e profetas e homens santos de outrora não aperfeiçoaram os seus caracteres por milagre. Empregaram a capacidade que lhes foi dada por Deus, confiando apenas na justiça de Cristo; e todos que empregarem os mesmos meios podem obter o mesmo resultado. É nosso privilégio alcançarmos elevadas consecuições espirituais; porque a Palavra de Deus o declarou. Mas isso requer fé e trabalho da nossa parte. Devemos ter um ardente desejo de consecuições cada vez mais altas na vida cristã. Paulo exorta-nos a «crescer na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo». Isso implica uma íntima união com Deus, que nos levará a confiar n'Ele, até que tenhamos um conhecimento experimental da Sua natureza divina, e sejamos transformados à Sua imagem. Então podemos glorificar a Deus, revelando àqueles com quem nos associamos o resultado da influência transformadora da Sua graça.

(1) *A Santificação*, pág. 7.

(2) *Testimonies for the Church*, vol. 8, págs. 312, 313.

Há muitos cuja religião consiste apenas em teoria. Para eles uma emoção feliz é piedade. Dizem: «Vinde a Jesus, e crede n'Ele. Não importa o que credes, contanto que sejais honestos na vossa crença.» Não procuram levar o pecador a compreender o verdadeiro carácter do pecado. Não se insiste com ele para que investigue as Escrituras com os joelhos dobrados, a fim de que possa conhecer o que é a verdade, ou para que ore, a fim de que os seus olhos sejam ungidos com colírio para que possa ver a graça de Cristo.

Quando o escriba se aproximou de Cristo, dizendo: «Mestre, que farei para herdar a vida eterna?» o Salvador não disse: Crê, crê somente, e serás salvo. «Que está escrito na lei?» disse Ele; «como lês?» O escriba respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.» Cristo disse: «Respondeste bem; faze isso, e viverás.» Aqui é desfeita a falsa doutrina de que o homem nada mais tem a fazer senão crer. A vida eterna é-nos dada com a condição de obedecermos aos mandamentos de Deus (3).

É pela verdade, pelo poder do Espírito Santo, que devemos ser santificados — transformados à semelhança de Cristo (4).

Se a verdade que professamos crer não muda o coração e transforma o carácter, nada vale para nós. Se continuamos com os mesmos defeitos de carácter depois de conhecermos a verdade; se o orgulho, a estima própria, a suficiência própria, os maus pensamentos, as suspeitas, a maledicência, ainda continuam; se julgamos aqueles com quem entramos em contacto, não estamos sendo santificados pela verdade e não teremos parte com Cristo no Seu reino (5).

Aquele que firmemente adere aos princípios da verdade pode estar certo de que os seus pontos mais fracos de carácter podem tornar-se os seus pontos mais fortes. Anjos celestes estão perto da-

quele que se esforça por pôr a sua vida em harmonia com Deus e Sua santa lei. Deus está com ele quando declara: «Devo vencer as tentações que me rodeiam; caso contrário, expulsarei Cristo do meu coração.» Ele combate toda a tentação e resiste a toda a oposição. Pela força obtida do alto, mantém sob domínio as paixões e tendências que, não dominadas, o levariam à derrota (6).

Poder por meio da Oração

Muitos julgam que devem fazer sózinhos ao menos uma parte desta obra. Confiaram em Cristo para o perdão dos pecados, mas agora procuram por seus próprios esforços viver rectamente. Toda a tentativa dessa espécie está condenada a fracassar. Diz Jesus: «Sem Mim nada podeis fazer.» Nosso crescimento na graça, nossa alegria, nossa utilidade — tudo depende da nossa união com Cristo. É pela comunhão com Ele, todo o dia, toda a hora, e permanecendo n'Ele, que podemos crescer em graça (7).

Enquanto empenhados em nosso trabalho diário, devemos erguer a alma ao Céu em oração. Essas silenciosas petições ascendem como incenso perante o trono da graça; e o inimigo é confundido. O cristão cujo coração é assim firmado em Deus não pode ser vencido. Nenhuma arte maligna pode destruir-lhe a paz. Todas as promessas da Palavra de Deus, todo o poder da graça divina, todos os recursos de Jeová estão empenhados em garantir-lhe o livramento. ... Que mais alto poder pode o homem desejar do que este — estar ligado ao infinito Deus? O homem fraco e pecador tem o privilégio de falar a seu Criador. Podemos proferir palavras que cheguem ao trono do Monarca do universo. Podemos falar com Jesus ao caminhar, e Ele diz: Acho-Me à tua mão direita (8).

Por meio da fé em Cristo, toda a deficiência de carácter pode ser suprida, toda a contaminação removida, corrigida toda a falta, e

toda a boa qualidade desenvolvida (9).

Uma Batalha e uma Marcha

A santificação de Paulo foi o resultado de um constante conflito com o próprio eu. Dizia ele: «Cada dia morro». Sua vontade e seus desejos estavam cada dia em conflito com o dever e com a vontade de Deus. Em vez de seguir a inclinação, ele fazia a vontade de Deus, por cruciante que isso fosse para a sua própria natureza.

Deus dirige o Seu povo passo a passo. A vida cristã é uma batalha e uma marcha. Nesta luta não há descanso; o esforço deve ser contínuo e perseverante. É por meio de incessante esforço que mantemos a vitória sobre as tentações de Satanás (10).

Há uma ciência do Cristianismo que deve ser dominada, — uma ciência tanto mais profunda, ampla e elevada do que qualquer ciência humana quanto os Céus são mais elevados do que a Terra. O espírito deve ser disciplinado, educado, cultivado; pois que devemos servir a Deus de maneiras que não estão em harmonia com as nossas inclinações inatas. Muitas vezes têm de ser postas de parte a instrução e educação de uma vida inteira, para que uma pessoa se torne aprendiz na escola de Cristo. Os nossos corações devem ser educados para se tornarem firmes em Deus. Devemos formar hábitos de pensamento que nos habilitem a resistir à tentação. Devemos aprender a olhar para cima. Os princípios da Palavra de Deus, — princípios que são tão elevados como o Céu, e que abarcam a eternidade —, devem ser postos em nossa vida diária.

(3) *Review and Herald*, 26 de Junho de 1900.

(4) *Ibid.*, 12 de Abril de 1892.

(5) *Ibid.*, 31 de Outubro de 1893.

(6) *Ibid.*, 18 de Fevereiro de 1904.

(7) *Aos pés de Cristo*, pág. 104.

(8) *Obreiros Evangélicos*, págs. 251, 255.

(9) *Educação*, pág. 257.

(10) *Review and Herald*, 15 de Outubro de 1908.

Cada acto, cada palavra, cada pensamento deve estar de acordo com esses princípios.

As preciosas graças do Espírito Santo não se desenvolvem num momento. A coragem, a fortaleza, a mansidão, a fé, uma confiança inabalável no poder de Deus para salvar, adquirem-se por uma experiência de anos. Por uma vida de santo esforço e de firme adesão ao que é recto, os filhos de Deus devem selar o seu destino⁽¹¹⁾.

A santificação é uma obra progressiva. Os passos sucessivos são postos diante de nós nas palavras de Pedro: «Pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estereis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.» «Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo»⁽¹²⁾.

Já vistes o nascer do Sol, e os efeitos do gradual alvorecer do dia sobre a Terra e o Céu. Pouco a pouco aumenta a claridade, até aparecer o Sol; então a luz torna-se constantemente mais forte e mais clara, até atingir a glória plena do meio dia. É esta uma linda illustração do que Deus deseja fazer por Seus filhos, no aperfeiçoamento da vida cristã. Ao andarmos dia a dia na luz que nos manda, em voluntária obediência a todos os Seus requisitos, a nossa experiência cresce e alarga-se até alcançarmos a estatura completa de homens e mulheres em Cristo Jesus⁽¹³⁾.

Começa no Lar

A obra da santificação começa no lar. Os que são cristãos no lar serão cristãos na igreja e no Mun-

do. Há muitos que não crescem em graça porque deixam de cultivar a religião no lar.

Não deve manifestar-se em casa o espírito de crítica e de busca das faltas alheias. A paz do lar é demasiada sagrada para ser maculada por esse espírito⁽¹⁴⁾.

Cristo declara: «Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado». Foi-nos dado o talento da fala para o usarmos em benefício de todos. As palavras agradáveis e alegres não custam mais do que as palavras desagradáveis e mal-humoradas. As palavras ásperas ferem e humilham a alma⁽¹⁵⁾.

Retende toda a palavra precipitada que procura expressão. Antes de proferirdes aquela palavra impulsiva e impaciente, parai e pensai na influência que, se for proferida, ela exercerá. Lembrai-vos de que as crianças ouvem facilmente cada palavra e observam o tom em que ela é proferida. Lembrai-vos, também, de que os anjos ouvem as palavras que dizeis. Sois um espectáculo para o Mundo, os anjos e os homens⁽¹⁶⁾.

Ensinai os vossos filhos a dizerem palavras agradáveis, palavras que irradiem luz e alegria. Os anjos não são atraídos para um lar onde reina a discórdia. Introduzi a piedade prática no lar. Preparai-vos, a vós e aos vossos filhos, para a entrada na cidade de Deus. Os anjos serão vossos auxiliares. Satanás tentar-vos-á, mas não cedais. Não digais uma palavra de que o inimigo possa tirar vantagem.

Que a determinação de cada membro da família seja: «Serei um cristão; porque na escola aqui na Terra devo formar um carácter que me dê entrada para o curso mais adiantado, isto é, para a escola do Céu. Devo fazer aos outros como desejo que eles me façam a mim.» Tornai a vida do lar tão semelhante quanto possível à do Céu⁽¹⁷⁾.

Não nos é possível glorificar a Deus vivendo em violação das leis da vida. O coração não pode manter-se consagrado a Deus enquanto condescender com a concupiscência do apetite. Um corpo doente

e um intellecto desordenado, devido à condescendência contínua com a concupiscência prejudicial, tornam impossível a santificação do corpo e do espírito⁽¹⁸⁾.

Devemos meditar nas palavras em que o apóstolo apela para que seus irmãos, pela compaixão de Deus, apresentem os seus corpos «em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus». Esta é a verdadeira santificação. Não é apenas uma teoria, uma emoção, ou uma forma de palavras, mas um princípio vivo e activo, que entra na vida cotidiana. Requer que os nossos hábitos de comer, beber e vestir, sejam tais que assegurem a saúde física, mental e moral, a fim de que possamos apresentar ao Senhor os nossos corpos — não como oferta corrompida por maus hábitos, mas como «um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus».

Ninguém que professa piedade olhe com indiferença para a saúde do corpo, nem se engane com o pensamento de que a intemperança não é pecado e não afecta a espiritualidade. Existe uma íntima relação entre a natureza física e moral. A norma da virtude é elevada ou degradada de acordo com os hábitos físicos. O comer demasiado da melhor comida produzirá uma condição mórbida dos sentimentos morais. E se a comida não for sã, os efeitos serão ainda mais prejudiciais. Todo o hábito que não exerça uma acção salutar no organismo humano degrada as faculdades mais elevadas e nobres. Os maus hábitos de comer e beber levam a erros no pensamento e na acção. A condescendência com o apetite fortalece as inclinações animais, dando-lhes a ascendência so-

(11) *Ibid.*, 28 de Abril de 1910.

(12) *A Santificação*, pág. 105.

(13) *Mensagens aos Jovens*, pág. 15.

(14) *Signs of the Times*, 17 de Fevereiro de 1904.

(15) *Review and Herald*, 28 de Janeiro de 1904.

(16) *Signs of the Times*, 17 de Fevereiro de 1904.

(17) *Review and Herald*, 28 de Janeiro de 1904.

(18) *Health Reformer*, Março de 1878.

bre as faculdades mentais e espirituais (19).

Uma Lição Instrutiva

Uma lição instrutiva pode ser tirada do frisante contraste entre o carácter de João e o de Judas. João era uma ilustração viva da santificação. Por outro lado, Judas possuía uma forma de piedade, ao passo que o seu carácter era mais satânico do que divino. Professava ser discípulo de Cristo, mas negava-O em palavras e obras.

Judas tinha as mesmas preciosas oportunidades que João para estudar e imitar o Modelo. Ele escutava as lições de Cristo e o seu carácter poderia ter sido transformado pela graça divina. Enquanto João, porém, lutava arduosamente contra as suas próprias faltas e procurava assemelhar-se a Cristo, Judas violava a sua consciência, rendia-se à tentação e fortalecia em si hábitos de desonestidade, que o transformariam na imagem de Satanás.

Estes dois discípulos representam o mundo cristão. Todos professam ser seguidores de Cristo; mas enquanto uma classe anda em humildade e mansidão, aprendendo de Jesus, a outra mostra que os seus constituintes não são obradores da

palavra, mas unicamente ouvintes. Uma classe é santificada pela verdade; a outra, nada conhece do poder transformador da graça divina. A primeira é daqueles que diariamente estão morrendo para o eu e vencendo o pecado. A última é daqueles que estão condescendendo com as concupiscências e tornando-se servos de Satanás (20).

Ser santificado é tornar-se participante da natureza divina, recebendo o espírito e a mente de Jesus, aprendendo cada vez mais na escola de Cristo. «Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.» É-nos impossível operar em nós esta transformação pelo nosso próprio poder ou os nossos próprios esforços. É o Espírito Santo, o Consolador, que Jesus disse enviaria ao Mundo, que transforma o nosso carácter à imagem de Cristo; e quando isso se realizza, reflectimos, como um espelho, a glória do Senhor. Isto é, o carácter daquele que assim contempla Cristo torna-se tão semelhante ao Seu, que quando alguém olha para ele vê o próprio carácter de Cristo brilhando como num espelho. Imperceptivelmente, somos transformados dia a dia dos nossos próprio hábi-

tos e vontade nos hábitos e vontade de Cristo, na amabilidade do Seu carácter. Crescemos assim em Cristo, e reflectimos inconscientemente a Sua imagem (21).

Estão ao nosso alcance grandes possibilidades, elevadas e santas consecuições. A santificação significa perfeito amor, perfeita obediência, inteira conformidade com a vontade de Deus. Significa uma entrega sem reservas a Ele. Significa ser puro e abnegado, sem mácula e irrepreensível.

Desde a eternidade Deus nos escolheu para sermos Seus filhos obedientes. Ele deu o Seu Filho para morrer por nós, a fim de que possamos ser santificados pela Sua graça. O Seu objectivo é que experimentemos um contínuo progresso em conhecimento e virtude. A Sua lei é o eco da Sua própria voz, dirigindo a todos o convite: «Subi mais alto. Sede santos, cada vez mais santos». Cada dia podemos dar um passo avante no aperfeiçoamento de um carácter cristão (22).

(19) *Review and Herald*, 25 de Janeiro de 1881.

(20) *A Santificação*, pág. 66.

(21) *Review and Herald*, 2 de Janeiro de 1913.

(22) *Signs of the Times*, 28 de Maio de 1902.

(Leitura para Domingo, 18 de Novembro de 1956)

SINAIS DOS ÚLTIMOS SINAIS

«Encontramo-nos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. A profecia está-se cumprindo rapidamente. O Senhor está às portas. Em breve se abrirá perante nós um período de absorvente interesse para todos os vivos. As controvérsias do passado serão renovadas; novas controvérsias surgirão. As cenas que serão representadas em nosso mundo ainda nem sequer foram sonhadas.» — *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 753.

≡ por J. A. BUCKWALTER ≡

Quão maravilhoso é saber em tempos como estes que o Senhor dos Exércitos «está sentado entre os querubins; e no meio da contenda e tumulto das nações, Ele guarda ainda o Seu povo.» *Ibid.*, pág. 754. A luz profética, durante séculos focada ao longo dos caminhos da história, converge para os nossos dias.

No famoso capítulo dos «sinais»

— Mateus 24 e Lucas 21 — Jesus associou os sinais da queda de Jerusalém com os sinais do fim. Entre esses sinais encontrava-se um especialmente para o Seu próprio povo, pelo cumprimento do qual saberiam que a «desolação» estava «próxima» e que tinha chegado o tempo para fugirem.

Lucas descreve este sinal para a fuga dos cristãos: «Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação. Então, os que esti-

verem na Judeia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e, os que nos campos, não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.» Lucas 21:20-22.

O próprio sinal parecia difícil de aceitar, pois como poderiam os cristãos fugir depois de os exércitos romanos terem cercado a cidade? A História diz-nos como. Durante o cerco de Jerusalém por Cestius, uma facção dentro da cidade preparava-se para trair os habitantes e abrir as portas ao inimigo. E, segundo relata Josefo, se Cestius «tivesse continuado o cerco por um pouco mais de tempo, teria certamente tomado a cidade», mas «desesperado de o poder conseguir, ... retirou-se da cidade *sem a mínima razão para isso.*» — *Guerras dos Judeus*, Livro 2, Capítulo 19. (O itálico é nosso).

Sem a mínima razão? — Ah, mas Deus tinha uma razão, e os cristãos que viram a luz da profecia cumprindo-se sabiam a razão, e sabiam também que o conselho do Senhor era que fugissem. Não tinha Deus miraculosamente conduzido as coisas? O próprio sinal para fugir, que a princípio tinha impedido a sua fuga, proporcionava agora a mais aceitável ocasião para ela. Podemos quase imaginar o clamor dos cristãos: O caminho para os montes está aberto! O sinal do Senhor cumpriu-se! Fugamos para os montes!

As orações dos cristãos tinham sido respondidas, Escarneça embora a filosofia, mas adore a fé! A oração tem mais influência nos acontecimentos da história do que os cépticos estão dispostos a admitir.

A terrível destruição de Jerusalém, quando Tito levou de novo os exércitos romanos a cercar a cidade no ano 70, foi apenas uma pálida figura da «destruição de um mundo que rejeitou a misericórdia de Deus e conculcou a Sua lei.» (Ver *Conflito dos Séculos*, págs. 27, 28). Ver-se-ão de novo os santos de Deus «deixando as cida-

des e aldeias e associando-se em grupos, e vivendo nos mais solitários lugares.» *Evangelism*, pág. 282. Qual é o sinal pelo qual podemos saber que chegou o tempo da nossa futura fuga?

O Último Sinal de Deus para o Seu Povo Remanescente

«Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma mão ao poder romano e outra ao espiritismo, quando por influência dessa tríplice aliança a América do Norte for induzida a repudiar todos os princípios da sua Constituição, que fizeram dela um governo protestante e republicano, e adoptar medidas para a propagação dos erros e falsidades do papado, podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo.

«Como a aproximação dos exércitos romanos foi um sinal para os discípulos da iminente destruição de Jerusalém, assim essa apostasia será para nós um sinal de que o limite da paciência de Deus está atingido, ... e o anjo da graça está a ponto de dobrar as asas e partir desta Terra para não mais tornar.» — *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, vol. 2, pág. 151.

O último sinal para a fuga será a assunção de poder eclesiástico por parte da América outrora protestante, pois que «como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos era o sinal de fuga para os cristãos judeus, assim o arrogar-se nossa nação o poder no decreto que torna obrigatório o dia de repouso papal será uma advertência para nós. Será então tempo de deixar as grandes cidades, passo preparatório para sair das menores para lares retirados em lugares solitários entre as montanhas.» — *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, vol. 2, pág. 166.

A notável profecia das grandes comunhões cristãs estendendo as suas mãos «através do abismo» em comprometida união está quase cumprida. Os protestantes tomaram

a dianteira em estender a mão do conformismo, e os dirigentes católicos, de igual modo, estão pensando nos mesmos termos.

O arcebispo Groeber, de Friburgo, comentando a frente comum cristã que se está agora a desenvolver, usou a mesma histórica frase que se encontra na profecia da Irmã White quando disse: «As duas confissões puseram reverentemente a grande cruz de Cristo através do abismo que as separa em questões de fé. Assim foi construída uma ponte sagrada que nos torna possível, sem dificuldade, estender mutuamente uma mão fraternal. Ninguém sabe quando chegará o bem-aventurado dia da reunião.» (Citado por Adolfo Keller em *Christian Europe Today*, pág. 260. O itálico é nosso).

Até que ponto o «abismo» entre o protestantismo e o romanismo se tem estreitado nos últimos anos é salientado nestes termos por Adolfo Keller: «Um estudo comparativo entre as mensagens ecuménicas e as recentes encíclicas papais, que estou preparando, mostra um assombroso paralelismo.» Este sinal ecuménico dos sinais finais da Terra é em extremo impressionante. Vejamos brevemente a parte que cada um destes três movimentos desempenhará na última traição da liberdade da Terra.

A Formação da Tríplice União

«No movimento agora em acção nos Estados Unidos a fim de conseguir para as instituições e usos da Igreja o apoio do Estado, os protestantes estão a seguir as pegadas dos romanistas. Na verdade, mais do que isso, estão abrindo a porta para que o Papado adquira na América protestante a supremacia que perdeu no Velho Mundo. ... É o espírito do Papado ... que está embebendo as igrejas protestantes e levando-as a fazer a mesma obra de exaltação do Domingo, que antes delas fez o papado.» — *Conflito dos Séculos*, pág. 421. (O itálico é nosso).

«Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha os seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e o resultado inevitável será a inflicção de penas civis aos dissidentes.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 326.

Há muitos católicos romanos admiráveis que são reais santos de Deus, mas o Romanismo como sistema procura readquirir o domínio do mundo religioso e político. «São de grande alcance os planos e modos de operar da Igreja de Roma. Emprega todo o expediente para estender a influência e aumentar o poderio, preparando-se para um conflito feroz e decidido a fim de readquirir o domínio do Mundo, restabelecer a perseguição e desfazer tudo que o protestantismo fez. O catolicismo está a ganhar terreno de todos os lados.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 416.

A influência política das relações diplomáticas do Vaticano, a formidável centralização da sua bem organizada Acção Católica e as actividades políticas de homens como o Senador José McCarthy, membro dos Cavaleiros de Colombo e educado nas escolas jesuítas (duas organizações que não acatam os princípios constitucionais da liberdade), tudo isto constitui um desafio autêntico à sobrevivência da liberdade nos países livres.

O espiritismo será finalmente o grande factor unificador na consumação da união final da apostasia. «A linha de separação entre cristãos professos e ímpios é agora difficilmente discernida. Os membros da Igreja amam o que o Mundo ama, e estão prontos para se unirem a ele; e Satanás está resolvido a uni-los em um só corpo, e assim fortalecer a sua causa, arrastando-os todos para as fileiras do espiritismo. Os romanistas, que se gloriam dos milagres como sinal certo da verdadeira igreja, serão facilmente enganados por este poder operador de prodígios; e os protes-

tantes, tendo rejeitado o escudo da verdade, serão também iludidos. Romanistas, protestantes e mundanos juntamente... verão nesta aliança um grandioso movimento para a conversão do Mundo, e o começo do milénio há tanto esperado.» — *Ibid.*, págs. 432, 433.

Nesta singular predição é-nos dito como o próprio Satanás consumará a tríplice união «arrastando-os todos para as fileiras do espiritismo». Espíritos falando através de médiuns têm declarado que o objectivo do espiritismo é «unir a humanidade e convencer os cépticos da imortalidade da alma».

A serva do Senhor diz-nos que «por meio do espiritismo *Satanás aparece como benfeitor* da humanidade, curando as doenças do povo e pretendendo apresentar um novo e mais elevado sistema de fé religiosa». — *Ibid.*, pág. 433. (O itálico é nosso).

Os modernos professores e curadores espíritas estão cumprindo esta profecia de uma maneira assombrosa. Satanás lançou os anjos caídos sobre a raça humana.

Por meio de mensagens do mundo dos espíritos, Satanás pode personificar os Apóstolos e fazê-los «contradizer o que escreveram sob a inspiração do Espírito Santo». A bíblia final dos enganados serão sem dúvida as mensagens dos espíritos cuja autoridade «substitui a Palavra de Deus». (Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 409). Sem dúvida esta suposta «bíblia» dará demoníaco apoio à legislação acerca do Domingo e à federação mundial.

Por este irresistível engano «todos aqueles cuja fé não esteja firmemente estabelecida na Palavra de Deus serão enganados e vencidos». — *Ibid.*, pág. 411.

O espiritismo como sinal dos últimos sinais está hoje muito em evidência. Alguns cientistas psíquicos estão predizendo uma religião mundial e uma política mundial baseadas nos fenómenos psíquicos e em mensagens de espíritos. Swa Desmond, fundador do Instituto Internacional de Investigação Psíquica, afirma confiantemente que «os nossos estadistas de amanhã,

como alguns dos nossos principais estadistas de hoje, consultarão habitualmente os estadistas do Outro Mundo». — *Psychic Pitfalls*, pág. 268. Acerca do futuro da religião, prediz ele: «Ousarei mesmo reforçar a minha predição de que usaremos os nossos lugares de culto... para a demonstração da vida após a morte, e que encontraremos perante nós o professor e o sacerdote combinados na forma etérea, materializada perante os nossos olhos impávidos». *Ibid.*, pág. 269. Tudo isto está preparando o Mundo para o subjugante engano da personificação da vinda de Cristo por Satanás, (Ver 2 Tess. 2:9).

Os espíritos invadem as igrejas e um demonismo dinâmico está à obra no mundo de hoje, — precursor daquela hora em que a moderna Babilónia se tornará «morada de demónios e coito de todo o espírito imundo». Apocalipse 18:2.

Os dirigentes eclesiásticos e políticos, na sua maioria, parecem cegos para as grandes profecias da última trindade político-religiosa de ditadura eclesiástica composta pelo dragão, a besta e o falso profeta. (Apocalipse 13:15-17). Esta trindade dará voz e autoridade às palavras dos espíritos imundos de demónios operadores de milagres que levarão o Mundo para o Armagedão da raça humana. Esta escravidão vindoura exercerá domínio sobre o mundo político e financeiro e sobre o culto religioso dos últimos dias; e exigirá uma forma de culto descrito na Bíblia como sendo o culto da besta oposto ao culto do Criador dos santos de Deus.

No Salmo 94:20-23, temos um esboço profético dos quatro passos futuros que o mundo apóstata dará contra Deus, Sua verdade e Seu povo. São eles: (1) Legislação, (2) Federação, (3) Perseguição e (4) Destruição.

(1) *Legislação* — «Podia acaso associar-se contigo o trono de iniquidade, que forja o mal tendo por pretexto uma lei?» (Sal. 94:20). Uma das maiores lições da história é que o mais seguro caminho para a apostasia e ruína

nacional é o caminho da legislação religiosa. *O objectivo de Satanás é fazer da sua atitude ilegal para com a lei de Deus a lei promulgada do país.*

A conformidade com a vontade da maioria — a essência de um imposto imperialismo teocrático — está quase tornando-se doutrina popular em nossos dias. Como bem observou Robert M. Hutchins, antigo presidente da Universidade de Chicago, «é quase tão mau ser hoje 'controversista' como ser espião ou traidor». As forças da coerção e conformidade estão profundamente entrincheiradas nos mais elevados escalões da sociedade.

(2) *Federação* — «Acorrem em tropel». (Sal. 94:21). A ordem bíblica, «Não chameis conjuração» (Isa. 8:12), será completamente ignorada, ao operar o espírito do satanismo para unir o Mundo sob a bandeira dos poderes das trevas. «Os agentes do mal estão-se combinando e consolidando para a última grande crise.» — *Testimonies*, vol. 9, pág. 11.

Satanás está insidiosamente trazendo «trazer para o mundo religioso uma espécie de escravidão. As organizações e instituições, se não forem guardadas pelo poder de Deus, farão com que, *sob a inspiração de Satanás, os homens sejam submetidos ao domínio de outros homens*; e a fraude e o engano revestirão a aparência de zelo pela verdade, e pelo avanço do reino de Deus.» — *Testimonies to Ministers*, pág. 366. (O itálico é nosso).

(3) *Perseguição* — O resultado final desta confederação dos últimos dias será uma oposição unânime contra a lei de Deus, «contra a vida do justo», que levará o mundo confederado a «condenar o sangue inocente». (Sal. 94:21). O fanatismo suplantarà o amor fraternal. A inveja tomará o lugar do evangelismo. O poder religioso que se apresenta com as características do Cordeiro ostentará o coração do dragão.

Opróbrio e perseguição por causa da verdade será o quinhão de todos quantos mantenham a sua

confiança até ao fim. «Mas onde quer que o povo de Deus seja forçado a ir, ainda que como o discípulo amado sejam banidos para ilhas desertas, *Cristo saberá onde estão, e os fortalecerá e abençoará, enchendo-os de paz e alegria.*» — *Testimonies*, vol. 9, págs. 228, 229. (O itálico é nosso).

(4) *Destruição* — Como sempre, a guerra insolente contra Deus e Sua verdade leva à destruição própria. Deus «fará recair sobre eles a sua própria iniquidade, e os destruirá na sua própria malícia; o Senhor nosso Deus os destruirá.» (Sal. 94:23). Apesar de toda a força do mundo oposto a Deus, «nenhum poder terreno conseguirá deter a mão de Deus». (*Test.*, vol. 9, pág. 13). «Mas o Senhor foi o meu alto retiro», exclama o Salmista, «e o meu Deus a rocha em que me refugiei.» Sal. 94:22.

Jesus virá em breve

Na verdade, para o povo de Deus «o sinal de sofrimento será o sinal da redenção». Por toda a parte vemos cumprindo-se os sinais dos últimos sinais. O panorama da profecia proclama que o fim da história se aproxima. A hora da última fuga dos cristãos aproxima-se rapidamente. *Jesus virá em breve!* Estes são os dias da nossa preparação para termos um encontro com o nosso Salvador vindouro. «Devíamos dedicar muito tempo à oração, a fim de que as nossas vestes de carácter possam estar lavadas e purificadas no sangue do Cordeiro.» — *Test.*, vol. 5, pág. 717.

Amados, ao aproximar-nos rapidamente do fim dos sistemas humanos saturados de pecado, dirigimo-nos velozmente para o começo do reino «sem pecado» de nosso Senhor. Ele virá segunda vez sem nossos pecados para nossa salvação. É propósito de Deus acabar com o pecado em nossas vidas a fim de que possamos ser salvos. O objectivo de Satanás é que terminemos nossas vidas em pecado a fim de que possamos perder-nos. Esta é a escolha que *agora* a raça

humana tem a fazer. Quem dominará em nossos corações? Deus, ou o inimigo de Deus?

O pecado é tão subtil que as últimas pessoas da Terra a reconhecerê-lo são as que o praticam. É tão subtil que os que se lisongejam de estar libertos dele são os que mais lhe estão escravizados. É tão subtil que o homem é inclinado a esquecer que o pecado é mais uma atitude de espírito do que uma mera acção do corpo. Através da confusão dos chamados grandes e pequenos pecados, Deus olha para o facto da sua entrega pessoal ou da sua ausência dela. Ele deseja que o Seu povo «seja reconhecido pelos anjos e pelos homens como os que 'guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus'» — *Prophets and Kings*, pág. 299.

Só Cristo pode dar sentido às nossas vidas num tempo como este.

Não enfrentamos apenas um fim mas também um começo. A história futura dos remidos está entrelaçada com a história do próprio Deus. «O amor de Deus pela Sua igreja é infinito. O Seu cuidado pela Sua herança é incessante.» (*Test.*, vol. 9, pág. 228). A sua herança sobreviverá. Os maiores começos do tempo e da eternidade estão precisamente à nossa frente, em que o futuro de Deus e o futuro dos remidos se unirão no mundo imortal que em breve virá!

A hora do fim do Mundo será a hora do nosso início. «Quando as fortalezas dos reis forem derrubadas, quando as setas da ira de Deus respassarem os corações dos Seus inimigos, o Seu povo estará salvo nas Suas mãos.» — *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 754.

«O Conflito dos Séculos»

Encontra-se à disposição do público português «O Conflito dos Séculos», essa obra-prima da pena inspirada de E. G. White, que acaba de ser editada pela Publicadora Atlântico, Lda.

Desconto especial no preço para os membros de igreja na União Portuguesa.

(Leitura para Segunda-feira, 19 de Novembro de 1956)

O poderoso avanço da Mensagem Adventista

por NORMAN W. DUNN

Durante mais de um século os membros da Igreja remanescente têm falado acerca da finalização da obra. Com viva alegria têm os fiéis vigiado a expansão do horizonte da mensagem adventista ao atingir ela cada vez mais longínquos recônditos da Terra. Mal sonhavam os fiéis de há poucas décadas atrás com a espantosa rapidez com que a mensagem da verdade de Deus atravessa as barreiras de oceanos e montanhas e fronteiras nacionais e em tão curto tempo se estabeleceu em 197 países onde moram mais de 98 % dos habitantes da Terra.

De países antigos, de países novos, de países civilizados, de países pagãos, das frias regiões do norte e do sul, das tórridas selvas dos trópicos, de áridos planaltos e países semi-desertos, das cidades, de milhões de vilas e aldeias de todo o Mundo e das ilhas do mar — relatórios do progresso da mensagem do terceiro anjo indicam que estamos chegados à hora do relógio divino na qual podemos esperar que a Obra termine no esplendor de glória que iluminará o Mundo inteiro.

Seria uma negação da nossa fé dizer que uma geração futura, um povo distante com seu zelo e consagração, terminará a obra. É esta geração e não uma geração futura que o deve fazer. Podem perguntar: Até onde se espalhou a mensagem e quanto tempo será necessário para que a obra termine? Esta é uma pergunta à qual ninguém pode responder com certeza. Ninguém pode medir toda a extensão do testemunho dado por um milhão de Adventistas do Sétimo Dia que silenciosamente vivem a verdade perante Deus, amigos e vizinhos. Ninguém pode calcular a eficácia da mensagem contida nos livros que os nossos colportores têm colocado em milhares de lares em quase todos os países da Terra. Ninguém pode calcular o alcance

dos grandes «gigantes modernos de comunicação» — a rádio e a televisão — por meio dos quais a voz dos mensageiros de Deus pode ser transmitida nas asas da luz, a milhões de lares, num breve lapso de tempo. Pode alguém dizer quão rapidamente terminará a obra, uma vez que Deus tome pleno domínio dos numerosos meios que já têm sido estabelecidos para esse efeito? Não há modo de limitar o infinito Deus. Ele abre constantemente portas de oportunidade que em cada país permitem o avanço dos portadores da mensagem.

É hábito durante a Semana de Oração colher dos campos estrangeiros a emocionante história de como a mensagem está avançando em todos os campos. Eu sinceramente desejaria que os dirigentes das nossas grandes Divisões pudessem hoje falar em todas as nossas igrejas e contar como Deus está à obra em toda a parte, convidando-nos à ocupação de todo o Mundo para a causa do Advento. Relatórios dos campos do ultramar revelam que a mensagem se tem disseminado para além dos limites reconhecidos. Frequentemente se descobrem grupos de crentes que guardam os mandamentos de Deus, sem terem qualquer conhecimento de um grande corpo de observadores do Sábado em todo o Mundo.

Mas ouçamos o que nos dizem os dirigentes das nossas Divisões. O primeiro a falar será G. J. Appel, presidente da Divisão do Médio Oriente, vasto território povoado por 85.000.000 de almas, das quais 96 % são muçulmanos. Diz o Irmão Appel: «Embora se deva admitir que os seguidores de Maomé são um povo muito difícil de ganhar para a mensagem, um número crescente tem aceiteado a verdade durante os passados últi-

mos anos e isto no meio de muitas dificuldades e perseguições.

«Acabamos de abrir o trabalho no Protectorado de Aden, na extremidade sudeste da península arábica. Este porto colonial é uma das entradas para a Arábia Saudita, que até aqui tem recusado admitir missionários. Todavia, por meio das emissões semanais de rádio de Aden e através da larga distribuição de literatura enviada para o sul pelas vagarosas caravanas, dezenas de milhares estão ouvindo a mensagem.

«A Voz da Profecia tem tido um êxito extraordinário em atingir os lares da população muçulmana. Mais de um quarto de milhão de pessoas se inscreveram no curso bíblico, e perto de 500 terminaram os seus estudos. Este é o nosso dia de oportunidade no Médio Oriente.»

Ouvimos em seguida F. A. Mote, presidente da extensa Divisão do Extremo Oriente: «Saudações, prezados Irmãos na fé em todo o Mundo! Durante o ano findo vimos milhares de almas baptizadas nesta Divisão. Atingiram-se novas tribos nas montanhas da União do Sul das Filipinas; vimos o avanço da mensagem entre os povos primitivos do Viet Nam; acrescentaram-se à igreja muitos novos membros na Ilha de Taiwan (Formosa). A obra prossegue bem na Nova Guiné Oriental e esperamos entrar em breve no Cambodja (Indochina).

«Durante muito tempo o mundo muçulmano tem parecido tão impenetrável como uma forte muralha. Mas parece que por fim a mensagem está conseguindo entrada até nos corações muçulmanos. Recentemente, na Ilha de Java sete antigos muçulmanos foram baptizados num lugar, cinco noutro, e oito noutro. Só numa missão na Indonésia, 49 aderentes da fé muçulmana foram ganhos para a verdade o ano passado.

«Não há muito um chefe nativo chamado Datu Panonggo, da tribo Bilaan, nas montanhas de Mindanau, foi ganho para a verdade, vindo do mais genuíno paganismo. Sua jovem esposa Odanding aceitou a mensagem com ele. Ao preparar-se para o baptismo, ele abandonou os seus vícios degradantes, pondo de lado as suas outras 26 esposas e casou-se legalmente com aquela que com ele se uniu na obediência à verdade. Sentem-se agora felizes ao partilhar a sua fé entre os seus conterrâneos naquela selvática área montanhosa.

«Estamos baptizando cerca de 9.000 almas cada ano, nesta Divisão. Há vinte e cinco anos atrás tínhamos 15.234 membros. Agora temos mais de 81.000. Ao avançarmos para a terminação da Obra no Extremo Oriente, solicitamos as orações de todo o povo de Deus.»

Aqui está R. S. Watts, presidente da Divisão Sul-Africana: «Saudações, Irmãos! Os membros baptizados na Divisão Sul-Africana elevam-se agora a 134.043, o que corresponde a cerca de 14 % dos membros da igreja Adventista do Sétimo Dia em todo o Mundo. Os nossos membros da Escola Sabatina ultrapassam a casa dos 270.000. O nosso último relatório revela que aqui, na África do Sul, durante todo o ano, é baptizado um novo crente na fé cada 28 minutos. Isto equivale a uma nova igreja de mais de 50 membros baptizados cada dia, perfazendo um total de 18.505 cada ano.

«Não há muito tempo que estabelecemos uma nova missão sob direcção africana entre o povo Mbulu, no Tanganica. Este interessante povo praticamente constrói as suas casas debaixo da terra, num esforço de se defender contra a aguerrida tribo Masai, que nos anos passados tem queimado as casas dos Mbulu e morto muitos que tentavam fugir. Nossos fiéis colportores têm penetrado estas selváticas áreas e têm derrubado preconceitos, tornando possível o estabelecimento da nossa primeira estação missionária. Em muitas áreas os nossos obreiros estão avançando para sítios nunca antes atingidos

e temos grandes esperanças numa gloriosa ceifa. Este é o nosso dia na África!»

W. E. Murray, presidente da Divisão Sul-Americana, falla assim daquela grande «Continente de Oportunidade»: «A mensagem Adventista na América do Sul avança com rápida velocidade. A sua influência está-se estendendo de ano para ano. Embora haja muitos lugares neste continente em que a mensagem nunca foi pregada, estamos acelerando os nossos planos para entrar urgentemente nessas áreas.

«No norte do Brasil os Irmãos iniciaram um novo trabalho entre os índios do interior. Falam de um chefe índio que recebeu a mensagem e imediatamente a começou a ensinar ao chefe de uma tribo vizinha. Esse chefe também aceitou a mensagem. Começaram a ensinar os seus povos e recentemente o primeiro pequeno grupo de quinze baptizaram-se de entre esses índios da selva brasileira. Por toda a parte nesta Divisão vemos avanço. As Uniões Austral e Sul-Brasileira, onde a mensagem se estabeleceu primeiro, tornaram-se como bases na maneira como apoiam a expansão do nosso programa missionário. O número de membros aumenta rapidamente na União Inca. No começo do ano de 1956 os nossos dirigentes na América do Sul aceitaram com fé entusiástica um alvo de 12.000 baptismos. Se esse alvo for alcançado baptizaremos um milhar de almas cada mês durante o ano. Apreciaríamos as fervorosas orações do nosso povo em todo o Mundo.»

O Pastor M. V. Campbell, presidente da Divisão Sul-Europeia, pediu ao secretário, M. Fridlin para falar pelo seu campo: «Segundo os relatórios dos vários campos da Divisão Sul-Europeia, 1955 foi um ano de grandes progressos. Infelizmente não pudemos obter quaisquer relatórios oficiais de alguns dos países mais frutíferos na colheita de almas, com os quais estamos incomunicáveis. Não gostamos de apresentar cálculos e por isso não relatamos quaisquer estatísticas acerca desses campos

para além da 'Cortina de Ferro', mas o registo do progresso é bem conhecido no Céu. Uma emissão transmitida de fora das fronteiras de campos em que não temos a liberdade de trabalhar atinge muitas pessoas, algumas das quais se inscreveram no Curso Bíblico por Correspondência e recebem lições do estrangeiro. O presidente de um destes campos escreve que nos primeiros dez meses de 1955 se baptizaram 126 almas. Na África do Norte francesa, onde a situação política é muito crítica e o terrorismo impera, 37 almas baptizaram-se durante os primeiros três trimestres do ano. 39 membros baptizaram-se este ano no arquipélago de Cabo Verde e 137 membros foram acrescentados à igreja de Madagascar.

«Apesar dos numerosos obstáculos que se levantam no caminho a obra na Europa do Sul avança cada vez mais. Os nossos membros elevam-se agora a 94.700. Há milhares que ainda necessitam de ser advertidos na Europa do Sul. Esse gigantesco número está sempre diante de nós. Pedimos-vos que oreis por nós.»

A F. Tarr fala da parte mais setentrional do campo mundial, nos seguintes termos: «Trazemos-vos novas de progresso de cada secção da Divisão Norte-Europeia. Nos velhos países da Europa, os Adventistas estão-se tornando por toda a parte mais favoravelmente conhecidos e a obra progride mais rapidamente do que nunca antes.

«Sentimo-nos alegres por poderemos relatar que por fim conseguimos estabelecer uma estação missionária na Groelândia. Com base na Divisão Norte-Europeia, o trabalho missionário é levado avante na Etiópia e na África Ocidental. Numa campanha de um mês, na Costa do Ouro, mais de 400 almas foram ganhas para a mensagem do Advento.

«Há poucos meses um grupo de estudantes foram à nossa Escola na Etiópia, durante a época das férias, para perguntarem acerca dos ensinamentos dos Adventistas do Sétimo Dia. Tinham ouvido falar mal dos nossos ensinamentos e desejavam

informações seguras. Dia após dia sentaram-se tomando notas, ao serem conduzidos a regiões cada vez mais profundas da verdade. Voltaram então para os seus lares. Em breve houve um grande despertar no meio do povo em que viviam. Um desses estudantes escreveu pouco antes do seu baptismo: 'Há aqui muitos que desejam conhecer os ensinamentos adventistas. Temos uma igreja de 150 membros. Quando eu lhes pedi que estudassem a Bíblia e seguissem os seus ensinamentos todos se prontificaram a fazê-lo, excepto três. Estudamos cada noite das 7 às 9 horas'. Nessa área há nove grupos de igrejas não-adventistas, cinco dos quais começaram a guardar o Sábado.

«Um jovem que frequentava a nossa escola de Kuyera aceitou a mensagem, e começou a ler a Bíblia a sua mãe e a seus irmãos e irmãs. O pai opôs-se tenazmente ao novo ensino e bateu no filho muitas vezes, procurando fazê-lo mudar de atitude, mas o jovem manteve-se firme na fé recém-encontrada e ganhou 5 dos seus próximos parentes para a mensagem.

«Aqui na Europa do Norte enfrentamos o futuro com confiança na certeza de que a Obra em breve estará terminada.»

O Pastor W. Mueller, presidente da Divisão da Europa Central, diz: «Apesar das numerosas dificuldades que impedem o progresso da obra, a nossa literatura evangelística avança com êxito sempre crescente. Os nossos ministros estão baptizando centenas de almas, embora o nosso crescimento actual em número de membros seja menos rápido do que noutras áreas, em parte devido à constante corrente de emigração para a América do Sul, Austrália, Canadá e Estados Unidos. Embora sintamos a perda dessas centenas de activos membros de igreja, estamos certos de que eles fortalecerão a causa de Deus nas suas novas pátrias.

«Os 44.000 crentes leais da Europa Central trabalham e oram fervorosamente para que a Mensagem Adventista continue a progredir muito até que cada nação de

baixo do Céu tenha recebido o gracioso convite de se preparar para a volta do Salvador.»

E agora apresentamos F. G. Clifford, da secção australasiana do campo mundial, que diz: «Os nossos missionários encontram oportunidades providenciais em toda a parte e em especial na Nova Guiné. Aqui somos solicitados por tribos ainda não atingidas pela civilização. Chefes nativos imploram aos nossos obreiros que entrem nos seus territórios. Essas pessoas insistem para não ter outros além da 'missão do Sábado' entre eles. Um dos nossos pastores entrou recentemente numa nova área e dentro de poucas semanas suscitou interesse, até ao ponto de a assistência às suas reuniões exceder 1.000 pessoas cada noite. A Nova Guiné é realmente uma terra de promessa e estamos ansiosos por aproveitar todas as oportunidades a fim de possuir esta área para a causa de Deus.

«Das Missões do Mar do Coral vem a encorajante notícia de que temos agora uma obra forte em pleno desenvolvimento nas Ilhas Schouten e Ocidentais, onde há menos de 5 anos nenhuma missão cristã tinha estabelecido qualquer espécie de contacto. Um dos nossos missionários fala de uma reunião campal a que assistiu em Belapa, perto do Golfo de Papua. Durante essa reunião foi feito um forte apelo por pregadores voluntários que se prontificassem a deixar as suas aldeias e a subir ao selvático país de Kuka; outros seriam enviados às longínquas regiões do Rio Sepik. Cerca de quinze nativos com suas esposas ofereceram-se voluntariamente para penetrar nessas perigosas áreas. Este povo Kuku Kuku é selvagem e aguerrido. Ao entrarem nesses territórios, os nossos missionários nativos têm de pôr em perigo as suas vidas, mas dizem: 'É a obra de Deus e nós não temos medo'.

«Este campo australasiano é como uma seara amadurecida e desejamos ansiosamente colher do nosso território o precioso grão para o celeiro do Senhor.»

Da América Central, uma das

Divisões que mais rapidamente crescem, é-nos dito o seguinte pelo presidente Artur H. Roth: «Constitui sempre uma alegria falar acerca das maravilhosas coisas que Deus está operando na América Central. O número de membros nesta Divisão ultrapassa a casa dos 110.000. Mais 40.000 pessoas se identificam como Adventistas do 7.º Dia, embora não sejam ainda baptizadas. O ano passado baptizaram-se almas para a igreja numa média de 30 por dia. Quer isto dizer que uma alma foi ganha para Cristo cada hora do dia no decorrer de todo o ano. Na América Central as congregações desenvolvem-se tão rapidamente que as nossas igrejas estão sempre transbordando. Erigimos um edifício que se considera adequado, e, mal chega a altura da inauguração, já ele se tornou demasiado pequeno.

«Da Colômbia, onde as dificuldades e perseguições têm sido constante quinhão do nosso povo durante os anos transactos, ouvimos comoventes relatórios de progresso. Há 30 anos havia apenas 223 Adventistas em toda a união da Colômbia-Venezuela. No fim do ano de 1956, contamos que o número de membros ultrapasse a casa dos 10.000. Irmãos, orai pela obra na América Central. Cremos que os dias mais frutíferos na colheita de almas estão à nossa frente.»

Agora O. Mattison, presidente da Divisão Sul-Asiática, fala pela Índia e por outras áreas incluídas no seu território: «Enquanto assistíamos a reuniões de conselho a Noroeste da Índia, os nossos corações regozijaram-se ao ouvirmos como Deus abriu portas à pregação da mensagem e abençoou o campo com uma colheita de 115 preciosas almas.

«Na Índia Meridional alegramo-nos com as boas novas de que 870 novos membros foram acrescentados à igreja, pelo baptismo, durante o ano passado. Estamos penetrando em novas áreas da Ásia Meridional. Durante o último período de dois anos abriu-se o trabalho em 22 novos locais. Os obreiros da nossa escola missionária

ria de Kottarakara iniciaram recentemente um esforço com uma assistência de 1.200 a 1.500 pessoas. Esperamos uma avultada colheita como resultado desse esforço. No campo do Sul de Telugu começou-se a trabalhar até entre as tribos ciganas. Suscitou-se o interesse entre essa gente por meio de um rapaz que veio à nossa clínica para ser tratado de tuberculose. Ele não só encontrou a cura física, como também auxílio para a sua alma. Regozijando-se no Salvador recém-encontrado, regressou ao seu povo e, com o coração transbordando de amor a Deus, começou a ensinar-lhes a mensagem. E muitos se interessaram profundamente pela verdade.

«Durante anos os nossos obreiros procuraram por todos os meios conseguir uma entrada no belo país de Cachemira. O ano passado, veio um apelo dessa área solicitando que alguém fosse e ins-

truisse um grupo que se tinha tornado interessado através das emissões da Voz da Profecia. Um dos nossos jovens que anteriormente fizera trabalho de colportagem naquele país respondeu ao apelo desse povo. A princípio, ensinava-os nos seus lares; depois começou a fazer reuniões em casas particulares; mais tarde alugou uma sala, e, embora fosse um orador inexperiente, começou a realizar reuniões públicas. Antes de poucas semanas tinha ganho 16 almas para Cristo. Essas foram as primícias da mensagem do Advento em Cachemira. cremos que este é o início de coisas muito maiores neste campo, que durante tantos anos nos tem lançado o seu repto.»

Assim, os arautos eleitos por Deus levam rapidamente a mensagem «a toda a criatura debaixo do Céu». Levantam-se com frequência contra obstáculos que, sob o ponto de vista humano, jamais poderiam

ser ultrapassados. Se tivéssemos de depender de nós próprios para o êxito neste estupendo empreendimento, cairíamos no desespero, mas «Deus não requer que nós façamos em nossa própria força a obra que temos para realizar. Proveu Ele assistência divina para todas as emergências, para as quais os nossos recursos humanos são insuficientes.» *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, vol. 3, pág. 209. Quão encorajadoras são estas palavras! Deus tem poder para vencer todas as emergências.

A nossa ansiedade e objectivo durante esta Semana de Oração deve ser buscar junto d'Ele nova provisão de graça, a fim de que pela consciência do Seu poder em nossos próprios corações, possamos testemunhar eficazmente ao levarmos a mensagem de salvação aos milhões de habitantes da Terra que ainda não foram advertidos.

(Leitura para Terça-feira, 20 de Novembro de 1956)

Apelo para o Espírito de Sacrificio nas Ofertas

«Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a Sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos Céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo». I Pedro 1:3-5.

Todo o verdadeiro adventista se reúne em todo o Mundo para louvar a Deus, neste cântico de louvor. A esperança da herança reservada nos Céus para nós, que «somos guardados na virtude de Deus pela Fé», é certamente a abençoada esperança do Advento. Pedro salienta que esta herança oferece completa segurança, porque está fora do alcance de toda

e para a Fidelidade no Pagamento do Dizimo

a influência corrosiva e corruptora. Oferece a perspectiva de uma completa felicidade. Proporciona uma satisfação eterna, porque o seu brilho resplandecente e glória eterna nunca murcharão. É mais do que o sonho da utopia que os homens alimentaram no espírito, através dos séculos; é de facto preparado por Deus no mais afectuoso amor, e nenhum espírito pervertido e envenenado pelo pecado contribuiu para a sua preparação. É mais maravilhoso ainda é que a realização da esperança está muito mais perto do que quando nós aceitámos a fé. Certamente pouco mais temos de esperar pelo grande dia da Sua

revelação, pelo glorioso dia, quando

«Dez mil vezes dez mil,
Em resplandecentes vestes brancas
Os exércitos dos santos resgatados
Inundam as ruas de luz».

Que alma atribulada, sob a opressão da pobreza e esforçando-se por auferir proventos suficientes, não imaginou ou sonhou com uma herança inesperada ou com algum «golpe da sorte» que mudará a sorte da sua fortuna? Têm acontecido coisas deste género. Consideremos, por exemplo, os lavadores sul-africanos que possuíam a

Por W. DUNCAN EVA

pobre região montanhosa situada a noroeste do Estado livre de Orange, onde em 1947 se descobriram ricos jazigos de ouro. Nuns escasos anos, aquelas campinas tristes transformaram-se em cidades ruidosas. Avaliou-se que os filões auríferos naquelas regiões, antigamente estéreis, produzirão para cima de onze biliões de dólares do precioso metal, durante o próximo meio século. Os proprietários das terras dessa área receberam fabulosas receitas pelas suas quintas. Por feliz acaso, estavam no centro daqueles jazigos auríferos, e a terra de onde, dificilmente, antes arrancavam uma parca subsistência, tornou-os, de repente, fabulosamente ricos. E se nós fôssemos um daqueles afortunados? Que teríamos nós feito com aquela inesperada riqueza?

E, agora, ocorre perguntar: Haverá apenas alguns escolhidos, aos quais a sorte caprichosa sorri tão docemente?

Não, certamente que não. A todos os filhos de Deus é oferecida uma fortuna incomparavelmente mais valiosa. Podemos comparar as seguras realidades da eternidade com as incertezas da riqueza transitória, mesmo que ela dure meio século? Quando consideramos alguns dos pensamentos que o amor eterno deu ao Mundo e aos remidos, torna-se evidente que a nossa herança ultrapassa mesmo os sonhos mais extraordinários do homem.

Consideremos esta bem conhecida promessa: «E ouvi uma grande voz do Céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus». Apocalipse 21:3.

Pelo modo como este aviso é apresentado, a sua importância é, forçosamente, aceita pelo nosso espírito, porque é uma voz importante que fala do Céu. Declara que Deus morará com os homens — e não os homens com Deus, como é largamente ensinado e acreditado. Ele próprio estará com os homens e será o seu Deus.

Este velho mundo, enquanto

existirem cenas de pecado e de discórdia; enquanto existir o campo de batalha da guerra sem tréguas entre Jesus e Satanás; não tem, apenas, de ser remido e restaurado; tem de ser muito glorificado perante o Universo. Aqui, finalmente, quando os vestígios do pecado tiverem desaparecido, Deus virá estabelecer o Seu império e morar com o Seu povo.

O profeta do Evangelho, muitos anos antes de Jesus, profetizou que «do incremento deste principado e da paz não haverá fim». Is. 9:7. Isaías previu, talvez um pouco obscuramente, o glorioso dia do triunfo da justiça sobre o pecado, quando, na vitória de Jesus Cristo sobre o pecado deste Mundo, uma vitória maior seria ganha no universo. A defesa dos objectivos do amor de Deus e dos princípios do Seu império perante mundos que não caíram, conduzirá a um mais sólido estabelecimento da Sua lei e a uma lealdade mais profunda para com Aquele a quem foi dado um nome, que está acima de todos os nomes, e perante o qual, por fim, todos os joelhos se dobrarão, confessando, com a vergonha e o reconhecimento da derrota, ou em alegre aclamação, as retumbantes palavras de que «Jesus Cristo é o Senhor». (Filip. 2:11).

O apóstolo Paulo escreveu mais pormenorizadamente acerca deste maravilhoso assunto, do mistério que é revelação não apenas para os olhos atónitos dos homens, mas também para os principados e potestades nos lugares celestiais. Disse ele que «na dispensação da plenitude dos tempos», é intenção de Deus tornar a congregar em Cristo todas as coisas, «tanto as que estão nos Céus como as que estão na Terra, n'Ele, em quem também fomos feitos herança...» Efésios 1:10, 11.

Isto indica que a intenção de Deus transcende o tempo e a história deste Mundo, e abrange a eternidade, e o ilimitado universo no seu âmbito. Paulo procura erguer os nossos olhos para que possamos ver que os planos de Deus para a libertação do pecado no

nosso mundo são uma parte de uma maior intenção de congregar todas as coisas em Jesus. Segue-se, depois, esse espantoso aviso quase inacreditável em virtude do seu prodígio e glória, de que no coração do novo centro do universo temos uma herança em Jesus Cristo. Onde poderiam, propriamente, ser mais altos os valores dos bens? Todos os nossos sonhos se realizarão! Se formos crentes, acordaremos um dia possuidores de uma fortuna, perante a qual os bens do Mundo serão coisas desprezíveis. É esta a herança incorruptível, imaculada e que nunca murcha.

Irmãos e Irmãs, a esperança do Advento é de facto uma esperança abençoada. «As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam». I Cor. 2:9. Mas pelo Seu Espírito e através das revelações da Sua palavra, descorrimos aqui um vislumbre e vemos acolá uma passageira descrição, cuja beleza e glória vivificam as nossas fracas almas e aumentam a sua ânsia pelo reino futuro. Mas Deus pretende que estas revelações nos levem a viver, a dar e a trabalhar para apressar o alegre dia da libertação. Deus quer que os homens e as mulheres, inspirados pela glória da esperança do Advento e pelas sublimes intenções de um amor infinito, se entreguem e se sacrifiquem pela Causa. É Sua intenção que empreguem o capital com toda a alma nas acções do futuro reino. Ele próprio fez o maior emprego de capital, — pois deu o Seu Filho e, neste presente, deu tudo. Espera, por isso, que compartilhemos do Seu sacrifício, unindo-nos numa abençoada comunhão com Ele, e num profundo acordo com as Suas intenções. A serva do Senhor exprime esse pensamento nestes termos: «O Senhor tornou a proclamação do Evangelho dependente das obras e dádivas voluntárias do seu povo». *Test.*, vol. 9, pág. 246.

Acontece muitas vezes que, embora tenhamos uma tão grande herança em Jesus, se bem que o seu

valor esteja para lá de todos os cálculos em qualquer sistema monetário terrestre, — o nosso amor pelas coisas divinas é expulso das nossas almas pelas coisas terrenas. Apegamo-nos a uma vida que é fácil e agradável, e o Céu torna-se-nos menos precioso e menos desejado.

Somos como aquela jovem que, no outro dia, disse francamente: «Não desejo que Jesus venha já, porque há muitas coisas que desejo ainda fazer e gozar». Gostaria que ela visse as coisas de maneira diferente, e penso que ainda as verá. Mas que é que mudará os nossos anelos e fixará os nossos sentimentos em coisas mais altas? Ouçamos o conselho do Mestre: «Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. *Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará, também, o vosso coração.*» Mateus 6:19, 21. Há um prazer doce e subjugante em nos darmos em sacrifício pela causa de Deus, que assegura, precisamente, o que os nossos corações hesitantes e apegados à terra necessitam. Não o poremos à prova nesta hora? Certamente que há muitos, muitos de nós, que necessitamos de fazer isso, talvez mesmo mais por nossa causa, do que pela causa de Deus.

Ao escrever acerca da conduta de Deus para com o antigo Israel, sobre a educação que Ele pensava dar-lhe para o desenvolvimento dos seus caracteres, e para a sua própria felicidade, a serva de Deus disse-nos: «A consagração a Deus de um dízimo de todo o lucro, quer do pomar e das colheitas do campo, das manadas e dos rebanhos, quer do trabalho intelectual ou manual; a dedicação de um segundo dízimo para alívio dos pobres e para outras práticas de beneficência, contribuiu para conservar presente no povo a verdade de que a Deus tudo pertence, e a oportunidade de serem canais das Suas bênçãos. Era um meio apropriado para expulsar todo o egoísmo

mesquinho e para cultivar a liberalidade e nobreza de carácter.» *Educação*, pág. 44.

Há uma grande bênção no apoio pronto e sincero da causa de Deus. É maravilhoso como Deus estima a fé daqueles que com Ele fazem uma promessa pelo sacrifício. Eis uma história bem simples de um médico missionário que dedicou a vida e os talentos ao serviço de Deus. Repito-a nos termos em que numa recente Convenção ele a contou aos companheiros de trabalho africanos, para que pudessem compreender, o mais claramente possível, o seu significado. «Quando meu pai morreu — disse — deixou-me dezanove cabeças de gado. Por não me terem custado nada, achei que deveria dar a maior parte delas para a obra de Deus. Por isso dei treze a Deus e fiquei bastante contente. Alguns anos mais tarde, quando voltei para a minha casa esperava encontrar as seis cabeças que tinha deixado. Mas encontrei vinte e sete. Deus tornara-me mais rico do que os outros que não as tinham oferecido à Sua obra. Agora tenho mais cabeças para dar a Deus.»

É desta simples fé, que floresce radiantemente no solo da abnegação cristã e da atmosfera de uma crença inabalável na certeza e realidade do reino esperado, que nós hoje necessitamos. Que felizes são aqueles que dão em sacrifício e em cujos corações os germes do egoísmo são constantemente expostos ao purificante brilho do sol dos impulsos generosos que brotam da gratidão a Deus pelo seu «inefável Dom».

Mas o que dermos, devemos dá-lo espontaneamente. É convicção de muitos missionários e de outros que o tempo destinado ao trabalho eficaz em favor dos não-cristãos do Mundo, é muito reduzido. Na China, a não ser que as coisas mudem, já é muito tarde para dar. Notam alguns que na Índia e noutros países orientais, os dias dos missionários estão contados. Recentemente, uma autoridade em África duvidou, seriamente, se os missionários terão ainda dez anos de trabalho eficiente, neste

continente. «Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder» (Actos 1:7), mas é evidente que se tivermos dinheiro para dar à causa Deus, devemos dá-lo agora. Os missionários podem não ser forçados a retirar-se de todos os países, como têm sido obrigados a retirar-se da China; mas o seu trabalho poderá cessar, ou ser largamente neutralizado, em consequência de influências agora em acção entre muitos daqueles povos que ainda não aceitaram o Cristianismo. Que surpreendente não seria, se tu ou eu quiséssemos sinceramente dar generosamente das nossas bolsas e soubéssemos que as nossas dádivas não podiam ser empregadas para a salvação de almas, compradas com o sangue precioso do Salvador, porque a porta da oportunidade se lhes fechou. Nem se julgue que isto seja uma eventualidade imaginária. Infelizmente, é uma possibilidade clara e iminente. Por conseguinte, se Deus impele os nossos corações a fazer grandes e consideráveis dádivas à Sua causa, não nos demoremos a fazê-lo.

O que se refere às terras das missões não é menos exacto quanto aos nossos dízimos e sacrifícios para a obra nas terras pátrias. Embora o que se dá por cabeça na nossa denominação seja muito mais elevado do que o dão outras denominações, não fiquemos satisfeitos, como se já fizéssemos o suficiente. Não estamos fazendo, porque «se já houve alguma vez tempo em que fossem precisos sacrifícios, é agora.» *Testimonies*, vol. 5, pág. 450. Este Movimento, que teve a sua origem em sacrifícios e trabalhos espantosos, que consumiram a saúde e a vida dos pioneiros, findará da mesma maneira. Os apelos por dons de sacrifício e fidelidade no dízimo aumentarão à medida que nos aproximarmos do fim. Disso somos solenemente avisados: «Vi que não aumentou um sacrifício, mas diminuiu e definiu.» *Early Writings*, pág. 57.

Outro apelo procede da mensagem do Senhor, nestes palavras: «Quando todos formos fiéis na

devolução a Deus dos Seus dízimos e ofertas, abrir-se-á o caminho para que o Mundo ouça a mensagem para este tempo. Se o coração do povo de Deus estiver cheio do amor a Cristo; se cada membro da igreja estiver cabalmente imbuído do espírito de abnegação; se todos manifestarem fervor intenso, não faltarão recursos para as missões. Os nossos recursos serão multiplicados; mil portas de utilidade se abrirão, e seremos convidados a entrar por elas. Caso houvesse sido executado o propósito divino de transmitir ao Mundo a mensagem da misericórdia, Cristo já teria vindo à Terra e os santos teriam recebido as boas vindas na cidade de Deus.» — *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, vol. 3, pág. 72.

Notemos que não só não haveria falta de dinheiro para as missões nacionais e estrangeiras, se todos fossem fiéis no dízimo e ofertas, mas também mil portas se abririam e seríamos convidados a entrar. Deus, pois, não pode abrir essas portas por causa da nossa infidelidade. Por isso o Mundo ainda não foi avisado e temos ainda de esperar a vinda de nosso Senhor. Não será já tempo para pormos de parte a nossa infidelidade? Como podemos nós roubar a Deus, numa tal hora? Se tens sido descuidado e egoísta, não queres pôr-te hoje em ordem com

Deus? Não tomarás essa decisão, esta noite, aqui nesta reunião? Se por graça de Deus tens sido fiel e muitos o têm sido, não queres hoje renovar o teu propósito de restituir escrupulosamente ao Senhor o que é d'Ele e resolver-te a dar mais em 'sacrifício? Não devemos nós, como pais, ensinar a nossos filhos fidelidade a este respeito? Alimentemos as fontes da generosidade nos jovens corações. Se for necessário, reduzamos nós as nossas ofertas, para que lhes possamos dar mais, para eles ofertarem a Deus, assegurando-nos assim de que desde a infância eles aprendem a dar grandes ofertas. Afastemos do nosso trato com Deus o espírito de mesquinhez. Tratemos com Ele como Ele tratou connosco, lembrando-nos de que o Calvário é a medida da Sua dádiva.

Há muito tempo, a serva de Deus avisou-nos de que casas e terras não servirão de nada no tempo da angústia, e que naquela altura será impossível dispor delas para fazer progredir a causa de Deus. «Foi-me mostrado — escreveu ela — que é vontade de Deus que os santos se libertem de todos os obstáculos, antes que chegue o tempo da angústia, e que façam um pacto com Deus por meio do sacrifício. Se colocarem as suas riquezas sobre o altar, e sinceramente perguntarem a Deus qual é o seu dever. Ele os ensinará a dispor dessas coisas. Assim estarão livres no tempo da angústia e não terão peias a oprimi-los.» *Early Writings*, págs. 55, 57. Ela também salientou que aqueles que não perguntaram a Deus qual era o seu dever, poderiam conservar os seus bens, mas que no tempo da angústia «surgiriam perante eles como uma montanha para os esmagar». Este será o seu lamento: «A causa estava desfalendo, o povo de Deus morrendo com fome da verdade, e nós não nos esforçámos para suprir as necessidades; agora os nossos bens são inúteis. Oh! se os tivéssemos oferecido e colocado o nosso tesouro nos Céus!» *Ibid.*

Irmãos e Irmãs, «é o último tempo». Pode haver pelo Mundo uma sensação de segurança, em

virtude das condições económicas que agora são favoráveis, mas com que facilidade estas podem mudar! Pode não parecer verdade, mas «aqueles que seguram as rédeas do governo... estão a lutar em vão para colocar as operações dos negócios em bases mais seguras.» *Test.*, vol. 9, pág. 13. Este velho mundo «está-se apressando para a ruína eterna», *Ibid.*, pág. 14. Não seria já tempo para colocar as nossas riquezas no altar e para procurar o Senhor como guia, no que diz respeito à disposição destas? A vinda de nosso Senhor está tão próxima que não requer o mesmo grau de fé para sacrificar, como nos primeiros dias da mensagem. É o amor pelas coisas deste Mundo que nós devemos vencer para nos desfazermos delas pelos interesses da causa.

É impossível descrever-se por ser tão glorioso o objectivo de Deus para este Mundo. A herança que é o nosso privilégio, conseguida quando todas as coisas estiverem reunidas em Jesus, está infinitamente acima de tudo o que o Mundo pode oferecer.

Que todos os nossos interesses estejam no reino vindouro e que as riquezas e talentos que Deus nos deu sejam dedicados à finalização da Sua obra. Então as fadigas e as lutas, as ofertas e sacrifícios que fazemos agora não valerão nada em confronto com a «herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar.» Que Deus apresse esse dia.

Emissões Religiosas

Todas as segundas-feiras, às 21.30 horas, Rádio África-Mahgreb, de Tânger, transmite a Mensagem Adventista. Ouça e recomende aos seus amigos.

A partir de 1 de Outubro, as emissões são ouvidas na banda dos 506 metros (593 kc.).

Avise os seus amigos acerca da mudança.

EMISSÕES EM ANGOLA

A Mensagem Adventista, é, todas as semanas, irradiada através da EMISORA DE BENGUEIA, nas segundas feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta

O Lar Adventista

por Artur H. Roth

Coisas espantosas estão sucedendo ao lar. Os laços familiares enfraquecem; os votos matrimoniais são considerados mais levemente; os divórcios são mais frequentes; os homens e mulheres comportam-se com mais irresponsabilidade; os filhos causam maior perplexidade.

O quadro é sombrio. Uma mãe está perturbada por causa do seu filho. Um avô é tratado como uma quinta roda. Uma irmã tem sentimentos amargos para com o seu irmão. Uma sogra cria dificuldades. Uma esposa é infeliz com seu marido. Um filho descuidado coloca o pai em apertos financeiros. Estes, e muitos outros, são problemas da família e do lar nos meados deste século. Milhares, e até milhões, de vidas são abaladas devido à desintegração e ruína dos lares. Esta situação do lar é uma das fortes indicações de que vivemos nos «últimos dias», nos «tempos trabalhosos» em que homens, mulheres e crianças mais do que nunca são «desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis». (II Tim. 3:1-3). Neste tempo o lar adventista deve notar-se como sendo diferente.

Como povo, os Adventistas do Sétimo Dia foram chamados para viver num plano elevado e santo. Não constitui ele «a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido» ordenado por Deus para «anunciar as virtudes d'Aquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz»? (I Pedro 2:9).

O Adventismo do 7.º Dia, quando é real, manifesta-se plenamente no lar. Digo isto porque o Adventismo não é tortuoso, dissimulado ou hipócrita. O Adventismo é recto, franco e honesto.

Fora do lar, é-nos possível apresentar ser aquilo que na realidade não somos. No lar, não enganamos ninguém. Somos o que somos. Se formos genuínos Adventistas do 7.º Dia mostrar-nos-emos mais rapidamente no lar do que em qualquer outro local.

Tem sido meu privilégio ser adventista do Sétimo Dia durante toda a minha vida. O lar de meu pai era o lar de um ministro. Como filho de um ministro normal ia à Escola Sabatina e à igreja; ia às reuniões de oração; frequentei a escola primária da igreja; fui para uma escola secundária; e finalmente fui para um colégio superior da denominação. Tudo isto era bom, muito bom, reconheço-o. Mas onde eu realmente aprendi a compreender e a amar a mensagem foi no lar. As verdades adventistas faladas e ensinadas na igreja e na escola eram apenas a extensão das influências do lar.

Foi no lar que melhor aprendi a guardar o santo Sábado de Deus. A Sexta-feira era o dia em que procurávamos ter tudo preparado para o melhor dia da semana, o Sábado. O fim da tarde de Sexta-feira tinha uma fragrância que lhe era própria, o aroma que precede o Sábado. Era uma combinação de pão recentemente cozido, de roupas passadas a ferro, de móveis polidos, de rapazes e meninas limpos, e aquele perfume especial de um lar preparado para um acontecimento importante. Quando o pôr do sol anunciava a chegada das horas sagradas, a família reunia-se para cantar, orar e abrir o Livro de Deus. Que maravilhosa e perene impressão se reteve no meu espírito de rapaz! Através das horas do Sábado que se seguiam, eu sabia que Deus ali estava, um Deus bom, um Deus que

apreciávamos e amávamos. Tal experiência só pode existir num lar adventista.

Foi no lar que aprendi que a coisa mais importante que jamais poderia acontecer na Terra era a vinda de Jesus. Cada manhã, a família unia-se para orar: «Venha o Teu reino». O pai e a mãe falavam desse acontecimento; dele falavam os filhos; com ele sonhavam e brincavam. Era algo de real; nenhum «se» ou «talvez» se entrepunha nos nossos pensamentos acerca da mais preciosa crença da família. Era mais fácil os ladrões tirarem aquilo que tivéssemos em casa do que arrebataram dos nossos corações «a bem-aventurada esperança».

Foi no lar que aprendi que o dinheiro que pertence a Deus nunca deve ser tomado emprestado ou destinado ao uso pessoal. De cada 10 tostões que recebia, um não era meu. Era de Deus. E como todo o programa do lar se baseava numa absoluta honestidade e fidelidade, era princípio e lei que o dizimo do Senhor fosse para «a casa do tesouro».

Foi no lar que aprendi o que diz respeito ao perdão e reconciliação. Seria incorrecto dar a impressão de que o lar adventista raras vezes ou nunca é açoitado por tempestades ou dificuldades. Na realidade é. Por vezes o vento sopra em rajadas. Nuvens negras e pesadas podem manifestar-se, sobretudo se se trata de uma casa cheia de crianças. Mas o mau tempo nunca demora muito num lar adventista. Alguém, em geral a mãe, chama de novo a família ao bom caminho pelas vias do arrependimento, do perdão e da reconciliação. Pode ser necessário um pouco de persuasão física, mas o bem triunfa sempre do mal. E assim deve ser. Satanás entrou onde não devia entrar. Ele nada tinha a fazer num lar adventista. Vieram sem ser convidado, furtivamente. Cristo era o Hóspede convidado no começo do dia. O perturbador era um intruso. Quando forçado a sair, então vinha a re-

conciliação e o perdão, porque o amor é a força que impulsiona um lar cristão.

Há muitas outras coisas em relação às quais os adventistas do Sétimo Dia têm atitudes especiais. O lar, sinceramente o creio, é o melhor lugar da Terra para adquirir e desenvolver sentimentos adventistas. Permitam-me que nomeie algumas outras coisas em que os adventistas do Sétimo Dia têm ideias e ideais definidos: recriação, conversas, associações, conduta social, amigos, literatura, linguagem, educação, alimento, saúde, temperança, vestuário, trabalho, culto, actividades missionárias, finanças. Acerca de todas estas coisas os adventistas do Sétimo Dia têm convicções que os tornam, da maneira mais definida, um «povo peculiar». Não o tornam um povo estulto ou ridículo, mas «peculiar» no sentido de que está atentamente desperto e resignado perante o que Deus requer num tempo em que as massas se apartam daquilo que é nobre e bom e recto. Mais uma vez digo que o lar adventista é o meio mais eficaz para o ensino e prática quanto à maneira de viver o Adventismo.

Quais são algumas das normas e ideais destinados a tornar o lar adventista do Sétimo Dia característico numa época assinalada por anarquia ética e moral? Esses ideais têm-nos sido claramente expressos nas Escrituras e nos escritos do Espírito de Profecia. Nesta altura desejo trazer-vos rapidamente ao espírito alguns desses conceitos e normas adventistas para o lar.

A família é um círculo Sagrado

É da máxima importância, segundo creio, a compreensão de que o lar é uma coisa sagrada. O plano da família foi instituído por Deus. Cada membro do lar, pai, mãe e filhos, necessita compenetrar-se desse direito sagrado. A família estabelece entre os seus membros relações exclusivas e santas. «É a vontade manifesta de Deus que maridos e esposas se prendam em

santos laços de união, em Jesus Cristo, sob o Seu domínio e a direcção do Seu Espírito. ... Há um círculo sagrado em volta de cada família que deve ser mantido. Ninguém mais tem o direito de entrar nesse sagrado círculo... Deve fazer-se sentir uma forte impressão de que se está dentro desse círculo, dando esse facto uma impressão de à-vontade, descanso, confiança.» — *The Adventist Home*, págs. 102, 177.

Cristo, O primeiro

Intimamente relacionada com o conceito adventista do carácter do lar, é a crença de que Cristo é o verdadeiro chefe da casa, está presente para a proteger e guiar quando ela Lhe é confiada. «Fazei de Cristo em tudo o primeiro, o último e o melhor. Contemplai-O constantemente, e, à medida que se for submetendo à prova, vosso amor a Ele se tornará dia a dia mais profundo e mais forte. E ao crescer vosso amor a Ele, também vosso amor mútuo há-de crescer, aprofundar-se e fortalecer-se.» — *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, vol. 3, pág. 96.

O amor, princípio dominante

O verdadeiro amor deve encontrar-se em toda a estrutura do lar. Nunca, em tempo algum, deve estar ausente. Não pode isso acontecer se nosso Senhor Jesus reinar no lar, porque Ele é o autor do precioso dom do amor. O amor manifestar-se-á sempre em numerosas maneiras e oportunidades, impondo-se continuamente em palavras e acções.

O amor refina o espírito e enobrece a mente de cada membro da família. O marido, a esposa e os filhos serão felizes e conhecerão a segurança da sua esperança. «O amor é uma planta de origem celeste e necessita de ser cultivada e alimentada. Corações afectuosos, palavras verdadeiras e amorosas tornarão felizes as famílias e exercerão uma influência sobre todos

os que entrem na esfera da sua influência.» *Testimonies*, Vol. 4, pág. 548. O amor é o principal tema da Palavra de Deus. Assim deve ser porque «Deus é amor» (I João 4:8, 16). Provavelmente um dos conselhos das Escrituras mais estimados pelas famílias é este: «Amai-vos cordealmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.» Rom. 12:10.

O Lar, um lugar em que reina a ordem

O lar adventista deve ser um lugar em que reine o asseio e a ordem. «Pais e mães, que põem a Deus em primeiro lugar na família, ensinam os filhos a considerarem o temor de Deus como o princípio da sabedoria, glorificam a Deus diante dos anjos e dos homens, oferecendo ao Mundo o espectáculo de uma família bem dirigida e bem educada — uma família que ama e obedece a Deus e contra Ele não se rebela.» *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, Vol. 2, pág. 134. «Limpeza, asseio e ordem, são indispensáveis para a conveniente orientação do Lar.» *The Adventist Home*, pág. 21.

Cultivai uma disposição alegre

O lar adventista deve cultivar as graças da alegria, cortesia, bondade, simpatia e compreensão. Estas são coisas que iluminam as vidas dos membros da família, ajudam a comunidade e promovem a influência da igreja. «Cultivai simpatia para com os outros. Deixai que a alegria, bondade e amor inundem o lar. ... Tem-se mantido a ideia de que a alegria é incompatível com a dignidade do carácter cristão, mas isso é um erro. O Céu é todo alegria; e se reunirmos em nossas almas as alegrias do Céu e tanto quanto possível as expressarmos em nossas palavras e no nosso porte, agradaremos mais ao nosso Pai celeste.» *Ibidem*, págs. 433, 430.

«Semelhantemente, pais, ... deixai que a luz de um coração amoroso e grato ilumine o rosto.» *Fundamentals of Christian Education*, pág. 68. «Uma bondade universal deve ser a lei da casa. Não deve permitir-se uma linguagem rude; não devem ser proferidas palavras ásperas.» *The Adventist Home*, pág. 421.

Hospitalidade Cristã

Franqueza, sociabilidade e hospitalidade são características do lar adventista. Deus agrada-Se quando o Seu povo recebe visitas. Isso é um privilégio e uma bênção. As Escrituras encorajam essa atenção: «Sendo hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurações.» (I Pedro 4:9). «Aqueles que, por amor de Cristo, hospedam seus irmãos, fazendo o possível por tornar a visita proveitosa tanto aos hóspedes como a si mesmos, são registados no Céu como dignos de bênçãos especiais.» *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, Vol. 2, pág. 571. «Sêde para as vossas visitas o que sois para a vossa família todos os dias — agradáveis, atenciosos e corteses.» *The Adventist Home*, pág. 450. «Por meio do intercâmbio social formam-se relações e amizades que dão em resultado certa unidade de coração e uma atmosfera de amor que agrada ao Céu.» *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, Vol. 2, pág. 438.

Finanças no Lar

Os ideais adventistas do Sétimo Dia para o lar estendem-se ao campo das finanças e à maneira como é administrada a casa. Muitas dificuldades que surgem nos lares de hoje têm a sua origem em desentendimentos acerca das finanças e da maneira como se gasta o dinheiro. Da parte de Deus, têm sido dados muitos conselhos acerca do dinheiro. Em primeiro lugar, somos mordomos do dinheiro e das coisas materiais que Deus confiou ao nosso cuidado. Como mordomos, devemos usar o dinheiro de

uma maneira prática, sábia e abnegada. As nossas necessidades de vestuário, alimento e abrigo devem ser supridas adequada e economicamente. A causa de Deus e os pobres não devem ser esquecidos. Todas as nossas relações financeiras devem ser caracterizadas por princípios comerciais são e honestos. Devemos aborrecer as dívidas. «O dinheiro não é nosso; casas e terrenos, quadros e móveis, vestuário e adornos, não nos pertencem. Somos peregrinos, somos estrangeiros. ... As nossos bênçãos temporais são-nos confiadas para provarmos se nos podem ser confiadas riquezas eternas. ... Deve aliar-se o dever religioso com a mais alta prudência nos negócios. ... Deus não requer que o Seu povo se prive do que é realmente necessário para a sua saúde e conforto, mas não aprova a prodigalidade e as extravagância e ostentação.» *The Adventist Home*, págs. 367, 381, 379.

«Se somos prósperos em nossos negócios materiais é porque Deus nos abençoa. Uma parte da nossa renda deve ser consagrada aos pobres e uma grande parte à causa de Deus.» *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, Vol. 1, págs. 554, 555. «Hábitos de economia, trabalho e sobriedade são para vossos filhos uma herança melhor do que um rico dote.» *The Adventist Home*, pág. 375. «Quando alguém se afunda em dívidas é apanhado na rede que Satanás lança às almas. ... Nunca deveis deixar-vos embarçar financeiramente, porque o facto de ter dívidas enfraquece a vossa fé e tende a desanimar-vos.» *The Adventist Home*, págs. 392, 393. O Apóstolo Paulo admoesta-nos a não sermos «vagos no cuidado». (Rom. 12:11). Salomão diz: «Viste a um homem diligente na sua obra? Perante reis será posto; não será posto perante os de baixa sorte.» (Prov. 22:29).

Recreação Necessária

Os adventistas do Sétimo Dia têm fortes convicções e normas no assunto da recreação e do convívio

social. A recreação é uma necessidade para todos os membros da família e por esse motivo o inimigo das nossas almas aproveita a seta modo esta necessidade para a converter numa das mais subtis ciladas para nos afastar do nosso Mestre. Muitas coisas entram nesta categoria: momentos de ócio, passeios, viagens, jogos, desportos, leitura, música, rádio, televisão, cinemas, etc. «É privilégio e dever dos cristãos o procurarem fortalecer o espírito e revigorar o corpo por meio de inocente recreação com o propósito de usarem as faculdades físicas e mentais para glória de Deus. ... Os cristãos têm outras fontes de felicidade à sua disposição e podem dizer com infalível certeza quais os prazeres que são legítimos e rectos. Podem disfrutar a recreação que não dissipe a mente nem rebaixe a alma, de tal maneira que não deixe uma má impressão que destrua o respeito próprio ou obstrua o caminho da actividade. Se puderem tomar Jesus consigo e manter um espírito de oração, estão em perfeita segurança.» *The Adventist Home*, págs. 493, 513. Todas as perguntas ou dúvidas que possamos ter quanto às relações sociais, divertimentos, jogos, programas de rádio e televisão e outros semelhantes podem resolver-se quando enfrentamos o problema e honestamente perguntamos: «Posso eu fazer isto na presença do Mestre?» Os pais no lar necessitarão de ajudar as crianças a achar as respostas correctas. Necessitarão de agir para actividades recreativas convenientes e satisfatórias.

O Lar, um Centro de actividades missionárias

Mencionarei apenas mais um dos ideais para o lar adventista. Deus deseja que cada família seja um centro de actividades missionárias. «Cumpre-nos a nós, como pais e como cristãos, imprimir a nossos filhos direcção devida. Devem eles ser cuidadosa, sábia e ternamente guiados às veredas do serviço cristão. Temos para com Deus o solene compromisso de criar nossos

(Leitura para Quinta-feira, 22 de Novembro de 1956)

«SAI DELA, POVO MEU»

Por C. GIDLUND

Necessita hoje de tal exortação o povo do Advento? A igreja remanescente aproximou-se de Jesus ou aproximou-se do Mundo após uma centena de anos de difícil caminhada desde que a gloriosa luz e verdade da esperança do Advento foi confiada a este povo? Começamos a sentir-nos à vontade neste Mundo? Há perigo de o mundanismo se introduzir entre nós, sem vermos o perigo e sem nos afastarmos dele?

Enquanto o «mistério de Deus não estiver ainda cumprido», o povo de Deus tem por toda a parte uma tarefa a realizar neste Mundo. A nossa obra exige que vivamos no meio das multidões movimentadas. Não vamos viver como eremitas nem isolar-nos como monges em mosteiros. O Mundo precisa de nós — de todos os crentes, homens e mulheres, jovens e velhos. «Assim como o meu Pai me enviou, também eu vos envio a vós». João 20:21. Nesta época da ira de Deus, é nossa tarefa sermos os mensageiros de Jesus para avisar o Mundo do seu próximo fim. E na execução desta tarefa não podemos desanimar.

Sempre desde o aparecimento do pecado «todo o Mundo está no maligno». I João 5:19. E a força do mal torna-se mais poderosa e mais perigosa e sedutora à medida que nos aproximamos do fim. O

filhos para Seu serviço. Rodeá-los de influências que os induzam a escolher uma vida de serviço, e dar-lhes o devido preparo, — eis o nosso primeiro dever.» *A Ciência do Bom Viver*, pág. 348.

Com efeito, Deus colocou perante as famílias adventistas elevadas normas para os seus lares, normas que, quando postas em prática, farão com que os lares adventistas espalhem aquela «maravilhosa luz» que Deus confiou ao Seu povo. Não desejaremos nós prometer a Deus que, pela Sua graça e com o Seu auxílio, os nossos lares viverão de acordo com as belas normas que Ele estabeleceu para o Seu povo?

inimigo tem armado insídias para nos apanhar a cada um dos homens, e se for possível também armará o laço ao povo escolhido de Deus, para o desencaminhar. No passado não conseguiu destruir a Igreja por meio da perseguição, tortura e morte; por isso mudou de tática. A modesta túnica do humilde Nazareno foi trocada pela púrpura escarlata. A Igreja tornou-se popular e conseguiu o reconhecimento e aceitação no Mundo, unindo-se-lhe em irreligioso matrimónio.

Não «do Mundo»

Há uma diferença importante entre estar «no Mundo» e ser «do Mundo». Ninguém soube isso melhor do que Jesus. Por esta razão desenhou Ele uma clara linha de diferença entre o povo de Deus e o povo do Mundo. O trigo e o joio crescem no mesmo campo. Um tem um valor de vida e o outro de morte, e contudo recebem ambos o alimento do mesmo solo, apanham o mesmo Sol e a mesma chuva. É a semente que opera a diferença. «Dei-lhes a Tua palavra, e o Mundo os aborreceu, porque não são do Mundo, assim como Eu não sou do Mundo». João 17:14. É o Verbo que distingue entre aqueles que estão *no* Mundo mas não são *do* Mundo.

«Não peço que os tires do Mundo, mas que os livres do mal». João 17:15. Não admira que Jesus faça uma tal oração pelos Seus discípulos na Terra, porque «os hábitos deste Mundo» penetram por muitas maneiras na Igreja de Deus e tornam insípido «o sal» que devia encontrar-se em todos os cristãos. Chegámos a uma época em que não precisamos mesmo de sair das nossas casas para procurar o mundo e os prazeres. O mundo entra em casa, quando os seus membros, de acordo com a

época em que vivem, permitem que a literatura, a rádio, o cinema, a televisão se apoderem deles. Todas estas coisas podem ser muito úteis no serviço de Deus para levar a mensagem da salvação às pessoas que não podem ser atingidas pessoalmente pelos pregadores. Podem estas invenções ser boas e maravilhosas em si mesmas. Encurtaram as distâncias através dos mares e dos continentes; mas também se podem tornar perigosos assassinos e ladrões se se lhes permite que sejam meios através dos quais os pecados e encantos deste Mundo sejam trazidos para os nossos lares cristãos.

O tempo precioso da oração, meditação e estudo da Bíblia é perdido lamentavelmente pelo cristão de hoje, quando não vigia e guarda a porta do santuário da sua alma contra tudo o que vê e ouve do Mundo, tal como é trazido para as nossas casas através da página impressa e das ondas da T. S. F. que deixam a alma vazia no seu despertar. Temos cuidado com os bens materiais que possuímos. Não abrimos a porta a ladrões; mas como é que tratamos dos nossos valores espirituais? Somos nós tão cuidadosos em proteger o que é «muito mais precioso que o ouro que perece»? I Pedro 1:7.

Enganamo-nos ao pensar que nos podemos aproximar muito do mundo sem sermos inteiramente tragados pelas suas decepções? Poderemos talvez tentar escapar ao mal e conservarmo-nos sem sermos corrompidos pela podridão do Mundo que actua como uma ferida cancerosa mesmo até à morte?

João, o Apóstolo, diz: «Não ameis o Mundo nem o que no Mundo há». I João 2:15. Queremos ter junto de nós o que amamos. A serva de Deus diz: «Foi-me mostrado que o amor do Mun-

do estava em grande medida tornando o lugar do amor de Deus. ... As coisas espirituais não são estimadas nem procuradas; porque o amor do lucro eclipsou as coisas deste Mundo com o débil, fraco e ineficaz esforço para conseguir a espiritualidade e um tesouro celeste. Não admira que sintamos tão pouco a influência resplandecente do santuário celeste. Os nossos desejos não estão dirigidos para lá; estão, principalmente, confinados em ocupações terrenas, procurando as coisas mundanas e desprezando as eternas.» *Testimonies*, Vol. 2, págs. 183, 184.

Em João 12:43 lê-se: «Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus». Quanto mundanismo, que entrou furtivamente na igreja de Deus, é, precisamente, a resultante do desejo que os homens têm de ser louvados! Na nossa ânsia de olhar para o próximo e para os seus bens e de tentar não ser «piores» do que ele, esquecemos, facilmente, a nossa vocação e tarefa. Em todas as situações, um cristão deve comportar-se e vestir de maneira que não cause vergonha ao reino de Deus, mas que, pelo contrário, crie confiança e inspire respeito entre os homens. Nos *Testemunhos* é-nos dado o seguinte conselho salutar: «A nossa fé, se for vivida, levar-nos-á a ser tão simples no modo de vestir e entusiastas de boas acções, que seremos considerados exemplares. Mas se perdermos o gosto pela ordem e pelo asseio no vestir, virtualmente renunciámos à verdade, porque a verdade nunca degenera, mas eleva. Os descrentes consideram as pessoas que guardam o Sábado como degenerados, e quando estas são descuidadas no vestir e grosseiras e rudes no trato, a sua influência confirma aos descrentes a sua conclusão.» «Se o Mundo introduz uma modesta, conveniente e sadia maneira de vestir que esteja em conformidade com a Bíblia, o adoptar tal modo de vestir não mudará o nosso trato com Deus e com o Mundo. Se os Cristãos seguissem Jesus Cristo e apresentassem o seu vestuário de acordo

com a palavra de Deus, evitariam extremos.»

Estes são princípios são que nos são aconselhados. Não devemos chamar a atenção ou motivar ofensas por causa da nossa aparência exterior, mas deixemos que o nosso adorno «seja o homem encoberto no coração, ... no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus». I Ped. 3:4. Ao antigo Israel, que estava preocupado com as coisas do Mundo, perguntou o Senhor: «Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão? e o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer?» E depois deu o seguinte conselho: «Ouvi-me atentamente, e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura. Inclinaí os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá.» Isaías 55:2, 3. Que se passa conosco? Estamos em perigo de perder o fervor da nossa fé na mensagem que fomos chamados a proclamar? Estamos a perder o amor pela palavra de Deus? Quanto tempo passamos na companhia da Palavra viva que pode trazer uma nova vida às nossas almas? A expressão de desculpa, «não temos tempo», é muitas vezes usada como um pretexto. Mas temos tempo para o que «não é pão» e para o que não satisfaz as necessidades da nossa alma.

Assim como a avareza actua sobre o indivíduo e enfraquece a sua fé e zelo, assim actuará sobre as nossas escolas e instituições e escurecerá a luz que delas devia irradiar. «Pois que aproveita a um homem (ou a uma instituição) ganhar o Mundo inteiro, se houver de perder a sua alma?» Mateus 16:26. Talvez devamos tomar isto em consideração no nosso esforço para o reconhecimento terreno. Uma boa reputação e posição constituem, naturalmente, um requisito indispensável para podermos levar avante o nosso trabalho e para contactar com o povo, mas não necessitamos de o conseguir à custa da mensagem especial que devemos proclamar. A serve do

Senhor dirige-nos o seguinte sério apelo:

«Muitos dentre o professo povo escolhido de Deus, estão tão conformados com o Mundo que não se distingue o seu carácter peculiar e é difícil discernir entre aquele que serve a Deus e aquele que O não serve.» *Testimonies*, Vol. 2, pág. 125. «O afastamento ... do espírito do Mundo é-nos indispensável, se nos quisermos unir ao Senhor e habitar n'Ele. ... Não pode haver união entre a luz e as trevas. Deus pretende que o Seu povo seja um povo escolhido, afastado do Mundo, e que seja exemplo vivo de santidade, e que o Mundo possa ser iluminado, convencido ou condenado, conforme tratarem a luz que lhes houver sido dada.» *Ibid.*, Vol. 2, pág. 689.

A maneira de se sair do Mundo

Um velho pastor escocês disse uma vez: «Toda a humanidade oscila ou na zona de Adão ou na zona de Jesus», e agora temos de escolher a «zona». Um nobre que segundo as exigências humanas tinha levado uma vida correcta e virtuosa perguntou uma vez ao Mestre: «Que me falta ainda?» Não sabemos quais eram os seus mais íntimos pensamentos ou o que o levava a fazer tal pergunta. Mas a verdade é que «ele se foi embora triste» porque possuía muitas coisas, das quais não estava disposto a separar-se. E que dizer de nós? Diremos nós como aquele jovem rico: «Eu guardo os Mandamentos», mas acrescentaremos como ele: «Que me falta ainda?»

A única maneira de se sair deste Mundo é pelo Calvário. A vitória nas nossas vidas diárias depende de compreendermos o que Jesus Cristo realizou por nós, com a Sua morte na cruz. Só se penetrarmos na experiência da cruz é que poderemos dizer que Jesus vive em nós. «Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo» — diz Jesus. É a mesma experiência a que Jesus se refere na sua conversa com Nicodemos.

quando disse: «Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.» João 3:7. O «novo nascimento» significa o mesmo que «a porta», e por ele entramos para o reino da graça e participamos da glória que ultrapassa tudo que se possa sonhar. Se os nossos corações não estiverem agora cheios dessa riqueza, não é de admirar que este Mundo ainda se apodere de nós. Por que é tão fácil para muitos de nós sermos ofendidos e desanimados, ou sentirmos desejos do Mundo? Pode ser motivação por nós, na verdade, não estarmos em íntima comunhão com o nosso Salvador. Não temos aprendido acerca de quem Ele é realmente e do que Ele tem feito por nós. «Mas a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que creem no Seu nome; os quais não nasceram do sangue (não nascemos cristãos), nem da vontade da carne (pelo nosso próprio esforço), nem da vontade do varão (não porque alguém nos força a dizer que somos cristãos), mas de Deus.» João 1:12, 13. Foi a força deste mistério que estimulou os pioneiros quando difundiram a mensagem em terras longínquas, sem os recursos materiais de que hoje dispomos. Eles tinham «nascido de Deus» e possuíam uma fé que podia «mover montanhas».

Acreditamos e pregamos que Jesus há-de voltar em breve. Em que estado encontrará Ele então o seu povo? Continuará este Seu povo a viver no Mundo sem nada que o separe dos «filhos deste

Mundo?» Ou virá Ele encontrá-lo como «um povo eleito» que se livrou da corrupção do Mundo no sangue do Cordeiro? Terá ouvido e prestado atenção à exortação: «Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas?» Apoc. 18:4.

Lemos que «Deus terá um povo separado e distinto do Mundo. Logo que alguns tenham o desejo de imitar as maneiras do Mundo e que não o dominem, imediatamente Deus deixa de os reconhecer como Seus filhos. São filhos do Mundo e das trevas. Cobriam os alhos e as cebolas do Egípto, isto é, desejam ser tão semelhantes ao Mundo quanto possível; procedendo assim, os que pretendem aproximar-se de Jesus, virtualmente afastam-se d'Ele e mostram que são alheios à graça e estranhos ao manso e humilde Jesus. Se estivessem familiarizados com Ele, andariam duma maneira digna d'Ele.» *Testimonies*, Vol. 1, pag. 137.

A humanidade tem de escolher entre dois caminhos: ou o caminho da vida ou o da perdição. Estes caminhos seguem para direcções opostas; por isso os que os percorrem também são diferentes, pelo que diz respeito à maneira de viver, ao carácter e interesses. Se tantarmos caminhar mantendo-nos no meio dos dois caminhos, em breve nos encontraremos, nitidamente, no caminho da morte, porque é um caminho largo e muitos são os que seguem por ele. Em Provérbios 16:17 lê-se: «O alto

caminho dos rectos é desviar-se do mal; o que guarda o seu caminho, preserva a sua alma.» «Pelo que saí do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei; e serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo poderoso.» «Pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundície da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.» (2 Coríntios, 6:17 e 18; 7:1).

Nós, como povo, acreditamos que a presente época está caminhando rapidamente para o fim. Deus necessita de homens e de mulheres cheios de espírito de Jesus Cristo, o espírito da Cruz. Há, apenas, um caminho, através do qual vós e eu podemos ganhar almas para Jesus; há, apenas, um caminho através do qual, vós e eu podemos ter uma vida frutuosa: é o caminho do sacrifício. É este o único caminho no qual a vida de Jesus se pode manifestar em nós e derramar-se de nós para os outros; este caminho afastar-nos-á do mundanismo que existe à nossa volta, e conduzir-nos-á, também, a uma mais completa consagração de todo o nosso ser Àquele que deu a Sua vida por nós.

Que Deus nos ajude a que nada em nós se oponha a que a glória da cruz se acenda de novo nos nossos corações e nas nossas vidas e que brilhe, depois, com renovado esplendor sobre este pobre Mundo que está correndo para a sua perdição.

(Leitura para Sexta-feira, 23 de Novembro de 1956)

«Prepara-te para te encontrares com o teu Deus»

Por mais de seis décadas tem aparecido na *Review and Herald* um fiel registo da nossa Semana de Oração anual. Ao ler esses apelos para a oração, em páginas hoje amareladas pelo tempo, tenho tido repetidas vezes um pensamento persistente. É que o de-

Por JORGE E. VANDEMAN

correr do tempo, em vez de ser causa de enfraquecimento da fé, tem servido para fortalecer a nossa confiança na bem-aventurada esperança. Com efeito, a encorajante

perspectiva ganha por um rápido relance da esperança adventista mostra claramente que o que os primeiros profetas visionaram — e o que os primeiros crentes adventistas tão fervorosamente ensinaram — está agora em rápido cumprimento. Os olhos da profecia viram

ontem. Mas hoje temos a realidade.

É significativo notar que nestes números especiais da *Revista* nenhum assunto e nenhum texto tem sido mais vezes apresentado do que aquele que sinto devermos estudar esta noite — «Prepara-te para te encontrares com o teu Deus». Estas palavras do profeta Amós soam através dos séculos até aos nossos dias com premente urgência, falando com penetrante compreensão às nossas necessidades modernas.

Estamos tranquilos em sua presença — tranquilos no meio de um mundo cheio de distração, tranquilos no meio das nossas preocupações e dificuldades. Pode ser que, como dizia o velho Quaker, as palavras do nosso texto «falem à nossa condição». Se assim for, será bem passada esta hora de Sexta-feira à noite. Notemos agora o texto completo: «Vós fostes como um tição arrebatado do incêndio; contudo, não vos convertestes a Mim, disse o Senhor. Portanto... prepara-te para te encontrares com o teu Deus.»

Quão cheias de apelo pessoal são estas palavras! Todavia podeis perguntar: «Porque se refere Amós a um tição arrebatado do incêndio quando apresenta um apelo à preparação?» Veremos que esta metáfora descreve claramente as esperanças do cristão. Quando João Wesley era apenas uma criança de dois anos, lançaram fogo à pequena casa paroquial da sua família. João foi esquecido quando a grande família procurou apressadamente salvar-se. Foi então, à vista da casa em chamas, que o pai se lembrou. Horrorizado com o seu descuido, afoitou-se de novo às chamas a fim de salvar o seu pequeno filho. Quando, por fim, a criança foi deposta nos braços de sua mãe, aquela piedosa senhora proferiu as palavras do nosso texto numa oração de agradecimento: «Não é João um tição arrebatado do incêndio?» Sim, num sentido muito natural, assim era. Ele foi resgatado de uma destruição certa e foi-lhe depois dada uma poderosa obra a fazer para Deus. Da mesma maneira, num sentido muito real, somos também tíções. Cada

um de nós, sem excepção, é como um tição salvo do incêndio — salvo dos fogos consumidores do pecado, da desobediência, do mundanismo, da decepção e da perdição eterna. É a nós que o Senhor está aqui falando por meio de Amós. Pode dizer-se a nosso respeito que nós nos temos voltado para Ele? Nós que somos recipientes de tão grande salvação? Ao nosso coração soa o repto, «Prepara-te para te encontrares com o teu Deus!»

A cada jovem moderno e a cada adulto sincero — quer seja espiritualmente forte ou fraco, de carácter firme ou vacilante, de espírito corajoso ou pusilânime — seja-me permitido dizer que o caminho da preparação se tornou simples. Não é necessário ter má compreensão. O nosso amado Salvador é poderoso para salvar e convida todos a receberem da Sua força. Ao recebê-lo e ao andarmos com Ele, Ele torna-se responsável pelo nosso êxito.

É necessária uma Absoluta Honestidade

O A B C da nossa experiência com Deus centraliza-se no arrependimento e confissão. E no nosso crescimento, até atingirmos a plena maturidade cristã, continua a desempenhar um papel vital. Em nenhum passo da nossa experiência com Deus podemos pô-las de parte com segurança. De todos os males que experimenta o cristão em vias de crescimento, a tentação de nos tratarmos desonestamente em relação ao pecado e à fraqueza humana é a mais mortal.

Nenhum mestre seguro da vida interior diz que jamais se tornou impossível pecar. Os mestres seguros da vida apenas ensinam que o pecado deixou de se tornar uma necessidade para nós e que a possibilidade de vitória é oferecida a todos. Há muito poucos, se é que alguém, que não confesse que na sua própria experiência tem por vezes sido vencido, pelo menos momentaneamente, pela tentação. Certamente que essas fraquezas são lamentáveis. Mas se foram segui-

das pelo arrependimento e imediata confissão, a nossa comunhão com Deus não necessitou de ser perturbada durante mais tempo do que um momento passageiro.

O indivíduo, porém, que assim fracassou pode ser tentado a reagir de duas maneiras. Ou é tentado a desanimar ou é tentado a cobrir o pecado com desculpas e racionalização. E tanto o desânimo como a desculpa são errados.

É evidente para todos que o desânimo não é o caminho da vitória nem a maneira de reagir perante a fraqueza. Não necessitamos de desanimar. O Salvador, cujo poder nos deve guardar, nunca fracassou. Ele pode guardar-nos de tal maneira como se nunca tivéssemos pecado. Por grandes que sejam as nossas faltas, não devem levar-nos a meter-nos debaixo de uma nuvem de sentimentos tristes, a que por vezes chamamos desânimo. A nossa fraqueza é antes um argumento irresponsável de que necessitamos de confiar mais em Deus. O desânimo só serve para enfraquecer. O cristão deve positivamente abster-se dele como se absteria da lepra.

E quanto a desculpar o nosso pecado? Fazer essa pergunta é reconhecer quão absurda e errada é tal atitude. A nossa união com Deus requer a máxima honestidade perante a desobediência. A bênção que o nosso pecado apenas momentaneamente perturbou se for seguida por imediata confissão e perdão, é certamente perdida por completo se tratarmos desonestamente esse pecado.

Conta-se uma interessante história acerca do uso da palavra *sincero*, relacionada com a faiança chinesa. Segundo uma velha tradição, a palavra sincero significa em latim, *sem cera* ou genuíno. A China é um país de faianças. Há, sem dúvida, boa louça, assim como artigos baratos de imitação. Mercadores sem escrúpulos tomam por vezes um artigo de louça partido e encham as brechas com cera colorida, de modo que depois aparenta ser da mais fina. Mas depois de comprado tal artigo de faiança, o comprador descobre mais cedo ou mais tarde que foi enganado. Os

melhores comerciantes seguiram o plano de pôr nas suas mercadorias a palavra *sincero* — isto é, *sem cera*, sem nada encobrendo-as. Esta é a «marca de contraste» da faiança de qualidade.

Da mesma maneira, não só o nosso primeiro passo, mas cada passo na preparação para nos encontrarmos com um Deus santo, deve ser *sincero* — sem nada que o encubra. Diz o Sábio: «O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia». Prov. 28:13. Lembremo-nos sempre desta promessa quando tentados a encobrir um pecado. Nunca desculpeis uma fraqueza. Pelo contrário, venci-a no poder de Cristo.

A Transformação Contínua

O arrependimento e a confissão não só põem em movimento a obra do novo nascimento, mas estes dois importantes gêmeos são vitais para um crescimento contínuo. Conduzem de uma vida centralizada em nós próprios para uma vida centralizada em Cristo. E temos aqui o nosso problema permanente, sempre presente e central. Concentramo-nos sobre nós próprios — seja qual for a forma que isso revista — paraliza a vida espiritual. Prende o homem à velha vida por mais religioso que ele pareça ser. Essa mudança de centro na vida é então absolutamente fundamental. Mas para desarraigá-las inveteradas tendências de centralização própria — quer se trate dos primeiros dias de contacto com Cristo, quer Deus chame para uma entrega mais profunda e completa — deve haver um arrependimento sincero e uma confissão perfeita.

Tornemos o pensamento claro com uma ilustração: Em certo lar há alguns anos atrás havia um rapaz que se tinha tornado rebelde e desobediente. As tendências manifestadas no filho preocupavam seu pai e sua mãe. Uma noite o rapaz, em estado de rebelião, disse a seus pais que não podia tolerar mais a piedade de sua mãe nem o

rigor de seu pai e que, portanto, ia abandonar o lar. Os pais ouviram os passos de seu filho pronto a partir na manhã seguinte, antes de despontar a aurora. O pai levantou-se e foi ao encontro do filho junto da porta. «Filho», disse ele, «tua mãe e eu não podemos dormir toda a noite; temos falado acerca de tudo isto e concluímos que deve ter havido algo em que procedemos mal. Pedimos-te que nos perdoes naquilo em que faltámos ao nosso dever como teus pais.»

O rapaz deteve-se por um momento estupefacto e então desabafou. «Pai», disse, «em si e na mãe nada há de mal, mas em mim. Eu é que tenho procedido mal. Por favor perdoem-me.»

O perdão mútuo naquele lar curou a ferida. Mas notai que a confissão por parte tanto dos pais como do filho começou o processo. Foi então que o rapaz pôs abertamente a responsabilidade onde ela devia estar, ou seja, em si mesmo, e a transformação começou.

Da mesma sorte a transformação começará, ou aprofundar-se-á na vossa vida ou na minha, em qualquer grau da nossa experiência, quando nós nos determinarmos a pôr honestamente a responsabilidade da nossa fraqueza onde deve estar, quando nos prontificarmos a dizer de todo o coração: «Eu sou responsável. Ninguém mais deve ser censurado.» Tão importante é este passo — tão absolutamente vital é ele — que o inimigo das almas leva homens e mulheres a porem a responsabilidade em qualquer outro bode emissário.

Quão humana é esta tendência! Alguns não-cristãos responsabilizam actualmente os movimentos e posições dos corpos celestes pelas suas dificuldades, como se essas massas no espaço pudessem afectar as vidas de *agentes morais livres*. Um oriental pode responsabilizar uma suposta encarnação anterior. Alguns responsabilizam a hereditariedade. Os próprios cristãos apresentam por vezes desculpas absurdas em vez de reclamar a vitória por meio do arrependimento e confissão. Rejeitar este precioso

meio de alívio pela negação constante é um processo perigoso.

Não, amigos, o poder convertedor, fortalecedor, purificador de Deus, manifesta-se quando dizemos: «Tenho pena. Sou responsável. Ó Deus, ajuda-me.» É então que as forças curadoras e transformadoras de Deus podem livremente operar em nosso favor. As forças discordantes da alma fundem-se umas nas outras sob os fogos ardentes do Espírito de Deus. Então, e só então, sentimos a aprovação do perdão divino. Sentimo-nos numa fortaleza de perfeita paz. Mas nunca esqueçais que é o espírito de verdadeira humildade e seus frutos — o arrependimento e a confissão — que abrem o caminho.

Notai esta simples palavra de *Early Writings*, pág. 113: «Muitos dos que professam o nome de Cristo e pretendem aguardar a Sua breve vinda, não sabem o que é sofrer por Cristo. Seus corações não estão subjugados pela graça e não estão mortos para si mesmos, como muitas vezes se mostra de muitos modos. Ao mesmo tempo falam em experimentar provas. Mas a principal causa das suas provas é um coração não subjugado, que torna o próprio eu tão sensível que com muita frequência se ofende. Se tais pudessem compreender o que é ser humilde seguidor de Cristo... morreriam primeiro para o próprio eu e depois perseverariam na oração e restringiriam cada paixão do coração. Bani a vossa confiança própria e a vossa suficiência própria, ... conservai sempre Jesus no vosso espírito, porque Ele é o vosso exemplo e vós deveis seguir as Suas pisadas. Olhai para Jesus, Autor e Consumador da nossa fé.»

Isto é, com efeito, uma estranha fórmula num mundo moderno em que vozes populares pretendem que a única maneira de resolver os nossos problemas pessoais consiste em procurar o caminho da descoberta de *nós mesmos*, da afirmação de *nós mesmos* e da posse de *nós mesmos*. Este caminho do «auxílio a nós mesmos» para encontrar a paz não é, porém, tão

novo. Estes elementos podem encontrar-se em muitas religiões não-cristãs e filosofias pagãs do Mundo. Quando cuidadosamente analisado, descobrimos neles duas ideias básicas. Numa o adepto diz: «Eu sou Deus». Na outra: «Não há Deus». E ambas, cremos e sabemos, são erradas.

Do mesmo modo, o cristão que sabe discernir pode hoje ver o perigo destas pretensas fórmulas cristãs para rápida e fácil paz e poder.

Todo o conselho que vos convida a apelar para a «divindade latente» que está dentro de vós é errado, perigosamente errado. A verdadeira compreensão própria leva-nos à Cruz, ao arrependimento e à confissão. A compreensão própria não é o objectivo — o objectivo é uma nova natureza que só pode ser implantada pelo Espírito Santo.

A nossa preparação para nos encontrarmos com Deus neste mundo moderno requer que estejamos alerta perante estes perigos subtis por mais lisonjeiros ou atraentes que possam ser. Notai como um homem explicou o assunto. O Dr. Erich Fromm — um psicanalista — adverte que grande parte «do recente reavivamento religioso procura combinar a ideia de uma religião judaico-cristã com as ideias de Dale Carnegie. É-se encorajado a usar a Bíblia para vender o próprio eu e não para ver a profunda separação entre as coisas da Bíblia e o materialismo em que todos vivem hoje».

Fere um pouco a consciência, não é verdade? Mas se fere dei-

xai que o Espírito Santo faça a Sua obra.

E isto faz-nos voltar uma vez mais ao assunto do arrependimento e da confissão. Uma pergunta insistente necessita ainda de ser respondida. Não virá o tempo em que haja menos necessidade de arrependimento e confissão? Hão-de repetidos fracassos assinalar constantemente a vida do cristão até ao fim? Hão-de continuar as faltas sem possibilidade de serem evitadas? O plano de Deus não é que continuemos na derrota. O crescimento na santificação é o próprio objectivo do poder regenerador de Deus. Sentimos, porém, que nos ajudará se compreendermos a causa real subjacente a estas quedas ocasionais nas nossas vidas que tão perplexos nos deixam. O conhecimento da causa ajudar-nos-á a aceitar a cura.

Lede de novo a esclarecedora experiência dos filhos de Israel, em Josué 6 e 7, ao caírem inesperadamente perante os seus inimigos na batalha de Ai — precisamente quando pensavam estar mais fortes. A Escritura diz que tinham «prevaricado no anátema», «pelo que os filhos de Israel não puderam subsistir perante os seus inimigos». Noutros termos, era o *mal oculto* que os enfraquecia. A nossa lição é simplesmente esta. Por insignificante ou profundamente oculto que seja, qualquer mal ou compromisso acariciado no coração levar-nos-á certamente a cair quando pensamos estar mais fortes.

Toda a consciente raiz de amargura, toda a busca do próprio eu

por melhor aspecto que tenha, todo o áspero juízo crítico acerca dos outros, toda a relutância na obediência, todos os hábitos duvidosos, toda a negligência de uma vida de oração — repito, cada uma ou qualquer combinação destas coisas paralizará eficazmente a vida espiritual. São essas as causas, as causas ocultas, dos fracassos ocasionais que a tantos causam tão grande perplexidade.

Agradeço a Deus pelo Seu Espírito, pela íntima Presença d'Aquele cuja obra é descobrir-nos as causas ocultas do fracasso e salvar-nos delas. Lembrai-vos das três frases do nosso texto:

Sois vós «um tição arrebatado do incêndio?»

«Contudo não vos convertestes a Mim.» É isso verdade na vossa vida?

Então o apelo que Deus vos dirige é: «Prepara-te para te encontrares com o teu Deus.»

Com este apelo perante nós, ousaremos desatender a Sua voz amável, e insistir que tudo vai bem enquanto a fraqueza mortal continua dentro de nós, levando a derrota aos mais inesperados lugares? Que assim não seja, mas levantemo-nos nesta hora e digamos:

«Bendito Senhor Jesus, mantém as nossas vidas sensíveis à voz do Teu Espírito. Torna-nos prontos — perfeitamente prontos — para aceitar a revelação das nossas necessidades íntimas. Purifica — purifica profundamente — essas fontes de conduta. E então fortalece-nos e mantém-nos sempre preparados para o Teu reino.»

(Leitura para Sábado, 24 de Novembro de 1956)

Uma Igreja Gloriosa

«Cristo amou a igreja e a Si mesmo se entregou por ela... Para a apresentar a Si mesmo como igreja gloriosa.»

Efés. 5:25-27

O dom maravilhoso do Céu na pessoa de Cristo tornou possível um grupo especial de pessoas na

Por R. R. FIGUHR

terra, conhecido como sendo a igreja de Deus. Os homens e mulheres que compõem a igreja são as testemunhas escolhidas pelo Céu neste Mundo. A sua lealdade a Deus e aos princípios distinguem-

-nos notavelmente de todos os outros. No relato histórico divinamente inspirado dos primeiros dias do nosso mundo, lemos que, ao multiplicarem-se sobre a face da Terra, os homens esqueceram-se de Deus e apartaram-se dos Seus caminhos para seguirem os caminhos de sua própria escolha. Sem

Deus nos seus pensamentos, o pecado e a maldade multiplicaram-se rapidamente, disseminando-se como tenebroso dilúvio sobre a face da Terra. «Toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má continuamente.» Gén. 6:5. Assim, o homem criado à imagem de Deus, trouxe vergonha e indizível tristeza ao seu divino Criador.

Mas no meio dessas trevas, apesar de o mal predominar por toda a parte, havia «filhos de Deus» na Terra. A lealdade para com Ele era o seu lema. Resistiam às solicitações para o pecado e viviam em harmonia com os grandes princípios de Deus. Através dos séculos eles têm sido quais luzes guiando o caminho dos fiéis que se lhes seguiram. Essas luzes têm brilhado cada vez com mais fulgor à medida que os séculos têm sucedido. Apontam o caminho para a fidelidade, levando-nos a viver consagrada e corajosamente nestes tempos maus, «para que seiais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandecéis como astros no Mundo.» Fil. 2:15.

A Igreja é Preciosa para Deus

De todos os objectos da Terra, a igreja dos fiéis seguidores de Cristo é para Deus o que há de mais precioso. Pela sua redenção o Filho de Deus deu a Sua vida como preço infinito. Por esse incomparável dom Ele tornou o homem mais precioso do que o ouro de Ofir. O Seu povo é para Ele como jóias preciosas, compradas não com coisas corruptíveis como prata ou ouro, mas com o sangue do próprio Cristo. Embora o preço pago tenha sido tremendo, Cristo nunca o considerará como demasiado elevado. Não haverá arrependimento da Sua parte. Isaías escreveu a propósito daquele último grande dia em que o nosso Salvador olhará para a hoste dos remidos: «O trabalho da Sua alma Ele verá e ficará satisfeito». Quão maravilhoso é o amor de Deus

para com os que O seguem! Quão profundo e terno é o Seu affecto pela Sua Igreja!

Que é Uma Igreja Gloriosa?

O Apóstolo em Efésios 5:26 diz-nos que uma igreja gloriosa é *santificada e purificada*. No versículo 27, diz-nos que ela é sem mácula, sem ruga, sem repreensão ou coisa semelhante. Quando máculas, rugas e motivos de repreensão têm sido removidos pela purificação divina, então aparece uma igreja gloriosa.

Em Apocalipse 7:14 é flagrantemente descrito um grupo glorioso no Céu. É chamada a atenção para os seus vestidos brancos e declara-se que eles «os branquearam no sangue do Cordeiro». Esse é um maravilhoso espectáculo. É o produto consumado, a igreja gloriosa de Cristo.

O seu aperfeiçoamento teve lugar aqui na Terra. Foi aqui, nas condições em que vivemos, que a igreja foi lavada, se tornou imaculada e gloriosa.

«Enquanto o juízo de investigação prossegue no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado, entre o povo de Deus na Terra. Esta obra é mais claramente apresentada nas mensagens do capítulo 14 de Apocalipse.

«Quando ela se houver realizado, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento. ... Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será 'igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante'. Efésios 5:27.» *O Conflito dos Séculos*, pág. 312 e 313.

Ao olharmos em volta de nós, pensamos ver os membros da igreja indiferentes, descuidados e frios. Lamentamos o triste estado dos outros. Discutimos livremente as suas faltas. Alguns chegam a escrever acerca deles. Chamam-se «refor-

mistas». Nunca é difícil criticar e derrubar. Qualquer pessoa pode derrubar ou danificar um belo edificio ou obra de arte, mas é necessária visão, paciência e dedicação para construir. Muito mais do que dos chamados «reformistas», a igreja necessita hoje de fiéis e leais «conformistas» em relação às normas do Senhor. Esses são os reais edificadores na causa de Deus. As suas vozes podem não se fazer ouvir na rua, mas o seu trabalho silencioso e coerente atinge eficazmente os corações.

«Se quereis, como igreja, obter as ricas bênçãos de Deus, deveis individualmente fazer d'Ele o primeiro, o último e o melhor em cada pensamento, plano e obra.» *Testimonies*, Vol. 4, pág. 610. Opera-se uma mudança para melhor na igreja quando cada um dos seus membros, perscrutando os seus próprios corações e vidas, decide fazer de Cristo o primeiro, o último e o melhor. Nenhuma reforma se operará jámais pelo facto de os membros olharem uns para os outros. Há nelhes pouco que possa inspirar e elevar. Depois de um cuidadoso exame próprio, os olhos devem conservar-se fixos no Autor e Consumador da nossa fé, nosso grande exemplo celestial.

O Privilégio de Pertencer à Igreja

A igreja, como disse alguém com razão, é a única instituição no Mundo para ser membro da qual se requer que o candidato reconheça que não é digno de pertencer a ela.

O privilégio de ser membro da igreja de Deus deve despertar em cada um de nós sentimentos da mais profunda gratidão. Uma preocupação de lealdade aos seus princípios e altos ideais deve governar a vida. Ser contado com o povo de Deus é verdadeiramente um privilégio e uma alta honra.

Alguns anos atrás, encontrando-me num país estrangeiro, tive o privilégio de entrar em contacto com um grupo de pessoas que viviam numa área rural muito afas-

tada de qualquer vila ou cidade. Tiveram acesso a Bíblias e aprenderam a verdade sobre o Sábado e em breve começaram a guardá-lo. Quando encontramos essas pessoas descobrimos que não estavam apenas guardando o Sábado, mas estavam também pondo de parte um décimo das suas colheitas como dizimo, porque tinham constatado que a Bíblia ensinava o sistema do dizimo. Finalmente, alguns dias depois chegou o dia para o primeiro baptismo. Segundo a praxe geral, cada candidato foi pessoalmente examinado, começando esse exame com a pergunta: «Deseja ser baptizado e unir-se à igreja Adventista do Sétimo Dia?» A fervorosa resposta de um dos dirigentes do grupo deixou-nos uma impressão duradoira. Essa resposta foi a seguinte: «Sim, se puder ser considerado digno de tal honra.» Este humilde mas fervoroso lavrador tinha apreendido quão sagrado é o privilégio de pertencer à igreja, mesmo antes de se tornar membro dela. Para ele, o ser membro significava não apenas uma responsabilidade mas também uma honra. Corremos o perigo de considerar levemente este altíssimo privilégio. Lembra-nos o Apóstolo Paulo que a união com a igreja significa união com Cristo, pela qual nos tornamos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos. Ef. 5:30.

Lemos que sempre que os antigos cidadãos de Roma ouviam cantar a grandeza e poder do império e da cidade imperial sentiam profunda satisfação em ser cidadãos de tão vasto império. A cidadania significava muito e era uma honra cobiçada, um privilégio altamente apreciado. O centurião em Jerusalém disse a Paulo: «Com grande soma de dinheiro eu obtive este direito de cidadão.» Com elevada satisfação Paulo respondeu: «Mas eu sou-o de nascimento.» Mais tarde, ao serem admitidos à cidadania romana os bárbaros, escravos e outras pessoas de condição inferior, perdeu-se, dizem os historiadores, esse «frémido de glória». A perda do senso desse alto privilégio é apresentada como factor

acessório da desintegração do poderoso império romano.

Semelhante processo de desintegração é descrito nos sete selos de Apocalipse 6, na maior parte do corpo dos cristãos através dos séculos. A pureza e fidelidade da igreja do 1.º século é representada pelo cavaleiro vestido de branco, sentado sobre um cavalo branco e seguindo «vitorioso e para vencer». Os primeiros cristãos representados por este impressionante símbolo sentiam um frémido de glória divina ao ser contados com a igreja de Deus, com o corpo escolhido que O representava na Terra. Eram esculpulosamente leais a ela e aos seus elevados princípios. Viviam alegremente e, se necessário fosse, morriam de boa vontade para manter os seus ideais. A história regista muitos casos heróicos de homens, mulheres e até crianças que não amaram as suas vidas até à morte quando chamados a provar a sua lealdade. Uma nobre matrona cristã, tendo-lhe sido prometida a vida se tão somente oferecesse incenso aos deuses de Roma, recusou sem hesitar, dizendo aos seus perseguidores: «Estou certa de que, enquanto viver, vencerei na minha luta convosco, e se me fizerem sofrer a morte, mesmo então serei vencedora.» *Early Christianity and Paganism*, pág. 193.

É-nos dito que era a realidade da sua fé que os fazia erguer-se acima dos seus sofrimentos e lhes dava coragem para enfrentar a própria morte, em geral tão cruelmente infligida.

Nossa Necessidade de Hoje

Uma fé intensamente real é a nossa necessidade de hoje — uma fé pela qual vivamos e, se necessário for, pela qual morramos. O facto de mais pessoas frequentarem a igreja e de se elevar o número de membros é hoje apresentado como uma indicação de um reavivamento geral do cristianismo. Um escritor comenta sãbiamente que o facto de ser membro e de frequentar a igreja não é necessariamente sinónimo de piedade. Uma pessoa

pode frequentar regularmente a igreja sem ser verdadeiramente religiosa.

A prova real da religião de uma pessoa manifesta-se na sua vida diária, no lar, na rua, em todas as actividades do dia. Evidencia-se algo de origem celeste na vida do verdadeiro seguidor de Cristo.

«A fisionomia dos homens e mulheres que andam e trabalham com Deus exprime a paz do Céu. São circundados de atmosfera celeste.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 329.

«Todos os livros escritos não podem substituir o propósito de uma vida santa.» — *Testimonies*, Vol. 9, pág. 21.

Tais homens e mulheres «estão cheios de frutos da justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.» Fil. 1:11. Nunca nos cansamos de ler acerca da fidelidade dos cristãos dos primeiros séculos da nossa era. Viviam diariamente a sua fé com tanta simplicidade e sinceridade que um antigo escritor foi levado a dizer deles: «Estão na carne mas não vivem segundo a carne. Passam os seus dias na Terra mas são cidadãos do Céu. Obedecem às leis prescritas e ao mesmo tempo ultrapassam as leis pelas suas vidas. Amam a todos, e são perseguidos por todos; são desconhecidos e condenados; são levados à morte e todavia vivem; são pobres, e no entanto tornam a muitos ricos; estão em necessidade de todas as coisas, abundam, porém, em tudo; são desonrados, mas na sua própria desonra são glorificados; são vilipendiados, e abençoam; são insultados, e pagam o insulto com honra; fazem o bem, e todavia são punidos como malfeitores; quando punidos, regozijam-se. São atacados pelos judeus como estrangeiros, e são perseguidos pelos gregos, mas aqueles que os odeiam são incapazes de apresentar qualquer razão para o seu ódio.» — *Conflict of Christianity with Heathenism*, pág. 167.

O carácter predominante desses seguidores do Senhor era o amor.

«A vida da igreja cristã é a prova real. Era uma vida de amor.

Nada mais fazia admirar os pagãos, nada era mais incompreensível para eles. 'Eis', exclamavam, 'como se amam uns aos outros!' Entre si os cristãos chamavam-se mutuamente irmãos e esse nome fraternal não era uma simples palavra. Viviam como irmãos.» — *Ibidem*, pág. 196.

«Serviam-se mutuamente e cada um orava por todos os outros. ... 'Amam-se mutuamente sem se conhecerem uns aos outros!', diz um pagão atônito.» — *Ibidem*.

As bênçãos da religião cristã entraram e transformaram os lares. «Todo o lar cristão tornou-se um templo de Deus, onde a Sua Palavra era diligentemente lida, e a oração era oferecida com fidelidade e fervor. 'Se tens esposa, ora com ela', lemos num dos cânones da igreja egípcia, 'a fim de que o matrimónio se não torne um obstáculo à oração'. Ouvia-se frequentemente cantar salmos e hinos. O dia começava com a leitura das Escrituras em conjunto, e com a oração, concluindo com a Aleluia. Então todos os membros da família davam uns aos outros o ósculo da paz, e iam para o seu trabalho. Nenhuma refeição era tomada sem se pedir a bênção de Deus. Todo o repasto, por simples que fosse, tinha algo de característico da Santa Ceia, da Eucaristia.» — *Ibidem*, pág. 183.

O quadro da piedade dos primeiros cristãos é de facto um maravilhoso quadro. Com tal fé em

Deus e tão divino amor entre os membros não é de admirar que as maiores forças humanas do Mundo se tornassem manifestamente impotentes para deter a expansão da religião cristã. Perante ela, o paganismo tremeu e caiu. Mas o triunfo não se obteve sem um preço. «Com o amor ia de mãos dadas a dor. O testemunho da palavra, da conduta, do amor completou-se com o testemunho do sangue, com o martírio. O poder da morte do mártir está precisamente no facto de que esse acontecimento era o termo do testemunho dado pela sua vida.» — *Ibidem*, pág. 205.

«Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na Terra.» Heb. 11:13.

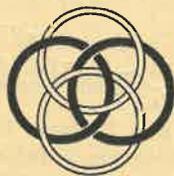
Ao pensarmos nesses nobres homens e mulheres que foram leais a Deus e à Sua verdade até à morte, somos levados a orar:

«Ó Deus, dá-nos graça para seguirmos nas suas pisadas.»

A igreja dos últimos dias deve passar por semelhante período de prova. O tempo de angústia, «tal como nunca houve desde que há nação», está perante nós. Deus deseja preparar a Sua Igreja para esse tempo por meio de um reavivamento da primitiva piedade. «Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal aviva-

mento da primitiva piedade como não foi testemunhado desde os tempos apostólicos.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 340.

Deste reavivamento de piedade sairá aquela igreja gloriosa, à qual o Apóstolo Paulo se refere como sendo igreja sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante. Devemos estar certos de nos encontrarmos entre eles, não com as vestes de humana tecitura, mas com as vestes imaculadas, preparadas para nós, ou seja a justiça de Cristo nosso Senhor e Salvador. Estes dias, devem ser dias de preparação. No meio das próprias circunstâncias em que vivemos, no meio das provas, problemas e perplexidades da vida, aí nos devemos preparar para o Céu. Jamais encontraremos melhor lugar nem tempo mais apropriado. Para isso torna-se necessária uma diligente leitura da Palavra de Deus, incessante oração por graça e guia, e constante vigilância para não entrarmos em tentação. Temos a promessa divina de que se buscarmos ao Senhor com todo o coração, nós O encontraremos. Ao terminar esta importante Semana de Oração, possa cada um de nós fazer uma completa consagração a Deus e que esta consagração assinale o ponto de partida de um novo crescimento na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que nos levará seguros para o reino eterno de Deus.



LIÇÕES DAS CRIANÇAS PARA A SEMANA DE ORAÇÃO DE 1956

PREPARADAS PELA SENHORA LLOYD HOLBERT

SUGESTÕES PARA OS DIRIGENTES

O objectivo principal das nossas escolas de igreja e divisões da Escola Sabatina é conduzir os jovens e as meninas a Jesus, ajudá-los a alcançar o amor por Aquele que salvará as suas almas, e ajudá-los a tornarem-se tão arreigados e fundados nas verdades bíblicas, que coisa alguma os possa separar do Livro de Deus.

Para levar este propósito a cabo, as crianças terão de ouvir falar cada vez mais, no plano da salvação. Deve-se apresentar este plano de maneira tão interessante que as nossas crianças e jovens gostem de o ouvir e de meditar nele.

Em duas ocasiões diferentes a autora ouviu a Senhora Clara Rees fazer às crianças as suas preleções da Semana da Oração. As lições começam com o Céu como sendo um verdadeiro lugar, e com Deus, como Criador de todas as coisas. A queda de Satanás, o plano da Redenção e a nossa afinidade com Deus são assuntos tratados de maneira muito interessante. Não é raro ouvir as crianças, meses mais tarde, conversar sobre as belas lições que aprenderam nesta Semana da Oração.

Fez-se uma tentativa para compilar estas lições para a presente Semana de Oração. Os materiais visuais auxiliares são enumerados e descritos de maneira simples. Devem ser adaptados a cada caso individual. Para se obterem melhores resultados é bom começar desde já a preparar e a reunir as coisas necessárias. Ler os artigos e familiarizar-se com os que são aplicáveis. Pedir às crianças que reuнам e construam os materiais com o monitor ou dirigente, fornecendo só as coisas que as crianças não são capazes, por si sós, de fazer.

«Quando pegas na Bíblia, lembra-te de que estás em terreno santo». «O homem nada pode realizar

de bom, sem Deus»; orai, assim, fervorosamente, ao preparar-vos para esta grande responsabilidade de conduzir as crianças, durante esta Semana de Oração.

Com cada lição há textos para preparar. As crianças têm de procurar esses textos, nas suas Bíblias e lê-los. As referências podem ser localizadas e devem marcar-se antes de começar a leitura. Isso poupará tempo e evitará as dificuldades técnicas de andar à procura dos textos quando são precisos.

Em alguns casos o Monitor ou dirigente pode preferir deixar a leitura de todos os textos até ao fim do período, quando podem ser estucados separadamente.

1.ª Lição

A Bíblia — O Livro de Deus

Hino.

Material da lição: A Bíblia, uma luz (eléctrica, candieiro de petróleo, pilha de bolso ou vela), uma caixa de velas de aniversário, barro para moldar. Colocar os seguintes textos em folhas de papel separadas e dá-los a 6 crianças diferentes: João 3:16; Romanos 5:8; Lucas 19:10; Mateus 28:19-20; Lucas 10:9; Mateus 5:14-15.

Textos a preparar: Salmo 119:105; Mateus 5:14-16.

Três hinos.

Estava frio lá fora. O vento juntava a neve em pequenos montículos ao pé da porta da cozinha e estava muito escuro.

A ceia estava pronta, mas o sr. Holbert não tinha vindo ainda do trabalho, e por isso resolveu fazer alguns bolos, enquanto esperava.

Misturou açúcar e manteiga, no-

zes e passas e despejou as colheradas para a frigideira nova e brilhante. Já estavam cheias duas caçarolas e a arrefecer, quando retiniu a campainha da porta. O ardina Roy estava lá fora. «Brrr... estou gelado», disse Roy, «eu bem gostaria de entrar e de me aquecer um bocadinho.»

— Sacode, primeiro, a neve dos sapatos e depois entra para a cozinha», disse a senhora Holbert, indicando o caminho.

— Oh, há qualquer coisa que cheira muito bem, disse Roy, ao avistar os bolos a arrefecer em cima da mesa.

— Devem estar bons. Queres um? E a senhora Holbert ofereceu-lhe um dos grandes com passas e nozes.

— Está muito bom, disse Roy, enquanto lambia os dedos e olhava impaciente para o monte dos bolos.

— Come outro, se gostas, disse a senhora Holbert, enquanto punha outra frigideira no fogão.

Roy comeu-o. Comeu um terceiro e um quarto. Quando já tinha comido seis, achou que já estava bastante quente, pois tinha de continuar no seu trabalho que era despachar os jornais.

Quando a senhora Holbert colocou na frigideira a última massa dos bolos, de repente a luz faltou. Os bolos deixaram de cozer no fogão, porque este era eléctrico.

— É uma pena — pensou ela: deve ter-se fundido um fusível.

A senhora Holbert não sabia onde era a caixa da electricidade; devia estar em qualquer parte do rés-do-chão. Era uma casa nova e os Holberts ainda lá viviam há pouco tempo e por isso ela não lhe conhecia todos os cantos. Estendeu os braços e começou a andar para a sala de jantar. A mesa deveria estar à esquerda. Era preciso ter cuidado para não tropeçar nela. Em vez disso foi de encon-

tro a uma cadeira. — «Ui» — exclamou; voltou-se, depois para a direita e caminhou com cuidado para a sala de estar. Aí parou um pouco para pensar. Tinha que seguir o caminho do vestíbulo para então descer ao rés-do-chão. Se pudesse passar pela secretária e pelo candieiro de pé alto sem tropeçar neles... mas não pôde. Agarrou o candieiro mesmo quando ia cair no chão!

— «Isto é horrível!» — disse em voz alta — «nunca mais chego aos fusíveis».

Quando se encontrou parada e agarrada ao candieiro veio-lhe à memória um texto da Bíblia. «Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho».

«Agora já vejo», pensou consigo mesma, «porque é que tanta gente faz tantos disparates. Tentam andar sem a luz da Bíblia. Caminham na escuridão! Se tivessem a luz da Bíblia não fariam tanta coisa mal feita.»

Foi então que a senhora Holbert ouviu o tilintar da chave na fechadura da porta. Percebeu que era o marido.

— «És tu, Lloyd?» — perguntou ela.

— «Ah, estás em casa? Por que não acendes a luz?» — perguntou ele ao mesmo tempo que carregava no interruptor.

Quando o senhor Holbert percebeu o que tinha acontecido, foi ao carro buscar uma lâmpada eléctrica de bolso e dirigiu-se rapidamente para o rés-do-chão. Imediatamente a cozinha se inundou de luz. O fogão eléctrico voltou a acender-se e os bolos continuaram a cozer. Mas a senhora Holbert nunca mais esqueceu a lição que aprendera. «Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra, e luz para o meu caminho».

(Apresentar uma luz e a Bíblia).

«Deus fez da minha vida uma pequena luz para arder no Mundo
Uma pequena chama que arde brilhante
[onde quer que eu vá].»

A Irmã White diz-nos que devíamos ler a Bíblia todos os dias.

Diz mesmo que devíamos decorar alguma passagem. O Espírito Santo ajudar-nos-á a recordar os versos da Bíblia que decoramos, o que será uma ajuda para nós quando estivermos preocupados e mais necessitarmos de auxílio.

Amas Jesus? Amas a Bíblia?

No Estado de Ohio havia algumas crianças que gostavam de ouvir os avós a contar-lhes histórias.

«Conte-nos uma história, avô. Fale-nos da Bíblia que foi cozida como um pão».

O avô sorria, porque era esta a história predilecta e que gostava de contar tantas vezes, quantas as crianças lhe pedissem.

«Há muitos anos, — começava ele, recostando-se e fechando os olhos — no meu velho país, na Boémia, não era permitido a ninguém ter uma Bíblia em casa; era proibido lê-la e ouvi-la ler. Os soldados iam às aldeias para fazer buscas a todas as casas e levar as Bíblias que encontrassem. Toda a gente os vigiava. Até os rapazes e as raparigas vigiavam as estradas. Quando viam os soldados vir em direcção da aldeia, corriam a todas as casas, dizer às pessoas que escondessem as Bíblias.

«Atenção! — gritou uma menina ao abrir a porta de uma casa da aldeia —, os soldados estão quase aqui.»

Só estava em casa uma menina. Estava a fazer pão. ...

O avô fez uma pausa, e continuou:

«Era uma menina pequena, mas já capaz de pensar depressa. Entendeu a massa do pão na mesa. Depois pôs-lhe a Bíblia em cima e enrolou-a na massa. Meteu o pão numa forma e pô-la rapidamente no forno.

Os soldados bateram à porta e entraram.

«Onde está a tua Bíblia. Dá-a cá depressa.»

«Sejam bemvidos à procura da Bíblia.» — disse a menina.

Os soldados procuraram por toda a parte; viram debaixo das camas, nas arcas, em volta da chaminé. Se abrissem a porta do fogão apenas veriam uma grande

forma de pão a cozer. A Bíblia estava salva.»

O avô parou aqui a narração. «Agora mostre-nos a Bíblia, avô» — exclamaram as crianças.

Lentamente o avô levantou-se da cadeira. Dirigiu-se para uma prateleira alta e de lá tirou cuidadosamente a Bíblia que fora tantos anos atrás cozida e escondida numa forma de pão para não ser levada pelos soldados. O avô fora para a América e levava consigo essa Bíblia valiosa. (*Little Friend*, 15 de Agosto de 1947).

Jesus estudou a Bíblia cuidadosamente, quando era menino. Quando tinha 12 anos foi com seus pais a Jerusalém para assistir às festas da Páscoa. Um dia Jesus vagueava por uma das salas do Templo, onde os rabis ensinavam as crianças. «Sentando-se aos pés de um destes homens eruditos ouviu os seus ensinamentos». Então Jesus fez-lhes perguntas e algumas delas atrapalharam os doutores e rabis. «Os doutores fizeram-lhe por sua vez perguntas e ficaram pasmados com as Suas respostas» (*Desejado de Todas as Nações*).

Jesus soube responder, porque tinha estudado a sua Bíblia muito bem.

Vós sois crianças como Jesus. Deus quer que vós sejais como Jesus. Quer que estudeis a vossa Bíblia e a saibais tão bem, que possais responder às perguntas que as pessoas vos possam fazer.

Hoje quero fazer-vos algumas perguntas. (Entregar a cada criança um texto numa tira de papel e dar-lhe oportunidade a responder).

1. Quanto te ama Deus? João 3:16.
2. Quando é que Deus começou a amar-te? Romanos 5:8.
3. Por que é que Jesus veio à Terra? Lucas 19:10.
4. Que disse Jesus para os discípulos fazerem? Mateus 28:19-20.
5. Para que é que oramos? Lucas 10:9.
6. Que diz Jesus que nós somos? Que diz Ele que devemos fazer? Mateus 5:14-16.

Aprendemos que a Bíblia é uma luz neste mundo de trevas. E a Bíblia diz que nós existimos, para sermos luz. Diz que existimos para que as nossas luzes brilhem.

Vejam com que facilidade e com que rapidez podemos ajudar a iluminar o mundo de trevas. (Dar uma vela a cada criança. Dar também a cada uma um bocado de barro de modelar para pôr no cimo das carteiras. Acender a vela de uma das crianças no centro da sala. Em volta desta criança devem acender-se as velas das crianças sentadas perto. Acendem-se todas as outras velas. Pedir a cada criança para colocar a vela segura em cada bocado de barro).

«Cristo nos mandou como luz brilhar, Para o pecador ao Céu encaminhar, É um privilégio que nos concedeu: Tu no teu cantinho e eu no meu.

Cheio está o Mundo de escuridão, Mas as trevas, nossas luzes desfarão, Elas são divinas; Cristo no-las deu, Tu no teu cantinho e eu no meu.

Cada pequenino tem o seu dever De Jesus amar e sempre obedecer; Essa luz alceemos, que nos concedeu, Tu no teu cantinho e eu no meu.»

Fechemos os olhos e peçamos a Jesus que nos ajude a deixar brilhar as nossas luzes.

«Querido Pai do Céu, nós estamos-Te gratos pelas nossas Bíblias. Abençoa estes meninos e estas meninas e ajuda-os a serem luzes brilhantes neste mundo escuro do pecado. Limpa-lhes todo o pecado das suas vidas. Ajuda-os a reflectir o Teu carácter perfeito.»

E agora enquanto os nossos olhos estão fechados e as nossas cabeças se inclinam, haverá aqui alguém que gostasse de levantar a mão e dizer: por favor orem por mim para que eu possa saber falar de Jesus aos outros, e também falar-lhes do Céu e assim faça brilhar a minha luz?

(Oração por estas crianças).

2.ª Lição

É o Céu um lugar real?

Hino.

Material para a lição: Bíblia, mapa das estradas, trono (este po-

de fazer-se com uma caixa oblonga ou recortada em papel. Usar a tampa como base, pondo a caixa de pé sobre a tampa, colar ou coser. Fazer um assento junto da base. Pintar o exterior de dourado e deixar branco o interior), uma figura representando Miguel (empregar uma figura bonita de cerca de 7 polegadas de altura; vesti-lo elegantemente com uma túnica de setim branco; pôr-lhe uma coroa na cabeça); outra imagem representando Lúcifer (usar um boneco de bom parecer; vesti-lo de branco; pôr-lhe asas de papel). Gravura mostrando os planetas. (Empregar uma folha grande de papel semelhante a papel de cenário, de cor azul clara ou branca. Desenhar círculos de vários tamanhos, servindo-se de gargalos de garrafas, chávenas e pires. Sombrear para dar o aspecto de bolas. Usar amarelo dourado para representar o Sol e colocá-lo ao centro, por cima. Uma gravura da Terra recortada de qualquer material impresso pode ser usada para representar a Terra; desenhar nuvens em volta dela. Os planetas maiores devem estar à frente). Os Dez Mandamentos (usar um cartão ou fazer uma cópia das Tábuas da Lei). Um coração de papel preto, um coração de papel branco, uma figura representando Satanás (usar um boneco de cabelo preto, vestido de preto, com asas de papel preto. Fazer-lhe vinhos carregados e negros no rosto). Quadro preto, giz e apagador.

Textos a preparar: Apocalipse 5:11; Isaías 14:12-15.

Três Hinos.

Jesus estava no Monte das Oliveiras. O Sol brilhava na encosta do verde monte, e as aves cantavam, o que constituía um cenário perfeito para a experiência que estava prestes a realizar-se.

Em volta de Jesus havia uma grande multidão. Maria, sua mãe e os discípulos estavam agrupados muito juntos. Jesus falava. Ergueu as suas mãos para abençoar e... era possível?

Era verdade o que estavam a observar? Sim. Era verdade. Jesus movia-se, erguia-se lentamente

do chão e a ascender directamente no ar. Todos observavam. O coração de Maria batia cada vez mais forte, à medida que via o Filho afastar-se cada vez mais.

«Por que estais olhando para o Céu? — disse uma figura vestida de branco que apareceu no meio deles. Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há-de vir, assim como para o Céu o vistes ir.»

Céu! Onde é o Céu? Para onde foi Jesus? É o Céu um lugar real com seres verdadeiros? Chegaremos nós a vê-lo? Está lá em cima entre as estrelas, até onde podemos ver ou ficará afastado de nós milhões e biliões de anos-luz? Vamos ver se do nosso estudo poderemos aprender alguma coisa acerca deste maravilhoso lugar chamado Céu.

Qual é a capital do nosso país? (Resposta). Está certo. Se vivermos, porém, na Espanha, a capital é Madrid. Paris é a capital da França. Londres é a capital da Inglaterra.

Pois a capital do Universo é a Nova Jerusalém.

Quando fazemos qualquer viagem de automóvel necessitamos de um mapa das estradas. Se fôssemos visitar as capitais de vários países teríamos de levar os mapas das estradas desses países. (Mostrar o mapa das estradas).

Viajar para muito longe, ou em países desconhecidos, sem mapa das estradas, é perigoso.

Certa tarde, recentemente, um grupo de estudantes deixou o campo de jogos do colégio e foi a uma cidade ao norte do Estado. À meia noite encontravam-se próximo de uma cidade na fronteira sul. Não tinham mapa de estradas. Arranjaram depois um e seguiram cuidadosamente as suas indicações até ao fim da viagem.

Se tu não tiveres um mapa das estradas, quando fores a qualquer lugar, estás sujeito a sair da verdadeira estrada e a perdes-te no caminho. (Pegar na Bíblia). A Bíblia é o mapa das estradas para a Nova Jerusalém. É o nosso guia. Dá-nos as indicações e direcções certas.

Quem vive na Nova Jerusalém? Deus Pai, o Espírito Santo e Jesus o Filho. Mas quando Jesus estava no Céu, o seu nome não era Jesus. Era Miguel. Jesus é o nome que lhe foi dado quando nasceu na mangedoura, em Belém.

Além de Deus, Miguel e o Espírito Santo, há anjos no Céu. Na Bíblia, João fala-nos de dezenas de milhar de vezes dezenas de milhar de anjos. Se multiplicarmos dez mil por dez mil, teremos cem milhões. Assim sabemos que há muitos e muitos milhões de anjos no Céu, pois João diz que há milhares de milhares. O Céu deve ser um lugar belo como todos estes anjos resplandecentes.

Dizem-nos que no Céu, Deus Pai tem um trono. (Apresentar o trono). O Pai senta-se no trono. Mas há um lugar a seu lado para Miguel, o Filho. Miguel é aquele que leva as mensagens e executa o trabalho. O Pai dá-lhe as ordens.

Não sabemos qual é o aspecto de Deus. É demasiado santo e maravilhoso para se poder representar. Por isso, hoje vamos imaginar que isto é o seu trono e que está sentado no trono. (Apresentar a imagem representando Jesus). À direita do Pai está Miguel, o Filho. (*Patriarcas e Profetas*, pág. 30). Colocar Miguel à direita do trono. Lúçifer também estava no trono. Era o servidor do trono (*Patriarcas e Profetas*, pág. 41). Colocar Lúçifer à esquerda do trono). Não sabemos que forma tem o Espírito Santo, mas é uma figura muito importante e também está no Céu.

O Céu era um lugar muito alegre. Havia alegria, paz e felicidade não só no Céu, mas também em todos os planetas através do grande universo de Deus. (Apresentar gravuras de muitos planetas. Uns pequenos, outros grandes). Nunca ninguém tinha pecado; os anjos e os seres criados nos outros planetas nada sabiam acerca da mentira, do roubo, da ira, nem sabiam dizer palavras feias. Nunca tinham ouvido falar do pecado nem sabiam nada acerca dele.

Nunca ninguém tinha desobedecido à sagrada Lei de Deus.

(Apresentar a Lei dos Dez Mandamentos). Esta Lei veio de Deus Pai, na Capital do Universo, e foi dada a todos os planetas para ser cumprida (*O Conflito dos Séculos*, pág. 364).

Todas as capitais fazem leis e enviam-nas às populações da Nação para as cumprirem. Temos de ter leis. Onde vivemos, não seria um lugar muito seguro se não tivéssemos leis que proibissem as pessoas de roubar, ou matar, ou fazer mal aos seus vizinhos.

Deus tem que ter leis para governar todos estes mundos. Se Ele não as tivesse, como saberiam as pessoas o que deveriam fazer? Por isso Deus tem a Sua Lei, a Lei dos Dez Mandamentos, para os anjos no Céu e para todas as pessoas que habitam os planetas.

Um dia, o Pai voltou-se para o Filho e o Espírito Santo no trono e falou-lhes sobre a criação de um novo planeta. Falaram durante muito tempo sobre a maneira de criar este novo planeta. Resolveram fazer a luz no primeiro dia, fazer as árvores e as flores no terceiro e fazer todos os animais e o homem no sexto dia. «Mas quando Deus disse para seu Filho: ' façamos o homem à nossa imagem', Lúçifer ficou com inveja. (*Early Writings*, pág. 145). Queria que Deus o consultasse acerca da criação do homem. Mas Deus não o consultou e por isso Lúçifer enfureceu-se. Era tão ciumento de Miguel que O odiava. (Mover Lúçifer para o lado). «Por que é que eu não entro nisto?» — resmungou Lúçifer. «Por que é que Deus não me consultou acerca da criação do homem? Hei-de dar origem a um mundo só para mim» — declarou ele.

Quando Lúçifer se encheu, assim, de inveja, faltou ao cumprimento de um dos Dez Mandamentos, — aquele que diz: «Não cubiçarás». Então ele mentiu acerca de Deus. (*Patriarcas e Profetas*, pág. 29; *O Conflito dos Séculos*, pág. 368). Tudo isto porque pecou no seu coração. (Apresentar o coração branco e o preto). O seu coração tinha sido puro e limpo. Mas tornou-se negro e peca-

minoso, porque fez todas estas coisas más. Miguel e os anjos leais procuraram levar Lúçifer para a razão e deixar de ser invejoso e mau, mas ele não lhes deu ouvidos. (*O Conflito dos Séculos*), pág. 362).

Lúçifer foi de um mundo para outro (*Patriarcas e Profetas*, pág. 41) (Mover os anjos de Lúçifer de planeta para planeta na gravura grande) e mentiu acerca de Deus. Disse que não era justo pedir a seres elevados como os anjos que obedecessem à Lei e que se ele, Lúçifer, pudesse ser o chefe, não haveria nenhuma necessidade de lei.

«Se não fizermos tudo bem, Deus destruir-nos-á» — disse Lúçifer.

Mas a verdade é que Deus é amor. Deus amava os anjos e queria que os anjos e os habitantes dos outros planetas O amassem e Lhe obedecessem porque O amavam. Deus não queria destruir Lúçifer; se o fizesse todos os seres criados Lhe obedeceriam então por temor. Mas por outro lado Lúçifer não podia continuar no Céu. Que faria Deus?

Resolveu reunir uma assembleia. Convidou todos os anjos do Céu. À hora combinada todos os anjos vieram até junto do trono de Deus. O Pai e o Filho estavam no trono. Uma glória eterna e resplandecente envolvia-Os a ambos. Os anjos juntavam-se todos em volta do Pai e do Filho. Deus explicou por que é que Miguel era distinguido acima de Lúçifer. É que Miguel tinha criado Lúçifer. Tinha poder divino, o que Lúçifer não tinha. Deus explicou tudo de uma maneira muito bela. Revelou o seu amor por Lúçifer e por todos os anjos, mesmo por aqueles que acreditavam nas mentiras de Lúçifer. Enquanto Deus falava, os anjos reconheceram Jesus Cristo e curvaram-se alegremente perante Ele. Lúçifer curvou-se com eles, mas no seu coração estava o desejo de ocupar o lugar de Jesus Cristo.

Deixando o trono de Deus, Lúçifer foi de novo para o meio dos anjos a espalhar descontentamento.

Era falso e enganador. Tentou fazer parecer que tinha veneração e respeito por Deus.

Deus teve muita paciência com Lúcifer. Teve paciência por muito, muito tempo, não sabemos quanto, mas sabemos que por fim Deus teve de o expulsar do Céu. Um terço dos anjos do Céu acreditaram nas mentiras que Lúcifer lhes contara e foram expulsos com ele. (Escrever vários sinais no quadro — apagar cada terceiro sinal). Que tristes teriam ficado o Pai e o Filho e os anjos bons do Céu.

Primeiro, o coração de Lúcifer ficou negro, depois começou a mostrar-se por fora. Disse ele com o seu coração negro e disforme: «Exaltarei o meu trono acima das estrelas de Deus... Serei como o Altíssimo...» (Retirar o boneco que representa o anjo Lúcifer e colocar no seu lugar o boneco vestido de preto de aspecto feio. O boneco de Lúcifer não deve voltar a aparecer).

Amanhã partiremos daqui e veremos o que acontece a seguir.

3.^a Lição

A Queda

Hino.

Material para a Lição: A gravura mostrando os planetas usada na 2.^a Lição; um boneco representando Adão; uma boneca representando Eva (usar bonecos de cerca de 5 polegadas de altura. Vesti-los com tecido branco macio e com um cinto); a árvore da vida (um vergôntea de cerca de dez polegadas, de qualquer material verde. Metê-la numa canilha vazia. Colar um bocado de cartão na base da canilha para servir de apoio, o que evita a inclinação. Se for possível arranjar um ramo verde com bagas vermelhas; podem prender-se na vergôntea bagas pequenas como na árvore de Natal, para representarem os frutos); a árvore da ciência do bem e do mal (semelhante à árvore da vida); 4 outras árvores pequenas; uma serpente (feita de barro de cerca de 5 polegadas de comprimento; cabeça achatada, cauda pontea-

guda); um boneco representando Satanás, já usado na segunda lição; uma imagem representando um anjo (vestido de branco com asas de papel); coração de papel preto e coração de papel branco, usados na segunda lição; espada (arame preparado para representar uma espada); flores pequenas de cores vivas encrustadas numa base de barro para ser colocada à entrada do jardim).

Textos a preparar: Génesis 1; Gén. 2:1-10; Gén. 2:15-22; Gén. 3:1-15.

Três Hinos.

Com Satanás e os anjos expulsos do Céu, Deus continuou nos seus planos para criar o planeta chamado Terra. (Mostrar a gravura dos planetas usada no primeiro dia). Deus fez o Céu formoso e azul, com o Sol a brilhar durante o dia, e à noite a Lua, com as estrelas cintilando — milhares e milhares delas dispersas pelo firmamento.

Fez montanhas majestosas, montes ondulados e praias agradáveis. Depois acrescentou-lhe os lagos prateados, rios sinuosos e quedas de água. Na água colocou os peixes e a enorme baleia. Fez a tartaruga grande e gorda e o salmão esguio e prateado. Nos charcos pôs as rãs barulhentas e saltitantes.

No mesmo dia fez as aves. Algumas aves têm asas largas como as águias. Aparecem os pavões vistosos e centenas e milhares de outras aves de todos os tamanhos e feitios.

Nas encostas verdes e nos campos, Deus colocou os animais. A girafa com as quatro patas compridas e o seu pescoço enorme para apanhar as folhas das árvores, enquanto os leões, os leopardos e os elefantes comem pacificamente lado a lado.

Quando Deus olhou para o Mundo e sua beleza e viu que tudo o que criara estava muito bem, sentiu-se feliz. Mas faltava qualquer coisa. Por isso disse para seu Filho: «Façamos o homem à nossa imagem conforme à nossa semelhança», podendo desfrutar este belo mundo conosco. Então

foram criados Adão e Eva (apresentar os bonecos representando Adão e Eva vestidos com vestidos brancos e simples). Seriam como Deus, tanto na figura como no carácter e usariam um halo de luz e glória, como usavam os anjos.

Foi construída uma casa especial para Adão e Eva, pois plantou «Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado». Neste jardim havia árvores agradáveis pela sombra e beleza. Lá devia haver um caramanchão de vidoeiros prateados, ou uma alameda de árvores majestosas. O chão era atapetado de relva verde e macia. É possível que fossem ornadas de flores amarelas ou pequenos amores-perfeitos. Por toda a parte havia pequenos arbustos e vinhas graciosas com flores de cheiro agradável e frutos sumarentos. Uma fonte brotava do chão. Corria para fora numa torrente cristalina para regar o jardim. À noite um orvalho leve cobria o chão para manter as plantas verdes e frescas.

As paredes desta primeira casa eram de palmas, abetos e possivelmente de outras árvores. Através da folhagem podiam ver-se as nuvens prateadas e farrapos de azul brilhante durante o dia, e durante a noite a cintilação das estrelas com a grande lua prateada.

No novo mundo maravilhoso de Deus, as ovelhas e as vacas pastavam na erva espessa e verde, enquanto os pequeninos esquilos brincalhões corriam à volta a apanhar nozes. As aves cantavam alegremente nos ramos das árvores, enquanto construíam os seus primeiros ninhos.

Deus colocou duas árvores especiais mesmo no meio deste jardim. Eram diferentes de todas as outras, mas estavam ambas carregadas de frutos de cores brilhantes (utilizar o tampo de uma mesa e os artigos necessários previamente preparados, para reproduzir um jardim). «No meio do jardim estava a árvore da vida, ultrapassando em esplendor todas as outras árvores. Os seus frutos pareciam-se com maçãs de ouro e prata, e tinham o poder de per-

petuar a vida.» (O *Conflito dos Séculos*, pág. 34). A outra árvore especial, a árvore da ciência do bem e do mal, tinha também frutos maravilhosos.

Enquanto Adão e Eva pararam a admirar a casa magnífica que Deus lhes tinha dado, ouviram a voz de Deus dizer-lhes: «Vêde, dei-vos todas as espécies de plantas, tudo o que está à face da terra, e todas as árvores nas quais está o fruto da sua semente; será este o vosso alimento». Que quantidade e variedade de alimento! A banana amarela, a maçã corada, um cacho de uvas purpúreas, morangos, melões, melancias, amêndoas, nozes — tudo para satisfazer o seu apetite e manter a sua saúde e vigor.

Enquanto Adão e Eva estavam a tentar decidir o que comeriam primeiro, ouviram Deus a dirigir-se-lhes: «De toda a árvore do jardim comereis livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comereis.» Isto foi para experimentar a sua lealdade para com o Pai celeste que os apresentara com uma casa tão bela e com tantos e tão bons e variados frutos. Deus desejava que eles O amassem tanto que só pensassem em Lhe obedecer. Estava a dar-lhes tudo o que tinha criado, excepto o fruto de uma única árvore. «Deixai-a em paz — disse-lhes provavelmente. Então verei que me amais».

E Deus viu que tudo o que tinha criado era bom. A terra magnífica, o nascer do Sol ardioso, os lagos prateados, as vinhas graciosas, as flores de cores variadas, as aves chilreantes, os animais amigos, os peixes coloridos, o pôr do Sol resplandecente — tudo tão perfeito como só Deus o podia fazer — tudo dado a este primeiro homem e a esta primeira mulher, felizes, seres imponentes, belos, majestosos, inocentes.

Quando Deus radioso deixou o jardim, os anjos brilhantes vieram fazer companhia a Adão e Eva. Estes visitantes celestes contaram-lhes tudo acerca de Satanás e da sua queda do Céu. Explicaram-lhes que foi devido à desobediência à Lei sagrada de Deus, que

Satanás tinha caído. Os anjos visitavam Adão e Eva com frequência para os instruir no modo de viver, para que pudessem ser felizes para sempre.

Adão e Eva trabalhavam juntos, lado a lado, em perfeita felicidade. O seu trabalho era tão fácil e agradável, como se fosse um piquenique sem fim. Não havia ervas más no jardim. Não havia pratos para lavar, nem soalhos para esfregar. Comiam o delicioso alimento que pendia em abundância à sua volta. Sentavam-se junto da fonte fresca e escutavam o canto dos anjos (Mover Adão e Eva entre as árvores).

«Os anjos tinham avisado Eva para que se acatelasse e não se separasse do marido, enquanto andasse ocupada nos seus trabalhos no jardim; com ele estaria em menos perigo de tentação do que se estivesse sôzinha» (*Patriarcas e Profetas*, pág. 56). Os anjos também lhes disseram que Satanás os tentaria, mas que «este só podia ter acesso junto deles, na árvore proibida. «Mantende-vos afastados da árvore», devem-lhes ter dito os anjos.

Um dia Eva estava tão interessada no seu trabalho que se afastou de Adão. Quando percebeu que estava sôzinha, a princípio assustou-se. Tinha de correr para junto de Adão o mais depressa possível. Mas não fez isso. Disse para consigo: «sou capaz de tomar conta de mim» e continuou sôzinha. Em breve se encontrou diante da árvore proibida, da árvore da ciência do bem e do mal. O fruto era muito belo. Ao mesmo tempo que o contemplava começou a imaginar por que é que Deus lhes tinha dito para não comermos daquele fruto.

Era esta a oportunidade para Satanás. Se ele lhe tivesse aparecido na forma de anjo, ela reconheceria-o como anjo mau, contra o qual já estava prevenida pelos anjos bons. Por isso Satanás tinha de pensar num estratagema. Resolveu, por isso, falar a Eva servindo-se da bela serpente, que estava entre as folhas da árvore (colocar a serpente na árvore da ciência do

bem e do mal). Eva já tinha visto muitas vezes a serpente a passar de árvore para árvore.

— «Deus disse que vós não podíeis comer de todas as árvores do jardim?» — perguntou a serpente dirigindo-se a Eva. Esta ficou espantada e surpreendida, pois era isto mesmo que ela estava a pensar. A voz da serpente era agradável e musical e mais surpreendida ficou Eva quando a ouviu falar. Respondeu-lhe então:

— Do fruto das árvores do jardim comeremos; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim disse Deus: «Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.»

Que satisfeito estava Satanás com o êxito. Elogiou Eva dizendo-lhe como era bonita, falando com uma voz suave e meiga. Seguidamente acrescentou:

«Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus sabendo o bem e o mal.»

E a serpente continuou: «Foi depois de comer deste fruto que eu adquiri a habilidade para falar.»

Ora tudo isto era mentira, pois era Satanás que estava a falar por intermédio da serpente. Satanás é mentiroso e estava a enganar Eva. (Ter o boneco que representa Satanás, no canto do jardim atrás de uma árvore).

À medida que a serpente ia falando a Eva, fazia-lhe sentir que Deus lhes proibia qualquer coisa boa. Afirmou que Deus teria inveja se eles aprendessem tanto quanto ele sabia e que ficariam inteligentes como Deus, se comessem aquele fruto. Era muita maldade da parte da serpente dizer tais coisas acerca de Deus, que tinha criado um mundo tão belo para Adão e Eva. Mas Satanás é malvado, indigno e odioso. E desejava levar Adão e Eva a pecar, precisamente, como ele fizera.

A serpente colheu o fruto e ofereceu-o a Eva. Esta hesitou. Seria engraçado descobrir se o que a serpente tinha dito, era verdade! — pensava ela. Por isso pegou no

fruto. Como Satanás sorria ao ver esta reacção! Lembrava-a das suas próprias palavras, de que Deus a tinha proibido de tocar naquele fruto sob pena de morte, e afinal estava a tocar-lhe e não tinha morrido. Insinuava-lhe, portanto, que se não tinha morrido ao tocar no fruto, também não morreria, se o comesse e ficaria portanto a saber tudo, com os olhos bem abertos a conhecer o bem e o mal.

Eva sentiu-se ousada. Pôs o fruto na boca e deu-lhe uma dentada. Oh! era bom! Parecia sentir um poder novo. Sem medo nenhum colheu outro fruto e comeu-o. Depois encheu as mãos com outros e levou-os a Adão.

Quando Adão a viu, apareceu-lhe no rosto uma expressão de tristeza. Ficou alarmado. «Isto deve ter sido obra do inimigo de que Deus nos falou» — explicou ele a Eva, quando esta lhe contou o que se tinha passado com a serpente. Adão ficou triste, porque sabia que a sua bela esposa tinha de morrer, porque comera o fruto proibido. Mas Eva garantiu-lhe que tinha experimentado a sensação de uma nova vida. Repetiu, depois, as palavras da serpente, de que não morreriam.

Adão sentiu-se infeliz. Que faria agora? Gostava da companhia dos anjos e de Deus. Mas também amava Eva e não queria separar-se dela. Não deixou de pensar que o mesmo Deus que o tinha feito do pó da terra, bem poderia dar-lhe outra companhia. E assim pegou no fruto e comeu-o rapidamente.

Ambos começaram a sentir-se lastimosos, culpados e infelizes. As suas túnicas de luz desapareceram. Tiveram frio. Sabiam que Deus viria vê-los; por isso juntaram algumas folhas de figueira para fazer roupas. Quando perceberam que Deus se aproximava esconderam-se. (Esconder os bonecos que representam Adão e Eva. Trazer a imagem que representa Miguel na sua túnica branca e coroa, para a frente do jardim).

Onde estão Adão e Eva? Geralmente, quando pressentiam a

chegada de Deus corriam ao Seu encontro. Mas hoje é diferente. Sentem-se lastimosos e culpados; por isso se escondem. Não querem ver Deus. Violaram a Sua Lei. (Apresentar a Lei utilizada na 2.^a Lição). Eva ambicionava, desejava ser tão inteligente como Deus. Roubou o fruto que não lhe pertencia. E deixou de honrar Deus Pai.

Deus chamou por Adão: «Onde estás?» Adão não respondeu. Deus continuou a chamar: «Adão! onde estás?». Adão finalmente respondeu: — «Tinha medo, porque estava nu e por isso escondi-me».

Medo! Que pena. Adão com medo daquele que o tinha amado tanto. Mas é isto mesmo o que faz o pecado. Faz-nos ficar medrosos. E também faz culpar outra pessoa, como Adão que culpou Eva e Eva que culpou a serpente.

Lá estavam eles perante Deus. Miseráveis. Culpados. Medrosos. Deus disse-lhes o que tinha de acontecer. Já tinham começado a morrer. Nos seus corações criminosos sentiram bem que isso era verdade. Agora teriam de abandonar o seu belo jardim. Uma vez fora, fechava-se-lhes o portão. Nunca mais ali poderiam entrar. Os anjos «guardavam a entrada com uma espada de fogo» que se voltava de todas as maneiras para guardar o caminho da árvore da vida. (Colocar um anjo com uma espada à entrada do jardim). Satanás agora tem um mundo onde pode realizar o seu trabalho de maldade. Os homens ouvem-no; torna-se o príncipe deste mundo.

Adão e Eva viam as flores murcharem e caírem. As folhas das árvores frondosas amareleciam e morriam. Já não eram felizes como tinham sido antes. Os seus corações brancos tornaram-se pretos, quando desobedeceram. (Apresentar dois corações, um branco e outro preto). Deus lamentou Adão e Eva. Ele amava-os. Tinha pena deles. Quando falou com eles, antes de abandonarem o jardim, prometeu-lhes um Salvador, um Redentor que morreria pelos pecados deles.

Esperemos pela próxima lição para continuarmos a aprender tan-

tas coisas belas acerca do amor que Deus tem por nós.

4.^a Lição

O Plano da Redenção

Hino.

Material para a Lição: Um altar (construí-lo utilizando pedras pequenas e barro. Assentar paus no cimo); um cordeiro miniatura deitado em baixo; gravura de anjos aparecendo aos pastores a anunciar o nascimento de Jesus (tirado de uma gravura de rolo ou de qualquer rolo da Escola Sabatina); gravura colorida de um bebé bem vestido; gravura da mangedoura; imagem representando Jesus como aparece aos 30 anos; um grande cravo (prego); coroa de espinhos (feita de varinhas verdes para adaptar à imagem que representa Jesus); cruz de madeira (feita para adaptar à imagem).

Textos a preparar: Lucas 2:8-20; Mateus 26:27.

Três Hinos.

Como é que muitos de vós guardaram já um segredo? Como é que muitos de vós conservariam um código secreto ou assistiriam a uma reunião secreta? Um dia, lá no Céu, Deus e Seu Filho tiveram uma reunião secreta. Estavam separados dos anjos por uma luz gloriosa. A reunião durou muito tempo. Os anjos esperaram, ansiosamente, pelo fim da reunião para saberem os seus resultados.

Adão e Eva ainda não tinham pecado. Mas Deus sabia que Satanás faria todos os esforços para os tentar e enganar. Neste conselho secreto Deus e Seu Filho trataram do seguinte assunto: «Que poderá fazer-se se Adão e Eva desobedecerem às ordens divinas?»

Foi assim que se apresentou naquela reunião um plano maravilhoso.

Uma vez que a Lei de Deus é tão santa como o próprio Deus, só alguém igual a Deus poderia sofrer o castigo devido pelo pecado.

Ofereceu-se, então, Miguel para vir a este Mundo e nascer como

uma criança. Quando crescesse ensinaria os homens a encontrar de novo o caminho para Deus. Morreria na cruz e o Seu sangue redimiria todos os homens, mulheres e crianças que amassem Deus e estivessem desejosos de cumprir a Sua Lei.

Adão e Eva foram avisados para edificarem um altar junto da porta do jardim do Eden. Deviam procurar um cordeiro para ser oferecido como sacrifício no altar. (Apresentar o altar. Colocar o cordeiro no altar).

Quando mataram o cordeiro, viram o sangue derramado; esta imagem ajudou-os a compreender que mais tarde seriam salvos por um Redentor, cujo sangue apagaria os seus pecados. Devia o sacrifício ser feito com um cordeiro porque era mais dócil que qualquer outro animal; não morde nem escouceia; não luta nem resiste com violência.

Adão falou aos seus filhos acerca do plano da redenção e estes contaram por sua vez o mesmo aos seus filhos, de modo que todos que iam nascendo, ouviam falar nisto. Todos pecamos. Todos herdamos a doença do pecado. Todos precisamos da cura para esta doença, porque o «salário do pecado é a morte».

Nas Montanhas da Virgínia havia uma escola que era muito difícil de leccionar. Os rapazes eram crescidos, rudes e desobedientes. Um jovem que pesava apenas 60 quilos foi nomeado professor desta escola. No primeiro dia de aulas, o novo professor perguntou se não haveria algumas normas a estabelecer para todo o ano escolar.

Um dos alunos gritou: «Não roubar». «Isso mesmo» — gritou outro. «Não andar à bulha», gritou um terceiro.

As normas foram escritas no quadro preto para que todos as pudessem ver.

«Uma lei não presta se não houver uma penalidade para a sua infracção» — disse o professor.

Quem transgredir, disse um dos alunos de aspecto severo, apanha vinte vergastadas nas costas, sem casaco.

Chegou-se a acordo sobre o castigo a aplicar.

Dois dias depois roubaram o almoço do Tomás. Descobriu-se o ladrão: era Jaime, um rapazito de dez anos, magro e pobremente vestido. Tinha o casaco abotoado até ao queixo.

— Despe o casaco — disse o professor, enquanto agarrava na vara.

— Por favor, sr. Professor, por favor não me faça tirar o casaco — pediu o Jaime.

Tinha de ser; despiram-lhe o casaco e eis como Jaime apareceu diante da classe: sem camisa, com os suspensórios a segurar as calças. O pai tinha-lhe morrido há pouco; a mãe estava-lhe a lavar a única camisa; por isso o Jaime trazia o casaco abotoado até ao queixo.

O professor pousou a vara. Como poderia ele chicotear aquele rapaz? Mas se quisesse dominar a escola teria que o fazer. Foi então que o Tomás saltou para o estrado e despindo o casaco, disse:

— Sr. Professor, aqui estou eu pronto a levar as chicotadas.

O professor começou a bater: uma, duas, três vezes... Toda a classe soluçava. O Jaime tinha-se lançado sobre o Tomás e apertava-o nos seus braços magrinhos.

— Desculpa ter-te roubado o almoço — dizia entre soluços. Mas eu tinha tanta fome. Já não comia há dois dias. O Tomás serei teu amigo para sempre, até à morte, porque apanhaste por mim as chicotadas.

Meus amigos: Também Jesus sofreu o castigo que nos era devido pelos nossos pecados. Também cada um de vós é capaz de dizer: «Jesus, amar-te-ei para sempre, por teres morrido por mim no Calvário?»

Nós pecamos e merecemos o castigo, mas Jesus disse ao Pai que sofreria o castigo. Por isso Ele morreu na cruz.

Aquele rapaz não roubaria mais almoços; pois quando Deus nos perdoa, também nunca mais devemos pecar.

Passaram quatro mil anos. (Mostrar a gravura dos anjos a cantar: «Glória a Deus nas altu-

ras»). Uma noite uns pastores estavam sentados na encosta de um monte, perto de Belém. Apascentavam os seus rebanhos quando um deles disse: «Ouçam!». «Olhem!», disse outro. Ali na escuridão da noite tinha aparecido um anjo resplandecente e magnífico. De repente uma grande luz brilhou em volta deles. Os pastores ficaram assustados.

— «Não tenhais medo — disse o anjo — pois trago-vos boas novas de grande alegria para todos os homens. Nasceu hoje na cidade de David um Salvador que é Cristo, o Senhor».

«Como é isso e como o sabermos» — terão pensado os pastores. Mas antes de terem tempo de fazer qualquer pergunta, o anjo prosseguiu: «Encontrareis o Menino envolto em panos e deitado numa mangedoura».

(Mostrar o retrato de um menino bonito deitado num belo berço com roupas finas). É esta a maneira como nós recebemos os nossos filhos. Damos-lhes banho e vestimo-los com roupas finas e quentinhas. Alguns nascem nas maternidades e as enfermeiras têm muito cuidado tanto com os meninos como com as mães. Mas Jesus nasceu num estábulo e foi deitado nas palhinhas da mangedoura, provavelmente, com um pano a envolvê-lo. Não havia ali enfermeiras, nem roupas lindas nem berço. (Mostrar uma gravura com a reprodução da mangedoura).

Jesus cresceu na cidadezinha de Nazaré. José era carpinteiro e tinha de trabalhar muito para viver. Jesus ajudava-o na oficina de carpinteiro. Para beberem a água tinham de ir buscá-la ao poço. Também Jesus foi várias vezes ao poço buscar a água, que trazia num cântaro de barro. Todos gostavam d'Ele porque era muito simpático, formoso e alegre. (Apresentar a imagem representando Jesus vestido com o traje que usava aos 30 anos). Jesus impressionava-se muito quando via que alguém sofria. Quando cresceu deu a felicidade a muita gente. Um dia encontrou a viuva de Naím, quando ia se-

pultar o filho. Teve tanta pena dela que lhe ressuscitou o filho. Um dia alguns leprosos vieram correr ao encontro de Jesus. Os leprosos não ousavam aproximar-se das pessoas, mas com Jesus era diferente. Teve pena deles e curou-os todos.

Jairo e a esposa estavam desanimados; encontravam-se sòzinhos desde que a sua filhinha morrera. Sabiam que Jesus os ajudaria se soubesse o que lhes tinha acontecido. Por isso dirigiram-se a Ele. Assim que chegou a casa deles, dirigiu-se ao quarto onde a menina estava morta. «Menina, levanta-te». Pegou-lhe na mão e a menina que estava morta, tornou a viver e levantou-se. Assim a entregou viva aos pais.

As pessoas nos outros planetas e os anjos observavam Jesus. Viam como era sempre tão amável e tenro para com todos. Viam que Satanás pelo contrário era cruel e mau. Satanás no Céu tinha acusado Jesus de ser cruel. A maneira como Jesus procedia provava que a acusação de Satanás era falsa.

Satanás verificava que estava a perder terreno, por isso reunia todos os anjos maus que tinham sido expulsos do Céu.

— «Temos de nos livrar deste Jesus» — deve ter-lhes dito.

«Arranjemos maneira de as autoridades O condenarem à morte. Procuremos crucificá-lo».

Foi assim que estes anjos maus entraram no coração do rei Herodes, e no coração de Pilatos e de Caifás, o sumo sacerdote, fazendo-os tão invejosos que quiseram condenar Jesus à morte. Satanás entrou no coração de Judas e forçou-o a vender Jesus por dinheiro. Depois os soldados agarraram em Jesus e pregaram-no na cruz. (Apresentar uma cruz pequena). Empregaram cravos enormes para O prender de modo que não pudesse soltar-se. (Mostrar os cravos). Fizeram uma coroa de espinhos e colocaram-na na cabeça de Jesus. (Apresentar a coroa de espinhos).

Jesus ama-nos tanto que quis dar a Sua própria vida para que nós nos possamos salvar. Agora

está no Céu preparando o lugar para cada um de nós. Quando hoje fizermos oração, digamos a Jesus quando O amamos.

Ajoelhemos. (Dar o tempo necessário para orar).

5.ª Lição

O Plano Divino e Nós

Hino.

Material para a Lição: Um copo pequeno de sumo de uvas; bocadinhos de massa folhada para representar o pão da comunhão; gravura do anjo a retirar a pedra da sepultura de Jesus (tirada de qualquer gravura); a Bíblia; o boneco representando Satanás usado anteriormente; a imagem que representa Jesus; imagens de um jovem e de uma menina (mais pequenos, vestidos com simplicidade); o mapa das estradas usado anteriormente; gravura de Jesus ajoelhado a orar; fotografia de uma igreja; fotografia da Irmã White ou o exemplar de um dos seus livros; imagem representando um anjo, usado anteriormente.

Textos a preparar: I Coríntios 4:9; João 14:1-3.

Três Hinos.

Já tomastes parte no programa de Sábado à tarde dos M. V. ou em qualquer outro programa realizado na Igreja? Lembrais-vos de ver as pessoas da assistência a observarem-vos? Lembrais-vos com que dificuldade procurastes representar bem o vosso papel?

A Bíblia diz que este mundo é um palco onde as pessoas representam os seus papéis. E os olhos de todo o Universo estão-nos a observar. Jesus Cristo é o herói. Satanás é o vilão e as pessoas da Terra são os actores. Os anjos dos planetas são a assistência. Estão todos a ver como nós representamos.

Podeis estranhar por que é que não oferecemos sacrifícios pelos nossos pecados como Abel e Abraão. Jesus foi o Cordeiro oferecido como sacrifício por todos os

nossos pecados. O seu sangue tomou o lugar do sangue dos cordeiros que era costume sacrificar. (Apresentar o sumo da uva e o pão não fermentado).

Nós meditamos sobre a cruz, onde Jesus foi oferecido como sacrifício pelos nossos pecados. Usamos o pão e o vinho para nos recordarem o Seu sacrifício. Caim e Abel ofereceram um sacrifício pelos seus pecados, o que os levou a ver, antecipadamente, a morte de Jesus.

Mas Jesus não permaneceu morto. Muito cedo, na manhã do terceiro dia, Satanás e uma grande multidão de anjos reuniu-se junto do túmulo de Jesus, dispostos a guardar Jesus encerrado naquele túmulo. Os anjos bons também lá estavam. Guardavam o túmulo. De repente uma luz muito brilhante inundou o local. E podeis crer — os guardas, soldados romanos, caíram todos como mortos. Deus não ia deixar que Satanás mantivesse Jesus no túmulo. Por isso enviou do Céu um anjo especial para retirar a pedra. (Apresentar a gravura da ressurreição de Jesus).

Os discípulos ficaram muito contentes por terem, de novo, Jesus consigo. Mas uma manhã, no Monte das Oliveiras, quando Ele lhes dizia: «que fossem e ensinassem todos os povos» notaram que Jesus estava a erguer-se, lentamente, do chão. Ao vê-lo subir cada vez mais alto no espaço, perceberam que ia regressar ao Céu, para junto de Seu Pai. Compreenderam que lhes ia preparar o lugar, como lhes tinha prometido. «Vou preparar-vos lugar; e se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver, estejais vós também».

Todos nós temos pecado — cada um na sua ocasião. Ora o pecado coloca-nos no terreno de Satanás e este tenta conservar-nos com toda a sua força. «Largo é o caminho que conduz à perdição» — diz a Bíblia. Satanás quer que nós permaneçamos no seu caminho largo.

«Faze o que te apetecer» — segreda-nos ele aos ouvidos. «Não

dês atenção ao teu pai nem à tua mãe. Não obedças ao teu professor. Não te importes com o que diz o pregador.»

À medida que continuamos a escutar Satanás podemos ouvi-lo dizer: «Vai para onde quiseres. Come o que quiseres. Bebe tudo o que desejares. Olha para o que te agrada. Escuta tudo o que gostares de ouvir. Dize o que quiseres. Anda pelo caminho largo, onde não há proibições! Podes mesmo vestir-te como te agrada e mais gostares. Não há nenhuma lei a dizerem-te o que deves ou não fazer.»

Mas Jesus quer que nós andemos no Seu caminho que é o que conduz ao Céu. Ele deu-nos o mapa das estradas, que é o nosso guia. (Mostrar a Bíblia). Nela estão os Dez Mandamentos, que nos ajudam a saber como nos devemos de manter na estrada de Jesus. Esta estrada é um pouco estreita comparada com a estrada larga de Satanás. Tudo o que Jesus nos pedir para fazer nos dará felicidade. Mas temos de escolher. Jesus não nos obriga, mas se O amarmos de todo o coração teremos de Lhe obedecer. Satanás não nos poderá obrigar, pois Jesus não permite tal coisa.

(Apresentar o boneco que representa Satanás e a imagem de Jesus, e a de um jovem e de uma menina. Pôr de pé os bonecos que representam o jovem e a menina entre Jesus e Satanás).

Satanás aponta para a sua estrada larga e quer que nós vamos com ele. Jesus também aponta para o Seu caminho e pede-nos para escolhermos.

Que é que Jesus nos deu para nos ajudar a andar no Seu caminho? Deu-nos o nosso mapa das estradas, que é a Bíblia. (Apresentar um mapa de estradas e uma Bíblia).

Isto ajudar-nos-á a alcançar a nossa capital, que é a Nova Jerusalém. Deu-nos a oração. (Apresentar a gravura de uma criança ajoelhada, em oração).

Deu-nos a Igreja. (Apresentar a fotografia de uma igreja).

Deu-nos um profeta. (Mostrar

o retrato da Irmã White e um dos seus livros).

Deus deu-nos as nossas escolas de igreja. (Apresentar uma gravura de um anjo ou usar a imagem do anjo utilizado no jardim do Éden).

Os nossos anjos protegem-nos e guiam-nos quando caminhamos pela estrada de Jesus. E também nos deu o Espírito Santo. Podemos servir-nos de cada uma destas dádivas para combater Satanás, no nosso caminho para o Céu.

José, um rapazito espanhol, estava na terceira classe. O pai e a mãe eram muito seus amigos e davam-lhe muitos presentes lindos. Mas um dia José viu na escola uma lâmpada eléctrica de bolso, que pertencia a um seu colega. José não tinha nenhuma destas lâmpadas. Pareceu-lhe que aquela lâmpada do colega seria boa para si. Quanto mais a via, mais tinha desejo de a possuir. Aconteceu, então, uma coisa terrível. Quando ninguém estava a olhar, José agarrou na lâmpada e meteu-a no bolso. Correu depois para casa, o mais depressa que pôde. A mãe tinha saído e por isso o José entrou pela casa dentro com a lâmpada acesa, divertindo-se muito. Sentiu-se muito contente por ter obtido de graça aquele objecto tão lindo. Ser-lhe-ia útil quando fosse à loja da esquina, à noite, ou quando tivesse de fazer tantas outras coisas, de noite.

Lembrou-se, então, de repente, de que os pais queriam saber onde é que ele tinha arranjado aquela lâmpada. Se dissesse a verdade, obrigá-lo-iam a restituí-la; ora ele queria ficar com a lâmpada.

«Já sei o que hei-de dizer; vou dizer que a achei no caminho, quando ia para a escola» — pensou o José, ao mesmo tempo que um raio de luz do sol atravessava a sala.

«Eles nunca saberão que tirei a lâmpada, porque acreditam sempre em mim».

E assim contou ele a mentira aos pais. Ninguém mais lhe perguntou nada e o José ficou com a linda lâmpada.

Passaram dois anos; o José estava sentado na sua cadeira; era a hora do culto da manhã na escola e o professor estava a contar uma história. A história era acerca de um rapaz que tinha levado para casa uma faca que não lhe pertencia. José pensou, imediatamente, na lâmpada de bolso. «Procurai nas vossas Bíblias — disse o professor — o que se lê em Eclesiastes 12:14. José então leu: «Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau.»

José fechou lentamente o livro sagrado. «Tudo o que está encoberto, isto é, tudo o que está escondido» — pensou José. «Que estranho não ter eu nunca lido estas palavras!»

O dia pareceu-lhe muito comprido. Não comeu com apetite ao almoço. Durante o recreio afastou-se dos seus colegas e pensava continuamente nas palavras que lera na Bíblia: «Deus há-de trazer a juízo toda a obra e até tudo o que está encoberto.» Aquelas palavras pareciam persegui-lo. Contaria tudo aos pais? José hesitava. Durante todo o dia debateu-se nesta dúvida. Tentou orar. Mas seria possível que Deus ouvisse a sua oração?

Foi no caminho para casa que José se decidiu a contar tudo; não estava disposto a perder o Céu por causa de uma lâmpada eléctrica de algibeira. Confessaria o seu pecado.

«Tenho de resolver isto — pensava ele; porque senão o roubo da lâmpada aparecerá no meu registo, no dia do juízo» Quando chegou a casa, contou tudo à mãe. A mãe compreendeu-o e sentiu-se contente em poder auxiliar o filho a confessar o seu pecado e a restituí-lo o que tinha tirado.

No dia seguinte o José foi para a escola a assobiar alegremente. Quando o professor pediu voluntários para orar, ergueu imediatamente o braço. Agora já poderia orar, porque sabia que Deus o ouviria.

Meus meninos! Todos nós cometemos erros. Mas se nos sentir-

mos pesarosos pelos nossos pecados e pedirmos a Jesus que nos perdoe, Ele perdoar-nos-á. Porque Ele disse: «Se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para os perdoar e para nos purificar de toda a maldade.» (Apon-
tar para as imagens que represen-
tam Jesus e Satanás, em cima da
mesa).

Qual deles desejais escolher para teu chefe? Jesus está a preparar-nos um lugar no Céu. Escolherás Satanás ou desejais Jesus como chefe? (Dar oportunidade às crianças para escolher. Se houver tempo, deixar que elas justifiquem a escolha. Se não houver tempo, deixar-lhes mostrar a preferência, levantando o braço. Concluir a reunião com orações).

6.^a Lição

A Recompensa Final

Hino.

Material para a Lição: Uma gravura de Jesus e outra de Satanás (montar cada uma num pedaço de cartão do mesmo tamanho); um livro muito grande; uma imagem de um anjo; outro livro muito grande pintado a ouro ou coberto com papel dourado; lista com os nomes das crianças; gravura de Jesus vindo a segunda vez com os anjos bons; o desenho de Harry Anderson, na manhã da ressurreição, que se encontra no *Children's Hour*, Vol. 1, pág. 107; uma imagem do anjo Gabriel; um espelho grande do tamanho de uma porta; o trono usado na segunda lição; coroas em miniatura para as imagens; uma imagem representando Jesus; duas casas em miniatura; dois ou três cordeiros em miniatura; as imagens de Adão e Eva usados anteriormente; duas imagens de homens; duas imagens de mulheres; oito ou dez gravuras de crianças; duas imagens de anjos usadas anteriormente; gravura da Terra em chamus (colar uma gravura da Terra num bocado de papelão — usar lápis ou giz de cor para desenhar as chamus a envolver a

Terra); gravura da Nova Terra com animais e crianças (pode encontrar-se em qualquer livro em gravura das Lições da Escola Sabatina).

Textos a preparar: Apocalipse 20:12; Eclesiastes 12:14; Apocalipse 3:5; Salmos 87:6.

Três Hinos.

(Apresentar duas gravuras grandes, coladas em partes separadas de cartão, do mesmo tamanho. Uma é a gravura de Jesus, Outra é a de Satanás).

Esta manhã apresento-vos as gravuras dos dois chefes. Durante toda a semana usamos imagens para representar os chefes. Hoje temos as duas gravuras.

Ontem resolvemos seguir a Jesus. Ele será, portanto, o nosso Chefe. Por isso colocaremos Satanás atrás.

Na Bíblia lemos: «E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros». (Apresentar um livro muito grande).

Deus tem um registo de todas as pessoas que nasceram. Tem o registo de Adão e Eva. Tem também o nosso registo. o vosso e o meu. Logo que nascemos os nossos nomes foram registados no livro de registos divino. A Bíblia diz que no dia do juízo, Deus se lembrará, onde nascemos.

Quando nascemos, Deus dá-nos um anjo da guarda. (Apresentar a imagem que representa o anjo). O nosso anjo não só nos protege e guarda, mas também conserva um registo de tudo o que dizemos e fazemos. O anjo regista tudo no livro. Os nossos anjos estão mesmo a nosso lado. Ontem, quando vós, meus meninos, decidistes seguir a Jesus, o vosso anjo viu-vos erguer o braço. Ele registou esse gesto ao lado do vosso nome, no livro. (Apresentar outro livro grande coberto de papel dourado, que contém os nomes das crianças).

Este é outro livro chamado Livro da Vida. Quando vós destes o vosso coração a Jesus e O escolhestes como Chefe, o vosso nome ficou registado no Livro da Vida. Os vossos nomes estão todos no

Livro da Vida, porque ontem escolhestes Jesus como Chefe.

No juízo, quando Jesus abre o Livro da Vida, se todos os pecados estiverem confessados é escrita ao lado do vosso nome a palavra «perdoado». Os vossos pecados são todos riscados do registo. E o vosso nome ficará para sempre no Livro da Vida. É muito importante ter tudo tratado e resolvido correctamente, todos os dias, porque «Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau». (Eclesiastes 12:14).

Em 1844 começou o julgamento no Céu. Começou pelo nome de Adão. Desde então tem percorrido a lista nome após nome. Qualquer dia chegará aos nossos nomes. Não sabemos quando, mas não estará muito longe, porque foi há 122 anos que principiou.

Jesus disse: «O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do Livro da Vida.» (Apocalipse 3:5) Jesus não quer riscar nenhum nome do Livro da Vida; sente-se triste quando tem de o fazer.

A nossa tarefa é falar aos outros acerca de Jesus e do Céu. Algumas vezes pensamos que somos muito pequenos, que não há nada que possamos fazer por Jesus. Mas não é bem assim. Nunca somos demasiado pequenos para falar acerca de Jesus.

Numa certa casa, o pai nunca ia à igreja. Não amava Jesus. Ora nesta mesma casa havia uma menina pequena que amava a Jesus. Um dia ela escreveu um bilhete ao pai e colocou-o no lugar dele, à mesa, debaixo do guardanapo. O bilhete dizia assim: «Papá, tu amas Jesus?»

Ela observou o pai, enquanto este tirava o bilhete, e o lia; o pai depois de o ler, amarrotou-o e atirou-o ao chão. A menina teve vontade de chorar, mas conteve as lágrimas.

No dia seguinte escreveu outro bilhete: «Papá, amas a Jesus?» Quando o pai levantou o guardanapo, viu o bilhete, leu-o e guardou-o no bolso.

No outro dia tornou a escrever

outro bilhete: «Papá, amas a Jesus?» Ele leu-o, e correu-lhe pelo rosto uma grande lágrima. Saiu do seu lugar, pegou na pequenita e segurou-a nos seus braços fortes.

— «Tenho estado a pensar muito sobre o que me tens perguntado nos teus bilhetinhos e resolvi amar a Jesus» — disse ele. E ali mesmo resolveu entregar o seu coração a Jesus.

Esta menina não era crescida, mas ajudou assim a salvar o pai.

Nós somos mais velhos e podemos, também, trabalhar e orar para ajudar a salvar tantas pessoas que não amam a Jesus.

Lembremo-nos das palavras que Jesus disse aos Seus discípulos quando estavam a falar acerca do Seu regresso à Terra. Disse Ele então: «Este Evangelho do reino será pregado em todo o Mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim».

Jesus quer que tomemos parte no seu trabalho para O ajudarmos a finalizar a obra.

Pelas transmissões de rádio e da televisão, a boa nova de que Jesus cedo virá está a ser contada em todas as partes do Mundo. Rapazes e raparigas de todas as terras estão a ajudar a espalhar a mensagem de que Jesus está a chegar.

Médicos, missionários, enfermeiros e enfermeiras estão a prestar os seus serviços na Índia, na África, Japão, Coreia, América do Norte e do Sul, e nas ilhas espalhadas por todos os mares. Professores missionários estão a ensinar as crianças e pessoas idosas em muitas aldeias pagãs. Ensinam a ler a Bíblia e depois, os que aprendem, contam aos outros as boas novas da salvação.

Estão a imprimir-se livros e jornais em muitas casas editoras de muitos países. Os homens e mulheres, rapazes e meninas distribuem esta literatura pelas casas das pessoas que necessitam do amor de Jesus.

Por toda a parte, pastores e evangelistas estão a pregar a grandes multidões acerca do amor de Jesus. Qualquer dia acabar-se-á o trabalho. Não será maravilhoso?

Quando o juízo investigativo acabar, todos os nomes estarão julgados. Então Jesus voltará à Terra, como prometeu. (Apresentar a gravura da Segunda Vinda de Jesus).

«Servos de Deus a buzina tocai:
Jesus em breve virá!
A todo o Mundo a mensagem levai:
Jesus em breve virá!

Com Jesus estarão todos os anjos bons. São tão brilhantes e magníficos que os homens maus não podem suportar a sua vista, pelo que todos os maus serão destruídos. Mas todas as pessoas boas que estiverem vivas — talvez sejamos algumas delas — serão felizes, porque verão vir Jesus na glória celestial.

«Os rostos dos justos estão iluminados e a alegria enche todos os corações. E os anjos dão uma nota mais alta e cantam de novo, ao aproximarem-se cada vez mais da Terra». (O Conflito dos Séculos, pág. 471).

Então todos os bons que estiverem vivos erguerão os braços de alegria e dirão: «Este é o nosso Deus a quem aguardávamos, e Ele nos salvará».

Aqueles que estiverem nos seus túmulos, como os nossos avós, erguer-se-ão novamente para a vida. (Apresentar a gravura da ressurreição). Um anjo virá buscar-nos. Que terrível experiência se não estivermos preparados e se formos deixados para trás! Mas que prazer seguirmos com os nossos anjos da guarda, quando eles nos erguerem ao Céu!

Enquanto acontece isto, onde está Satanás? O anjo Gabriel tomou o lugar de Lúcifer no Céu. (Apresentar uma imagem que represente o anjo Gabriel). Gabriel virá com uma cadeia e prenderá Satanás a esta Terra, durante mil anos.

Satanás e os seus anjos ficarão sòzinhos na Terra. Nós estaremos na nuvem de anjos com Jesus, no nosso caminho para o Céu, para umas férias de mil anos. (Colocar o espelho grande numa mesa. No centro do espelho colocar o trono de Deus).

Hoje vamos fazer de conta que este espelho representa o mar de vidro. Aqui está o trono de Deus e suponhamos que Deus está no Seu trono. (Colocar a imagem que representa Jesus). Jesus terá uma coroa para cada um dos santos. (Pôr várias coroas pequenas ao lado da imagem de Jesus). Gabriel está à esquerda do trono. (Pôr a imagem que representa Gabriel; colocar uma coroa nas suas mãos. O primeiro boneco de Lúcifer nunca mais é apresentado depois da sua queda, nem depois é mais apresentado o boneco feio de Satanás vestido de preto).

Jesus foi para o Céu preparar-nos casas para cada um de nós; precisaremos de algumas casas para a nossa representação. (Colocar uma casa de cada lado do trono e uma pequena na frente). Perto do trono está a Árvore da Vida (colocar a árvore). E ali também estarão outras árvores formosas; (colocá-las atrás).

Lá haverá flores (colocar flores). E haverá cordeirinhos (colocar cordeiros), e aves (colocar uma ou duas pombas). Também lá estarão Adão e Eva (colocar as imagens de Adão e Eva). Lá estarão os nossos pais e mães (colocar 4 ou 6 imagens a representar casais). E também vós lá estareis (colocar oito ou dez imagens de crianças). Haverá anjos no Céu (colocar dois anjos ao lado da Árvore da Vida).

Depois de sermos coroados (colocar coroas nas cabeças de algumas imagens que representam crianças) começaremos estas férias agradáveis no Céu. Andaremos pelas ruas de ouro e veremos os portões de pérolas. Veremos o lindo jardim do Éden e comeremos da Árvore da Vida. Veremos Jesus e o anjo Gabriel. Lá estará David para nos contar histórias sobre o cuidado com que guardava os rebanhos de seu pai; também Moisés nos poderá contar as suas experiências quando vivia no palácio do faraó.

Se quisermos, poderemos servir-nos das nossas asas para voar até ao cimo das montanhas. (Early Writings, pág. 19). E

também poderemos visitar outros mundos, como Enoch está a fazer agora. (*Early Writings*, pág. 40).

Ao fim dos mil anos, a Nova Jerusalém será trazida para a Terra. Os maus ressuscitarão e Satanás, quando descer até eles, levá-los-á a acreditar que podem tomar a cidade de Deus. Dir-lhes-á que a cidade lhes pertence.

É que ele deseja destruir Jesus e todas as pessoas boas. Mas Deus lançar-lhe-á fogo do Céu e destruirá Satanás e todos os seus anjos maus; também as pessoas más morrerão e desta vez para sempre. As pessoas boas ficarão dentro dos muros da cidade e ali estarão seguras para sempre.

Iremos nós todos ficar na cidade com Jesus? (Apresentar as duas gravuras dos dois chefes: — Jesus e Satanás).

Esta é a recompensa de Satanás (mostrar a gravura do mundo em chamas).

Esta é a recompensa de Jesus (mostrar a gravura da Nova Terra com crianças brincando e animais).

Jesus quer-nos consigo para sempre. Ele quer-nos dar a Nova Terra. Ali estarão também os animais; ali podereis ter para brincar um gatinho ou um lindo urso preto. Ninguém terá medo, nem os animais farão mal. Nunca teremos fome; também nunca nos sentiremos cansados, nem nunca nos zan-

garemos. Não haverá nada que nos possa ferir, nem magoar; por isso nunca mais voltaremos a chorar, porque também não haverá dores, nem doenças, nem morte. Sentir-nos-emos sempre livres e felizes.

Jesus e os anjos estão agora a preparar-se para nos receberem. Preparemo-nos, também, para Jesus.

Não direis hoje a Jesus que O amais e que Lhe obedecereis? Não Lhe direis que O quereis para vosso chefe?

Ajoelhemos em oração e demos uma oportunidade a todos, que queiram orar. Baixemos a cabeça e fechemos os olhos.

O PRIVILÉGIO DA ORAÇÃO

Deus nos fala pela natureza e pela revelação, pela Sua providência e pelo influxo de Seu Espírito. Isto, porém, não basta; precisamos também deitar-nos perante Ele o nosso coração. Para ter vida e energia espirituais, cumpre estarmos em real comunhão com o nosso Pai celestial. Podem os nossos pensamentos dirigir-se para Ele; podemos meditar sobre as Suas obras, as Suas misericórdias, as Suas bênçãos; mas isto não é, no sentido mais amplo, comungar com Ele. Para entretr comunhão com Deus, é preciso que tenhamos alguma coisa que Lhe dizer acerca da nossa vida.

A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário, a fim de tornar conhecido a Deus o que somos; mas sim para nos habilitar a recebê-lo. A oração não faz Deus baixar a nós, mas eleva-nos a Ele.

Quando Jesus andou na Terra, ensinou aos Seus discípulos como deviam orar. Instruiu-os a apresentar as suas necessidades cotidianas a Deus, e lançar sobre Ele todos os seus cuidados. É a certeza que lhes deu, de que as suas petições seriam ouvidas, constitui também para nós uma certeza.

Jesus mesmo, enquanto andava entre os homens, muitas vezes Se entregava à oração. O Nosso Salvador identificou-Se com as nossas necessidades e fraquezas, tornando-Se um suplicante, um solicitador junto de Seu Pai, para buscar d'Ele novos suprimentos de força, a fim de que pudesse sair revigorado para os deveres e provações. Ele é nosso exemplo em todas as coisas. É um irmão em nossas fraquezas, pois «como nós, em tudo foi tentado»; mas, sem pecado como era, a Sua natureza recuava do mal; suportou lutas e agonias de alma num mundo de pecado. A Sua humanidade tornou-Lhe a oração uma necessidade, e privilégio. Encontrava conforto e alegria na comunhão com o Pai. E se o Salvador dos homens, o Filho de Deus, sentia a necessidade de orar, quanto mais devemos nós, débeis e pecaminosos mortais que somos, sentir a necessidade de fervente e constante oração!

Nosso Pai celestial está desejogo de derramar sobre nós a plenitude de Suas bênçãos. É nosso privilégio beber a largos sarvos da fonte de Seu ilimitado amor. Como é de admirar, pois, que oremos tão pouco! Deus está pronto para ouvir a oração sincera do mais hu-

milde de Seus filhos, e contudo há tanta manifesta relutância da nossa parte, para tornar conhecidas a Deus as nossas necessidades! Que pensarão os anjos do Céu, a respeito dos pobres e desamparados seres humanos, sujeitos à tentação, quando o coração de Deus, pleno de infinito amor, se inclina para eles, pronto para lhes dar mais do que sabem pedir ou pensar, e contudo oram tão pouco, e tão pouca fé exercem! Os anjos têm prazer em prostrar-se perante Deus; deitam-se em estar em Sua presença. Consideram a comunhão com Deus como seu mais alto gozo; e contudo os filhos da Terra, que tanto precisam do auxílio que só Deus pode dar, parecem satisfeitos com andar sem a luz do Seu Espírito, a companhia da Sua presença.

«O Nosso Amiguinho»

«O Nosso Amiguinho», publicado no Brasil, é a revista ideal para as crianças. Devia encontrar-se em todos os lares.

Os pedidos podem ser feitos através da Publicadora Atlântico, Lda.